



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Fernanda Catão de Miranda Santos

A VOZ DAS PESSOAS NO DESENHO DO ESPAÇO
PÚBLICO ATRAVÉS DO URBANISMO TÁTICO

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura,
orientada pela Professora Doutora Margarida Relvão Calmeiro
e apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia
da Universidade de Coimbra.

Julho de 2023

A VOZ DAS PESSOAS NO DESENHO DO ESPAÇO PÚBLICO ATRAVÉS DO URBANISMO TÁTICO

Dissertação desenvolvida por Fernanda Catão de Miranda Santos,
com a orientação do Professora Doutora Margarida Relvão Calmeiro

Mestrado Integrado em Arquitetura do Departamento de Arquitetura
da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra

Julho de 2023

Notas de edição

a) Neste documento são adotadas as normas de APA 7th

b) Devido à vivência luso-brasileira da autora, aderem-se variações linguísticas dos dois países

Agradecimento

A Deus.

A todos os professores que fizeram parte no meu percurso acadêmico, em especial à Professora Doutora Margarida Relvão Calmeiro pelo apoio constante para a realização dessa dissertação e por me incentivar em minhas investigações.

Ao Nina por todo auxílio.

A todos os meus amigos, sobretudo Ana Luiza, Ana Morena, Arthur, Bernardo, Diana, Isadora, Júlia, Luiza, Mara, Rafaela e Sara pela companhia e por tornarem todo esse processo mais leve e divertido.

Às pessoas com quem conversei sobre as ações táticas estudadas, em especial a Tiago Castro, a Tiago Antero, e aos moradores de Monte Formoso, pela atenção e pela disponibilidade de partilhar comigo suas vivências do Urbanismo Tático.

Aos membros do ZÁS Colectivo, Arthur, Artur, Barbara, Diana, Fred, Gonçalo, Ivan e Lara, que me permitiram pôr em prática essa abordagem aqui estudada.

À minha família, em especial, à minha mãe e ao meu pai, Cláudia e Fernando, pelo apoio e amor incondicional. À minha tia Lígia, meu tio Júlio e minha prima Ivy, pelo apoio. À minha avó Teresinha, pelas rezas constantes, e ao meu avô, Manoel, que do céu me protege.

RESUMO

Esta dissertação busca fazer uma reflexão sobre a participação das pessoas no desenvolvimento de projetos no espaço público através do urbanismo tático e sobre o contributo que essa abordagem pode trazer para a cidade e para a comunidade.

Para tal, procurou-se compreender a importância do espaço público para os indivíduos e para a vida urbana, a relevância de incluir métodos participativos no processo de elaboração de uma obra, e o que define e caracteriza o urbanismo tático, através da elaboração de uma revisão bibliográfica. Em adição, foi feita uma análise profunda de três ações táticas realizadas em território português, sendo ‘VivaCidade. Vestir os vazios urbanos’, ‘Apropriação do Bairro Leal’ e ‘Rega o teu bairro’. Através de entrevistas com os promovedores e a comunidade envolvida, assim como de visitas aos sítios de intervenção, para recolha de dados para investigação.

Por fim, realizou-se uma análise comparativa entre essas intervenções, para com isto averiguar os desafios de envolver a população local no processo de realização do urbanismo tático, bem como enquadrar como essa abordagem ocorre em Portugal. Da observação desses dados foi possível concluir que a aplicação de métodos participativos, em especial no urbanismo tático, permite criar sentimento de pertença da comunidade com a sua vizinhança. Além disso, auxilia a conhecer a narrativa local e a transmitir isso na intervenção, possibilitando uma conexão das pessoas com a identidade do local. O urbanismo tático permite que esses laços surjam na população de forma mais rápida, por serem ações caracterizadas pelo seu baixo custo e seu curto prazo.

Palavras-chave: urbanismo tático, espaço público, participação, comunidade, Portugal

ABSTRACT

This dissertation seeks to reflect on the participation of people in the development of projects in public space through tactical urbanism and on the contribution that this approach can bring to the city and the community.

To this end, we sought to understand the importance of public space for individuals and urban life, the relevance of including participatory methods in the process of designing a work, and what defines and characterizes tactical urbanism, through the elaboration of a bibliographic review. In addition, an in-depth analysis was made of three tactical actions carried out in Portuguese territory, being 'VivaCidade. Dressing the urban voids', 'Appropriation of Bairro Leal' and 'Water your neighborhood'. Through interviews with the promoters and the community involved, as well as visits to the intervention sites, to collect data for research.

Finally, a comparative analysis was carried out between these interventions, in order to ascertain the challenges of involving the local population in the process of realizing tactical urbanism, as well as to frame how this approach occurs in Portugal. From the observation of these data, it was possible to conclude that the application of participatory methods, especially in tactical urbanism, allows to create a sense of belonging of the community with its neighborhood. In addition, it helps to know the local narrative and to transmit this in the intervention, enabling a connection of people with the identity of the place. Tactical urbanism allows these ties to emerge in the population more quickly, as they are actions characterized by their low cost and short term.

Keywords: tactical urbanism, public space, participation, community, Portugal

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

BL - Bairro Leal

CES - Centro de Estudos Sociais

CML - Câmara Municipal de Lisboa

CMV - Câmara Municipal de Aveiro

DGARTES - Direção-Geral Das Artes

DIY - Do it yourself

EP - Espaço público

OPAD - Orçamento Participativo *de Ação Direta*

RB - Rega o teu bairro

SAAL - Serviço de Apoio Ambolatório Local

UT - Urbanismo tático

VC - Vivacidade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
objetivos.....	23
estrutura e método	25
PARTE 1 – referências teóricas.....	29
1.1 Espaço público e processos participativos.....	31
1.2 Urbanismo Tático?.....	47
1.2.1 Isso não é Urbanismo Tático!.....	49
1.2.2 Inspirações e contexto histórico.....	55
1.2.3 Características do Urbanismo Tático.....	63
1.2.4 Urbanismo Tático em ação.....	99
1.2.5 Limitações do Urbanismo Tático.....	105
PARTE 2 – casos de estudo	111
2.1 Caracterização e categorias de análise	113
2.2 VivaCidade. Vestir os vazios urbanos	119
2.2.1 Motivações	121
2.2.2 Situação preexistente	121
2.2.3 Atores.....	123
2.2.4 Processo de implementação e participação.....	125
2.2.5 Situação atual	129
2.3 Apropriação do Bairro Leal.....	133
2.3.1 Motivações	135
2.3.2 Situação preexistente	137
2.3.3 Atores.....	137
2.3.4 Processo de implantação e participação	139
2.3.5 Situação atual	143
2.4 Rega o teu bairro	147
2.4.1 Motivações	149
2.4.2 Situação preexistente	151

2.4.3 Atores.....	153
2.4.4 Processo de implementação e participação.....	155
2.4.5 Situação atual	163
2.5 Análise comparativa.....	165
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	183
REFERÊNCIAS.....	191
Anexos	213
Anexo 1	215
Entrevista com Tiago Castro sobre o projeto VivaCidade e LUCity. Realizada 13 de julho de 2022.....	215
Anexo 2	235
Entrevista com Tiago Antero sobre o projeto Apropriação do Bairro Leal. Realizada 11 de novembro de 2022	235
Anexo 3	253
Cartaz de divulgação da caminhada exploratória realizada em Monte Formoso.	253



Figura 1. Ilustração que destaca a presença das pessoas no espaço público. Ilustração pela autora, 2022.

INTRODUÇÃO

O espaço público está presente no dia a dia das pessoas . Nesse sentido, o espaço público enquanto palco de interações sociais, econômicas e culturais, pode ter diversos desenhos, usos e equipamentos. São o lugar da polis da cidade contemporânea, sendo assim, um lugar de e para todos os cidadãos (Gehl, 2013). Porém, esse só cumpre com êxito o seu papel quando a sua relação com os cidadãos é bem conseguida.

Nessas circunstâncias, o envolvimento dos cidadãos na elaboração de projetos desse tipo de espaço é crucial. Pois, um arquiteto ou um coletivo, se não incluir a comunidade terá uma visão superficial sobre as problemáticas do lugar. Como afirma o antropólogo Tim Ingold (2013), apenas aprendendo com a comunidade se poderá pensar no seu futuro.

Além de que, um processo participativo evita o sentimento de descrença da comunidade sobre o projeto (Till, 2005), levando-a a abraçar a proposta. Move as pessoas a terem um novo olhar para o espaço público, criando um senso de pertencimento e de identidade em relação ao local através da nova intervenção. Em outras palavras, envolver os cidadãos no desenvolvimento de seu espaço comum é permitir que se enxerguem em sua própria cidade. Sendo assim, um arquiteto deve levar em conta no seu desenho a voz das pessoas.

Há diferentes níveis de participação das pessoas no processo de desenvolvimento do projeto, como classifica Arnstein (1969), entretanto bem sabemos que a maioria dos planejamentos urbanos oferecem o “poder falsificado”¹. Ou seja, chamam a população a passar a informação, a fazer uma consulta ou a votar, mas, no fim, o seu envolvimento não tem força na decisão final do projeto. Outro problema nesse método participativo está na comunicação entre os especialistas e os não especialistas, pois muitas vezes a apresentação dos projetos é feita por profissionais através de desenhos e de linguagem não compreensíveis para todos (Till, 2005). Esse aspecto dificulta a compreensão dos cidadãos, bem como a capacidade para manifestar a sua opinião.

Em relação ao processo clássico de desenvolvimento de projetos para os espaços públicos, os processos participativos tendem a ser mais longos. O que pode fazer com que a população se sinta distante e desconectada da intervenção, mesmo com o seu envolvimento no processo. Isso ocorre devido à demora em verem a concretização do que discutiram ou solicitaram.

¹ Tradução livre da autora do termo *counterfeit power* que caracteriza os três níveis de *Degrees of Tokenism: informing, consultation, placation* (informativo, consulta e apaziguamento).



Figura 2. Ilustração que destaca a presença das pessoas no espaço público. Ilustração pela autora, 2022.

Uma possível resposta para resolver essas questões é o urbanismo tático, que, ao contrário de outros métodos, envolve a participação das pessoas e produz intervenções de curto prazo e de baixo custo. Dessa forma, possibilita uma resposta rápida e barata a um problema urbano, com a aprovação da população. Apesar de temporária, após a verificação do sucesso e da pertinência da intervenção é possível, criar uma intervenção mais duradoura, tornando mais fácil conseguir um financiamento público.

Estas ações podem surgir da própria comunidade, ou estar associadas a um coletivo e / ou a arquitetos. Podem mesmo ser construídas em conjunto com as pessoas, que não são apenas envolvidas numa das etapas do desenvolvimento, mas em todo o processo. Sendo assim, as pessoas não se limitam a colaborar na elaboração do projeto, mas são participantes ativas.

Esses pontos apresentados demonstram a pertinência de compreender o Urbanismo Tático, dado que apresenta uma nova abordagem sobre a participação nas cidades, bem como possibilita um envolvimento direto das pessoas na transformação de seu bairro. Faz-se oportuno averiguar e enquadrar como ações táticas com métodos participativos ocorrem no território português, devido à existência de lacunas na produção acadêmica sobre essa temática em Portugal.

Tendo em vista o que foi referido, a presente dissertação pretende investigar o papel do Urbanismo Tático como abordagem participativa para intervenções em espaços públicos, especificamente em território português, com o objetivo de discutir as possibilidades e as dificuldades da construção coletiva da cidade. Tendo em vista que essa prática pode abranger diferentes ações, também se fez necessário compreender o conjunto de características e de princípios que a definem.

OBJETIVOS

A partir do enquadramento apresentado coloca-se a questão de investigação:

Como pode o urbanismo tático dar voz às pessoas na construção do espaço público em Portugal?

É importante compreender de que maneira a participação ocorre nessa abordagem em território português, porque possibilita caracterizar e averiguar o benefício e o potencial que as ações táticas têm para agir nos espaços públicos. Para melhor responder a esse questionamento principal, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- Verificar qual a importância da participação das pessoas na criação do espaço público, para criar sentimento de pertencimento e de identidade com o lugar;
- Definir o que é urbanismo tático, quais são as suas características e como se realiza;
- Verificar quais são os possíveis contributos e benefícios da utilização do urbanismo tático;
- Averiguar de que maneira as ações táticas ocorrem em Portugal e como fazem a integração de métodos participativos no seu processo de criação.

Nesse sentido, é uma finalidade desta dissertação procurar, a partir do entendimento geral dos métodos de participação, com enfoque no urbanismo tático, analisar casos em Portugal de modo a avaliar os impactos dessas intervenções na vida do espaço público e da comunidade.

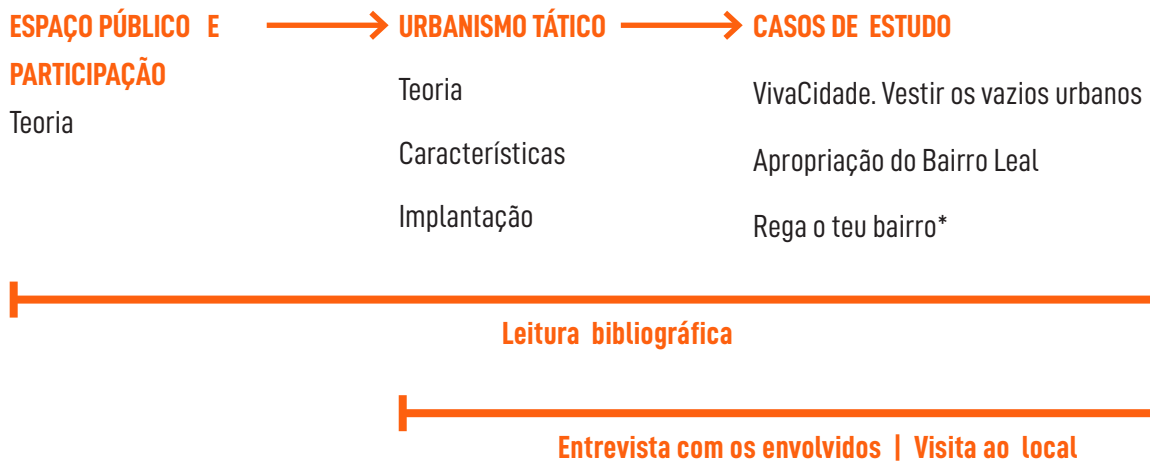


Figura 3. Esquema representando o método utilizado a dissertação. Elaborado pela autora, 2023.
 *Nesse caso de estudo a autora foi um dos agentes participantes no projeto.

ESTRUTURA E MÉTODO

O conteúdo de investigação foi organizado em duas partes. A primeira parte apresenta um enquadramento teórico, a segunda realiza uma análise aprofundada de três ações táticas realizadas em território português. De forma mais detalhada:

A **Parte 1 – referência teórica** – faz uma contextualização teórica sobre o espaço público, o processo participativo e o urbanismo tático. Para isso é subdividida em dois tópicos, onde o **1.1 – espaço público e processos participativos** – aborda o que define um espaço público (EP) e o seu papel para a cidade e para as pessoas, com o objetivo de compreender a importância desses locais para a vida urbana e para o cotidiano dos cidadãos. Esses conceitos foram afirmados com base em Gehl (2013), Gemzøe (2000), Harvey (2014), Jacobs (2015), Lefebvre (2016), Lynch (1960) e Tibbalds (1988). Desenvolve ainda o que é ter um processo participativo no desenvolvimento de um projeto, as escalas de envolvimento de indivíduos, as formas de inclusão desse método na intervenção de um espaço público e, por fim, como se têm desenvolvido as abordagens participativas em Portugal. Isso nos permite analisar a contribuição para o projeto final do envolvimento das pessoas no processo. Os autores utilizados para embasar essa visão são Arnstein (1969), De Carlos (1969), Healey (1997), Querrien (2005), Ratti & Claudel (2016), Till (2005), Veenhoff & Pater (2021).

Concluimos com **1.2 – Urbanismo tático?** – onde referimos os conceitos principais que caracterizam as ações táticas, o contexto em que surgem, como as iniciativas se realizam e as limitações dessa abordagem. Os exemplos utilizados para ilustrar estes projetos são na sua maioria realizados em solo nacional. Essa secção nos permite entender o que é urbanismo tático e demonstrar a presença desse método em Portugal. Isso foi feito através da leitura das obras de Brenner (2016), Fontes et al. (2021), Lydon & Garcia (2015), Sassen (2014), Silva (2016), bem como de investigação das mídias sociais, de blogues e de notícias sobre ações táticas realizadas em Portugal.

A **Parte 2 – casos de estudos** – apresenta, analisa e compara três exemplos de urbanismo tático: ‘VivaCidade. Vestir os vazios urbanos’, ‘Apropriação do Bairro Leal’ e ‘Rega o teu bairro’. Para tal, entre junho de 2022 e julho de 2023 foram realizadas entrevistas com os profissionais e com a comunidade envolvidas nessas intervenções. O guião de base foi elaborado através do estudo prévio sobre cada projeto, feito a partir da análise de documentos, de mídias publicadas pelos promovedores das ações e de notícias. Buscou-se compreender o contexto e as motivações que levaram às iniciativas, os atores envolvidos, as origens do financiamento, os processos de implantação e de participação das pessoas, bem como quais foram os benefícios das intervenções e do uso de métodos participativos nos processos. Para

além disso, as entrevistas foram complementadas com visitas aos locais para observar o estado atual das intervenções, e com análise de documentos, de mídias públicas e de reportagens.

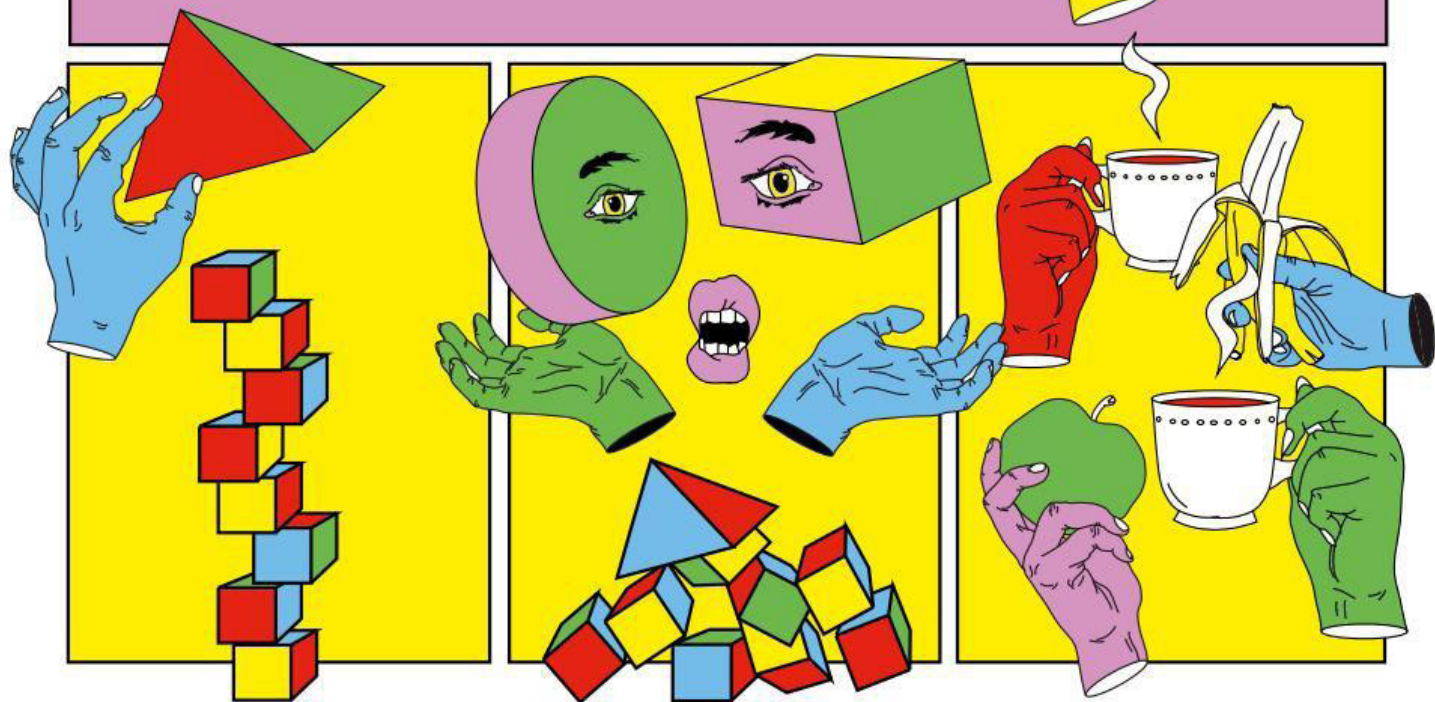
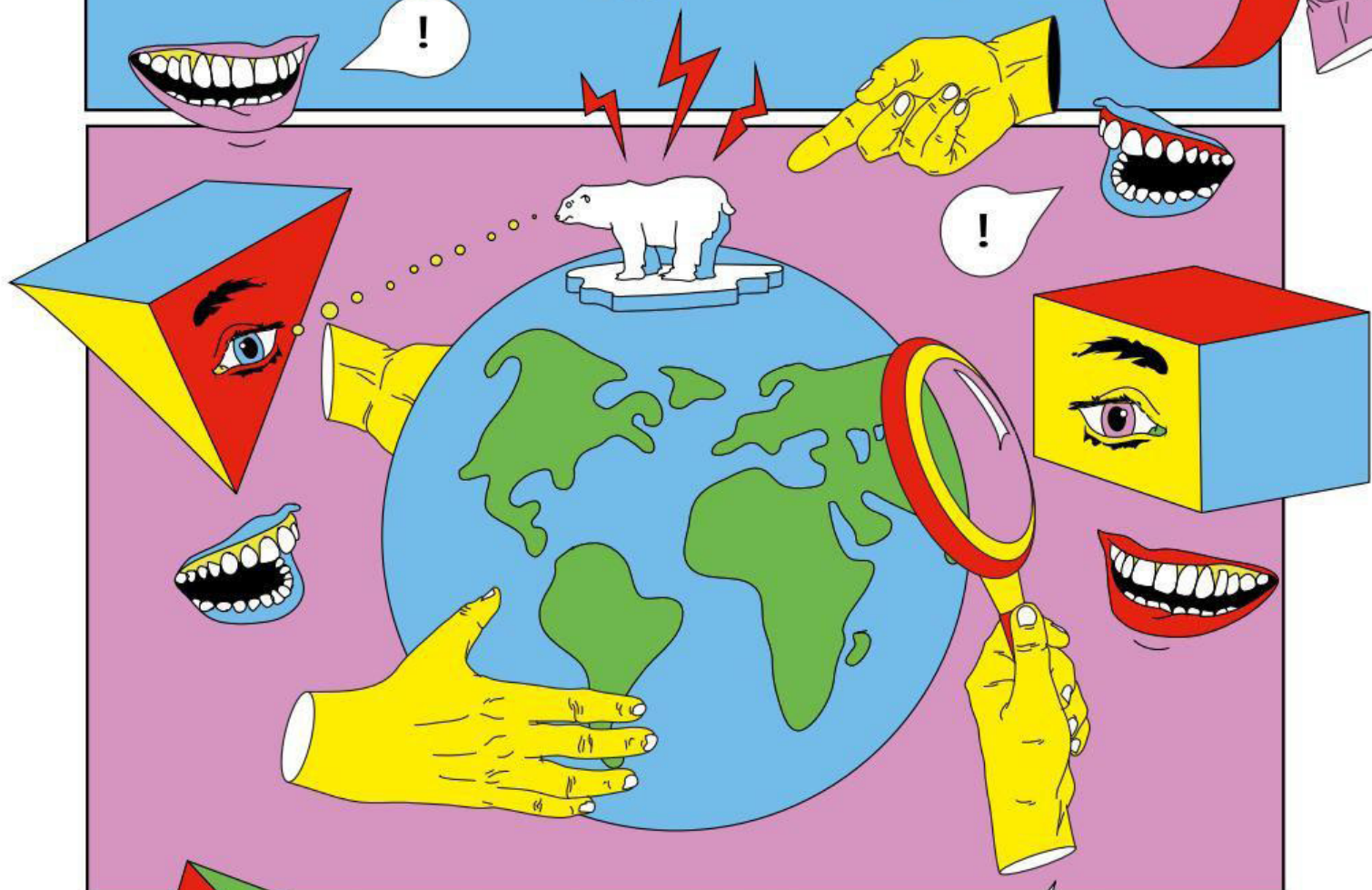
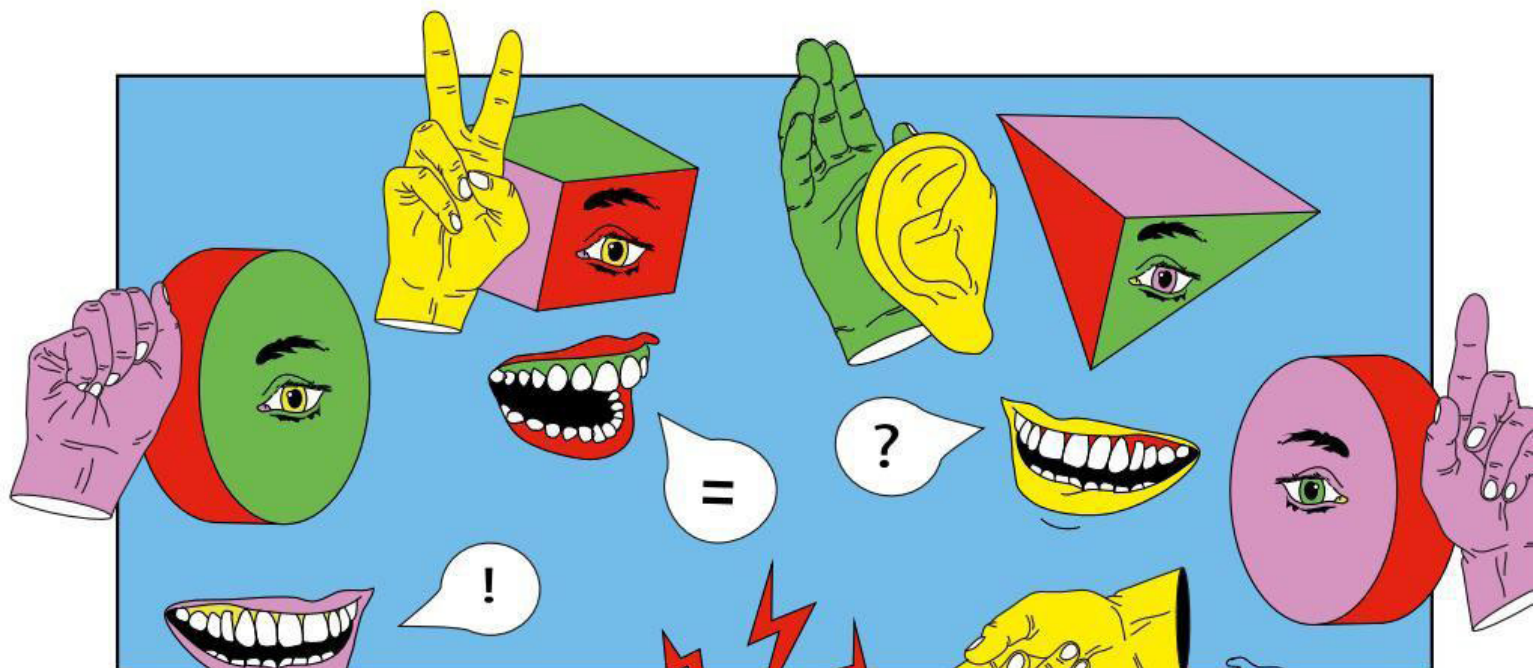
Tendo em consideração que essa dissertação tem como objetivo compreender o impacto do urbanismo tático e dos métodos participativos nas cidades e na comunidade, especificamente em território português, foi definido como critério para a seleção das ações táticas que estas deveriam utilizar métodos participativos no processo e que se fosse possível realizar entrevistas e conversar com os agentes envolvidos, incluindo os profissionais, os cidadãos envolvidos e os utilizadores finais. Nesse sentido, os casos de estudos selecionados são projetos recentemente desenvolvidos por agentes portugueses no território nacional, o que permitiu o contato com os envolvidos e visitar o local. Buscou-se casos que demonstrassem as principais características do urbanismo tático e que tivessem sido ações bem recebidas e sucedidas no bairro intervencionado.

De acordo com as principais características do urbanismo tático, que são apontadas na primeira parte, os exemplos táticos trazidos têm a intenção de clarificar como é a sua aplicação no contexto português. Como estratégia, escolheu-se analisar projetos com diferentes contextos sociais, econômicos e culturais. A decisão de estudar um caso em Aveiro ('VivaCidade. Vestir os vazios urbanos') e no Porto ('Apropriação do Bairro Leal'), ficou a dever-se à facilidade de acesso que permitiu uma análise profunda, rápida e extensa dentro do período disponível para realizar essa dissertação. Isso porque a comunicação com os organizadores e com a população era fácil e a localização permitia realizar visitas aos sítios sem grandes dificuldades.

A esses casos juntou-se um realizado em Coimbra ('Rega o teu bairro'). Este permitiu um acompanhamento de todo o processo da ação tática, pois foi conduzido pela organização do ZÁS colectivo, do qual sou integrante. Sendo assim, permitiu-me ter acesso a todo o desenvolvimento, e ser uma participante ativa da aplicação do urbanismo tático que utiliza métodos participativos num cenário português.

A apresentação desses casos de estudos é realizada através de secções dedicadas a cada um, as quais contêm uma descrição geral sobre as ações, aprofundando em cinco pontos: situação preexistente, motivações, atores, processo de implantação e participação, situação atual.

A partir da análise dessas ações, as reflexões finais apontam as semelhanças detectadas, mesmo sendo realizadas em diferentes cidades, contextos e períodos. Também descreve as consequências observadas no espaço e na comunidade. Por fim, apresenta as limitações e as problemáticas encontradas ao concretizar-se essas ações táticas. Com o apoio das considerações finais, consegue-se perceber quais foram os contributos dessa investigação para a minha formação como arquiteta.



PARTE 1 – REFERÊNCIAS TEÓRICAS

Nessa primeira parte será feito um enquadramento sobre a importância do espaço público (EP) para a cidade e para as pessoas, bem como qual a relevância de ter um olhar atento sobre seus problemas e seus potenciais, principalmente na pequena escala, e o impacto de se integrar métodos participativos nos projetos para esses espaços.

Sendo assim, começamos contextualizando o papel do EP e o direito das pessoas sobre ele, para isso os autores que utilizaremos são Gehl (2013), Gemzøe (2000), Harvey (2014), Jacobs (2015), Lefebvre (2016), Lynch (1960) e Tibbalds (1988). Seguido da importância da participação no processo de desenvolvimento de projetos para EP, onde usaremos Arnstein (1969), De Carlos (1969), Healey (1997), Querrien (2005), Ratti & Claudel (2016), Till (2005), Veenhoff & Pater (2021) para embasar discurso.

Por fim, definiremos o que é Urbanismo Tático (UT) e como essa abordagem pode ser a resposta para agir em EP de pequena escala e em conjunto com a comunidade. Para assim fazer, além de trazer a visão mais teórica sobre o que significa esse termo, apresentaremos exemplos concretos de ações principalmente nacionais realizadas. Para esse propósito, utilizo os teóricos como Brenner (2016), Fontes et al. (2021), Lydon & Garcia (2015), Sassen (2014), Silva (2016).

1.1 ESPAÇO PÚBLICO E PROCESSOS PARTICIPATIVOS

A cidade é produto do coletivo de cidadãos, isso porque diversos agentes urbanos atuam na sua produção. Esses são as pessoas, o contexto cultural, econômico, geográfico e as medidas governamentais em diversas escalas. Sendo assim, a cidade é modificada por esses agentes, como também, é o seu palco. Dessa forma, o planejamento da cidade não pode ser feito ignorando-os, mas sim compreendendo as suas complexidades individuais e suas interações no espaço urbano. Segundo Lefebvre (2016) a cidade é um sistema de significados, de sentidos e de valores. Esse sistema só acontece devido à prática social que surge através do cotidiano.

Como afirma Jane Jacobs:

“Ao lidarmos com as cidades, estamos lidando com a vida em seu aspecto mais complexo e intenso. Por isso, há uma limitação estética fundamental no que pode ser feito com as cidades: *uma cidade não pode ser uma obra de arte.*” (Jacobs, 2015, p. 415)

Dessa complexa realidade urbana, destaca-se o espaço público. Este pode ser entendido como zonas de uso comum e de posse coletiva. Como afirma Gehl (2013), estas são as novas pólis da cidade contemporânea, ou seja, um lugar de e para todos os cidadãos.

Mas o que são espaços públicos (EP)? São os espaços vazios da cidade, é o que resta dos recheios públicos e privados da malha urbana, sendo zona de circulação e / ou de socialização. São os lugares da cidade que pertencem a todos, portanto, todos deveriam sentir que estes espaços lhes pertencem. O espaço público é o palco da vida da cidade, o lugar onde as pessoas se encontram e interagem, onde a vida social se desenrola, e a imagem disto é um elemento essencial da cidade para as pessoas (Lynch, 1960).

A relevância do EP para cidade diferencia-se de acordo com a grupo socio-profissional, contexto socio-cultural, a faixa etária, a estrutura e o tipo de função que serve ao bairro onde localiza-se (Levitas, 1986). Levando em conta que a cidade promove o contato humano, as suas zonas centrais assumem-se como importantes polos, já que proporcionam a possibilidade de encontro entre os indivíduos. No passado, muitas atividades eram realizadas ao ar livre, como o lavar roupa e o comércio (feira de rua), entretanto, na contemporaneidade, foram deslocadas para o interior dos edifícios devido às suas especializações e suas compartimentações (Ellin, 1996). Sendo assim, o EP é mais utilizado como espaço social e de lazer, como aponta Gehl & Gemzøe (2000).

Na perspectiva das pessoas, o EP apresenta-se como um lugar onde essas podem entrar em

contato com sua comunidade e interajam de forma diferente do que acontece na esfera privada (Sennett, 1999). Além disso, é um espaço de identificação social e cultural, sendo assim, é um espelho do contexto que o cerca. Mas tem que se levar em conta que, com a globalização, a identidade coletiva de uma comunidade tornou-se muito mais complexa, de forma que a experiência de um mesmo lugar pode ser diferente de pessoa para pessoa (Silvano, 2017). Sendo assim, para as pessoas o EP é principalmente um lugar de convívio e de construção de identidades coletivas.

“Todas as sociedades têm, com efeito, de lidar com a extensão, quer dizer que todas estão situadas no espaço, num espaço que elas particularizam e que as particulariza.” (Paul-Lévy e Segaud, 1983 como citado em Silvano, 2017, p. 72)

Dado o exposto, os EP têm grande influência na vivência das pessoas na sua cidade, portanto todos deveriam ter a acesso a espaços com boa qualidade. Segundo Lefebvre (2016), as pessoas têm o direito à cidade, não apenas à existente, mas a uma cidade dinâmica, a uma vida urbana transformada, a uma outra cidade verdadeiramente desejada. Cerca de cinquenta anos depois, Harvey (2014) atualiza esse pensamento de Lefebvre. Defende que o direito à cidade deve ser entendido como o direito coletivo de controlar democraticamente a sua produção e o seu uso, sendo assim, todos devem poder fazer parte do processo de construir essa nova cidade. Como sintetiza Farias: “A cidade que se deseja ter tem a ver com o tipo de pessoas que se deseja ser” (Farias, 2018, p. 76).

Mas o que constitui um bom espaço público? Diferentes autores buscaram obter a fórmula perfeita para definir quais as características essenciais que esses espaços devem ter. Jacobs e Appleyard (1987), no seu manifesto sobre o desenho urbano, o qual buscava reabilitar a cidade tradicional, ou seja, afastar a visão de que na urbe o espaço exterior público (rua e praças) é espaço sobrando e insignificante, definiram sete objetivos para criar um EP de qualidade: a vivência, a identidade e o controle, o acesso a oportunidades, a imaginação e distração, a autenticidade e significado, a vida pública e comunitária, a autoconfiança urbana e o bom ambiente para todos. Por sua vez, Tibbalds (1988) afirma que para se chegar a um EP de boa qualidade deve-se estar atento às heranças do passado e construir as novas infraestruturas no contexto existente, incentivar variedade de funções urbanas e de liberdade de circulação, satisfazer as necessidades para que pessoas de diferentes contextos sociais o utilizem e evitar realizar modificações em grande escala. Ademais, é importante focar no planejamento do espaço antes de o construir, ter atenção à escala humana e possibilitar a interação entre as pessoas e o EP (e vice-versa).

Já para Jaime Lemmer, um bom EP é capaz de acolher a diversidade:

“Conecta-se a dois elementos fundamentais à qualidade de vida urbana: a

Descrição	Degraus de Arnstein's	Explicação
Graus do poder cidadão	8. Controle do cidadão	Os cidadãos têm autoridade para tomar decisões e podem afetar os resultados
	7. Poder delegado	Os residentes tomam as decisões finais em algumas áreas importantes
	6. Parceria	As empresas do bairro que recebem financiamento diretamente são o modelo ideal
Graus do tokenismo	5. Posicionamento	Fluxo de informações unidirecional
	4. Consulta	O feedback às vezes é solicitado, mas não está vinculado à tomada de decisões
	3. Informação	Os participantes nem sempre são representativos das comunidades afetadas
Não-participação	2. Terapia	Os detentores de poder buscam mudar o comportamento dos participantes
	1. Manipulação	Os participantes são intencionalmente enganados sobre a natureza do esforço

Figura 5. Degraus de envolvimento das pessoas em projeto proposto por Arnstein. Tabela adaptada de Arnstein, 1969. Elaborado pela autora, 2023.

identidade e a coexistência. A identidade gera o sentimento de pertencimento, a referência que nos orienta enquanto cidadãos. No âmbito urbano, a identidade se reflete nos vínculos que estabelecemos com os espaços da cidade, seus elementos de referência - patrimônio histórico, rios, ruas, praças e parques, edifícios emblemáticos -, que passam a fazer parte constitutiva do nosso cotidiano. Quanto mais diversificada for a cidade, mais humana ela será, na medida em que se entenda que a coexistência – a receita de se abraçar a diversidade enquanto se valoriza a identidade – deva ser exercitada.” (Jaime Lemer, 2013, p. XIII)

Entretanto, muitas vezes o desenho, o uso e o equipamento que esses lugares oferecem às pessoas que usufruem diariamente deles não são coerentes, atrativos ou suficientes para elas. Então, como solucionar essa problemática?

O envolvimento das pessoas no processo de desenvolvimento do EP pode ser uma resposta. Isto porque permite criar uma ponte de comunicação entre a comunidade e o espaço público, uma vez que dá voz às pessoas para que expressem a sua visão dos problemas, das necessidades e das possíveis soluções para o lugar de intervenção.

Essa ideia de planejamento participativo surgiu como uma resposta às abordagens racionalistas tradicionais aplicadas nas décadas de 1960 e 1970, que passaram a ser criticadas como antidemocráticas e indiferentes às necessidades urbanas. O movimento modernista colocava o foco numa busca pela racionalidade. As soluções encontradas pelos arquitetos modernistas, membros da classe dominante, refletiam o seu distanciamento do contexto e das necessidades dos demais grupos excluídos do poder, subtraindo do processo questões sociais, econômicas e culturais (De Carlos, 2005).

Este cenário deu abertura ao surgimento de novas reflexões sobre como planejar o espaço urbano levando em conta os interesses da população, sendo o caso dos ensaios teóricos de Shelly Arnstein (1969), Giancarlo de Carlos (1969) e Patsy Healey (1997).

Segundo Arnstein (1969), a participação da população é um termo categórico para poder do cidadão. É a redistribuição do poder que permite que os cidadãos marginalizados, tradicionalmente excluídos dos processos políticos e econômicos, sejam incluídos no futuro. Desenvolveu uma escala de níveis de envolvimento das pessoas num projeto, como apresenta na Figura 5. Esses graus vão de participação *tokenism*² até total controle do processo pelos cidadãos participantes. Defende que a participação sem essa redistribuição é vazia e frustrante

²*Tokenism* = uma ação de fachada, ou seja, existe mais não é concretamente levada à sério.

para as pessoas sem poder de ação, pois quem detém esse poder pode declarar que considerou todas as questões, entretanto escolhe o que será beneficiado.

“The idea of citizen participation is a little like eating spinach: no one is against it in principle because it is good for you. Participation of the governed in their government is, in theory, the cornerstone of democracy—a revered idea that is vigorously applauded by virtually everyone. The applause is reduced to polite handclaps, however, when this principle is advocated by the have-not blacks, Mexican-Americans, Puerto Ricans, Indians, Eskimos, and whites. And when the have-nots define participation as redistribution of power, the American consensus on the fundamental principle explodes into many shades of outright racial, ethnic, ideological, and political opposition.” (Sherry R. Arnstein, 1969, p.1)

Giancarlo De Carlos (2005) afirma que a forçada passividade dos usuários dos espaços deve ser dissolvida em uma condição de criatividade e de decisão equivalente à dos arquitetos. Para o autor, a descoberta das necessidades das pessoas é um pré-requisito para o projeto, provando-se essencial para encontrar soluções que focam nas necessidades básicas do lugar. A participação dos usuários não é apenas uma etapa do processo, mas algo intrínseco à produção de um bom espaço. Já que segundo De Carlos:

“Architecture is too important to be left to architects” (De Carlos, 2005, p. 11)

De acordo com Healey (2003) o planejamento colaborativo pressupõe a interação entre os cidadãos e as partes interessadas, e inclui algum tipo de processo governamental. Afirma que não é apenas recolher as opiniões e realizar consultas com a comunidade, mas envolver as pessoas ativamente em todas as fases do planejamento. Aponta ainda que o processo não poder ser visto como uma ferramenta para chegar ao resultado, mas sim como o ponto mais importante no desenvolvimento de um projeto.

“[...] particular forms of collaborative process may have the potential to be transformative, to change the practices, cultures and outcomes of ‘place governance’, and, in particular, to explore how through attention to process design, such processes could be made more socially just, and, in the context of the multiplicity of urban social worlds, more socially inclusive” (Healey, 2003, p.107)

No início do século XXI, surgiu a ideia de cocriação aplicada ao espaço público. Segundo Veenhoff & Pater (2021), essa abordagem se distingue de planejamento participativo, porque este apenas busca a colaboração da comunidade em uma intervenção proposta por agentes externos, enquanto a cocriação chama as pessoas a pensar o espaço de forma reflexiva, a

analisarem suas problemáticas e potencialidades, e a criarem, juntas, uma possível solução:

“It is about bringing things into being, together, forming them out of nothing. You can dream up something that wasn’t there before. And make it happen.”
(Veenhoff & Pater, 2021, p. 17)

Atualmente, temos autores como Till (2005), que defende que a participação é uma negociação e que deve envolver a comunidade em todas as etapas. Afirmo que o conhecimento especializado dos profissionais deve ser combinado com o conhecimento da população sobre o espaço, pois somente assim é possível chegar a soluções mais relevantes, inclusivas e adaptadas às reais necessidades das pessoas. Argumenta que a presença da participação é vista como uma ameaça à prática normativa da arquitetura, entretanto os arquitetos devem vê-la como uma oportunidade para reformular a prática da arquitetura.

“Participation is the space in which hope is negotiated. What is clear is that this hope refers not just to a better future for the users of the built environment, but also to a better future for architectural practice.” (Till, 2005, p. 40)

Levando em conta as ideias apresentadas, esta dissertação adota a visão de que o envolvimento das pessoas no desenvolvimento de um projeto é um símbolo de empoderamento da população sobre as decisões tomadas perante a sua cidade (Arnstein, 1969). E que há mais valor em projetar com a comunidade do que para essa. Bem como, se possível, aplicar não só um sentido de colaboração, mas de cocriação das cidades.

No cenário português, a experiência da participação pública na prática do planejamento urbano surgiu num contexto de redemocratização, em resposta às práticas utilizadas durante o Estado Novo. Isso se deu com o SAAL – Serviço de Apoio Ambulante Local, em 1974, um programa considerado um “processo excessivamente revolucionário face ao sistema representativo, por se encontrarem nos seus alicerces formas de democracia direta” (Teotónio Pereira, 1993, p. 30). Estas operações focavam a reabilitação de zonas de habitação degradadas e a construção de novas habitações para famílias em condição de abandono.

Em 2002, a cidade de Palmela realizou a primeira experiência de Orçamento Participativo³ do país. Depois, em 2007, Lisboa colocou essa ideia em prática com o movimento “Cidadãos por Lisboa”⁴, que desencadeou um aumento exponencial na execução de práticas participativas.

3 Orçamento Participativo = é um mecanismo de democracia participada e participativa que permite aos cidadãos terem o poder de decisão direta sobre a utilização de verbas públicas na promoção das políticas públicas.

4 Cidadãos por Lisboa = é uma Associação Cidadãos por Lisboa é um espaço de cidadania aberto à participação de eleitores, movimentos de cidadãos e associações cívicas, culturais e sociais, na cidade de Lisboa.

Em pesquisa realizada pelo Observatório Nacional da Participação⁵ em 2020, foram identificados cerca 300 processos participativos ativos em Portugal, a maioria dos quais são financiados através de Orçamento Participativo à escala municipal.

No contexto atual, os meios de comunicação facilitaram o acesso das pessoas aos processos participativos. Segundo Ratti e Claudel (2016), as novas tecnologias digitais têm o potencial de modificar a maneira como as pessoas participam e contribuem em planejamentos urbanos. Afirmam que as mídias digitais promovem democratização do planejamento urbano, porque o tornam acessível aos indivíduos de forma mais ampla e aberta, de forma que as pessoas facilmente podem partilhar suas opiniões e ideias sobre o projeto. Aponta que as plataformas online possibilitam uma melhor coleta de dados, através de mapas interativos e de fóruns de participação, sendo assim, oferecem um melhor entendimento do comportamento dos cidadãos, dos desafios e das oportunidades do espaço. Beneficiam também as pessoas, já que disponibilizam a visualização digital do projeto e da maquete, e facilitam a busca de informações sobre o projeto.

“With increasingly ubiquitous computing, urban life plays out at the convergence of physical and digital space, and a new citizenship may emerge. Forums for participation may allow the citizenry to engage in collective action and transform the space around them: the city of the future will emerge from collaborative future craft at the intersection of the digital and physical worlds.”
(Ratti & Claudel, 2016, p. 71)

Para além disso, os autores defendem a existência de uma nova maneira de participação das pessoas no EP, os “hacker urbanos”, que são indivíduos ou grupos que utilizam a tecnologia para refletir e para propor soluções inovadoras para os desafios urbanos. O contributo desses agentes é fornecer dados úteis aos cidadãos através de pequenas intervenções no espaço público, mas também em portais online e aplicativos. Essas ações são promovidas pelos cidadãos para solucionar seus problemas urbanos.

“This is the potent idea of hacking the city: opening up traditionally closed information systems and breaking the entrenched mentality of optimized urbanism. Ultimately, people can be empowered to take an active role in their environment. Open source technologies might be used to aggregate knowledge, skills, and ideas from a broad and heterogeneous citizenry and actually make tangible changes.” (Ratti & Claudel, 2016, p. 22)

⁵ Dado disponível em www.portugalparticipa.pt/monitoring.

Com a participação, consegue-se realizar projetos mais próximos das reais necessidades das pessoas e, no seu processo, estimular o interesse dos cidadãos sobre o espaço público. Isso porque a participação dos cidadãos cria a oportunidade de perceber questões que normalmente passam ao lado na prática da arquitetura. Contribui para o sentimento de pertencimento ao espaço, para além de criar uma identidade local, busca criar um lugar onde, através do processo participativo, as pessoas normalmente esquecidas sejam escutadas e envolvidas na sua construção, e suas necessidades influenciem o projeto (Querrien, 2005). Dessa maneira, a participação nas decisões governamentais contribui para o desenho da cidade de forma democrática.

“In the case of planning ‘for’, the act of planning remains forever authoritarian and repressive, however liberal the initial intentions. In the case of planning ‘with’, the act becomes liberating and democratic, simulating a multiple and continues participation.” (De Carlo, 1992, p. 15)

Entretanto, utilizar métodos participativos não resolve todos os problemas que surgem da complexidade de criar um EP para todos. Uma das suas limitações é a comunicação entre os especialistas e a população, isso devido ao uso de um linguajar e de códigos específicos que não são de fácil acesso. Ou seja, as pessoas podem acabar concordando ou discordando com ideias por de fato não as compreenderem.

“One of the problems identified in participation is that the channels of communication between the expert and the non-expert are not transparent, and so participation remains dominated by the experts who initiate the communication on their own terms, circumscribing the process through professionally coded drawings and language.” (Till, 2005, p.24)

Apesar da participação permitir um maior empoderamento das pessoas nas decisões sobre sua cidade, e, em teoria, todos poderem participar dos processos participativos, ao final acaba por apenas uma parte da comunidade envolver-se e representá-la. Dessa forma, não são todos que participam nas intervenções. No entanto, ainda que seja um problema, essa fraca adesão não desmerece o valor de se ouvir mesmo que parte da população.

“[...] inclusionary collaborative process does not necessarily guarantee the justice of either process or material outcomes. But I still think it is ethically proper for any planner or policy analyst trained to assess the impacts of interventions on people and places through time to take as inclusionary a view as possible of the range and distribution of impacts.” (Healey, 2003, p. 115)

Outro desafio surge devido ao longo período de duração de muitos dos processos participativos

aplicados. Processos burocráticos de planejamento estendem a duração das intervenções, algo que pode se tornar frustrante para as comunidades. Apesar dos esforços para fazê-las sentirem-se incluídas e envolvidas, a demora para ver o impacto do seu contributo na intervenção faz com que muitos indivíduos percam o interesse em se envolver nos processos participativos.

Tendo em conta essas reflexões acerca da importância do EP e do envolvimento de processos participativos na sua construção, podemos afirmar que a utilização desse tipo de abordagens é importante, ainda que apresentem limitações. Destacamos que há dificuldades na comunicação entre os especialistas e as pessoas, na obtenção de visibilidade e de financiamento para a realização de pequenas intervenções, e no de frequentemente levarem longos períodos na sua realização. Perante essas problemáticas, o Urbanismo Tático surge como uma possível alternativa, propondo formas de agir de maneira colaborativa e rápida no espaço público.

URBANISMO TÁTICO

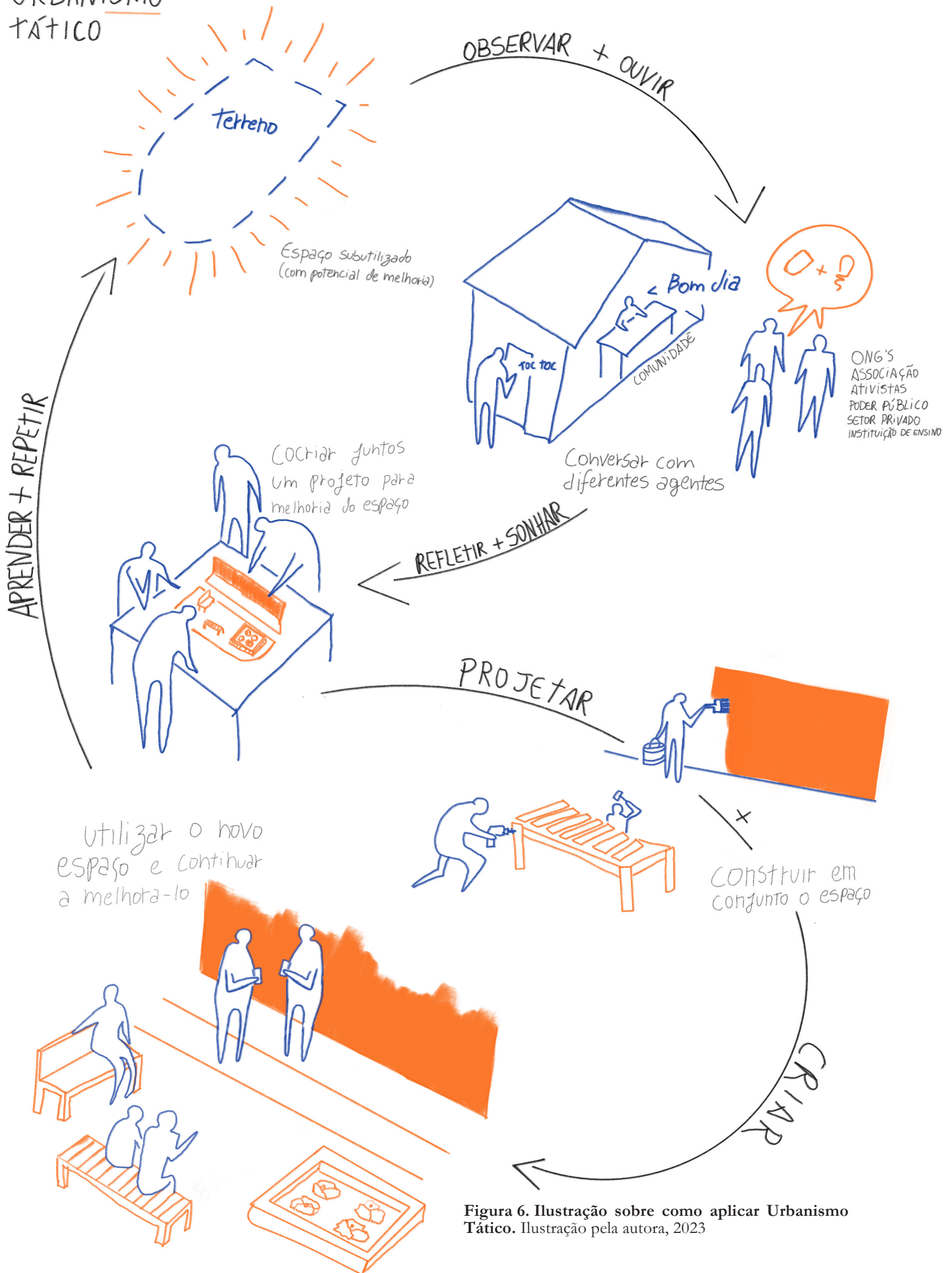


Figura 6. Ilustração sobre como aplicar Urbanismo Tático. Ilustração pela autora, 2023

1.2 URBANISMO TÁTICO?

Urbanismo Tático (UT) é uma abordagem de intervenção de baixo custo e de curto prazo, em um espaço público (EP), com a intenção de melhorar, redesenhar ou de apropriar esse espaço para a comunidade. Essa ação muitas vezes é realizada com pequenos gestos que podem ou não estar articulados numa escala maior, mas sem o compromisso de serem algo definitivo.

O termo “tático” vem do trabalho do filósofo francês Michel de Certeau (1998), onde ele apresenta a diferença entre “estratégia” e “tática”. Segundo Certeau, estratégia denomina a ferramenta formal do poder (governo), enquanto tática corresponde a uma resposta dos fracos (população), demonstrando ser possível as pessoas ocuparem o espaço de forma a sabotar a estrutura pré-estabelecida (Silvano, 2017). Esse pensamento vem inspirando arquitetos e teóricos a refletir e a buscar aplicá-lo nas práticas arquitetônicas e urbanísticas em relação à cidade.

Os trabalhos produzidos sobre essa temática trouxeram mais de uma definição sobre o que é UT. Isso ocorre devido à grande abrangência do modo de fazer essa ação em diferentes pontos (agente, escala, legalidade, período de ação), o que permite maior flexibilidade e adaptabilidade de implantação em contextos diferentes. Sendo assim, não é um conceito consolidado, mas um conceito em construção, que engloba ações de pequena escala, de curto prazo e custo reduzido.

“Because the places people inhabit are never static, Tactical Urbanism doesn’t propose one-sized-fits-all solutions but intentional and flexible responses.”
(Lydon & Garcia, 2015, p.3)

Alguns autores afirmam que o UT é um movimento *bottom-up* para responder às questões urbanas urgentes (Brenner, 2016), uma ação que ocupa e refaz as lógicas de poder (Sassen, 2014). Outros afirmam que é uma abordagem que pode ser utilizada por diversos atores, indo de comunidade e ativistas, até governos e empresas (Lydon & Garcia, 2015). Já outros defendem a valorização de ações híbridas, as quais articulam e equilibram o envolvimento do poder público, de profissionais e das pessoas (Barata & Fontes, 2016).

Nessa dissertação a definição de UT utilizada é uma junção desses autores, mais especificamente, afirma-se que UT corresponde a projetos com uma escala XS⁶. É uma

⁶ XS = microescala. Isso fazendo referência a obra S, M, L and XL do Rem Koolhaas, a qual SX seria uma escala menor que S.

abordagem que se caracteriza por ações rápidas e baratas, que permitem modificar um vazio urbano, um lugar subutilizado ou uma rua. Isso possibilita testar e visualizar novas soluções para esse sítio, buscando uma transformação de longo-prazo.

Além disso, o UT permite um envolvimento mais ativo dos cidadãos no processo, já que podem fazer parte do desenvolvimento e da execução da intervenção. Também o fato de as soluções não serem definitivas, faz com que aquele espaço seja um laboratório para as pessoas experimentarem e criarem a sua opinião sobre o espaço modificado.

1.2.1 Isso não é Urbanismo Tático!

É importante definir o que não é UT, apesar de parecer. Há várias ações realizadas na cidade que tem características parecidas com as ações táticas, mas no fundo não devem ser consideradas UT. O motivo disso iremos discorrer neste subcapítulo, utilizando iniciativas de Urbanismo *do it yourself* (DIY), de arquiteturas efêmeras e de instalações artísticas, como exemplo de intervenções que são similares a UT, mas não podem ser classificadas como tais.

Primeiramente, comecemos abordando o que é o movimento *Faça Você Mesmo*, seguido de uma comparação com as ações táticas para pontuar o que faz com que nem toda intervenção de UT seja DIY, nem toda intervenção de DIY seja UT (Lydon & Garcia, 2015). Segundo Finn (2014), DIY é quando os moradores se apropriam dos EP para fazer o que as autoridades locais não realizaram. Frequentemente, os agentes dessas iniciativas não se contentam em esperar a melhora da sua cidade no futuro, assim, recusam-se a esperar a autorização para agir no sítio. Como afirma Douglas (2018), surge em contraponto ao planejamento oficial, a partir do espírito cívico dos indivíduos. Entretanto, é importante apontar que nem toda ação é realizada em desacordo político com a autoridade na cidade (Ivenson, 2013). Os atores desse tipo de ação são “aqueles que, quando confrontados com algo em suas comunidades que consideram necessário consertar, melhorar ou animar, escolhem fazê-lo sozinhos, sem pedir permissão” (Douglas, 2018 como citado Depiné, 2020).

Como observamos, podemos cruzar semelhanças em diversos princípios e elementos do Urbanismo *Faça você mesmo* com o UT, tais como a pequena escala, as intervenções que buscam experimentar novas ativações nos EP subutilizados, o fato das pessoas construírem e instalarem no espaço suas contribuições sem precisar de autorização antes. Mas o que as distingue é que o UT tem a premissa de instigar mudanças a longo prazo. Sendo assim, procura ser reconhecido e ser consolidado não só com a intervenção no EP, bem como uma ação ativa na construção do espaço urbano contemporâneo. Com isso, o UT relaciona-se com as instituições governamentais, que são as reguladoras das manifestações informais na cidade, com o poder de validar ou censurar os projetos e o seu impacto no EP (Monteiro,

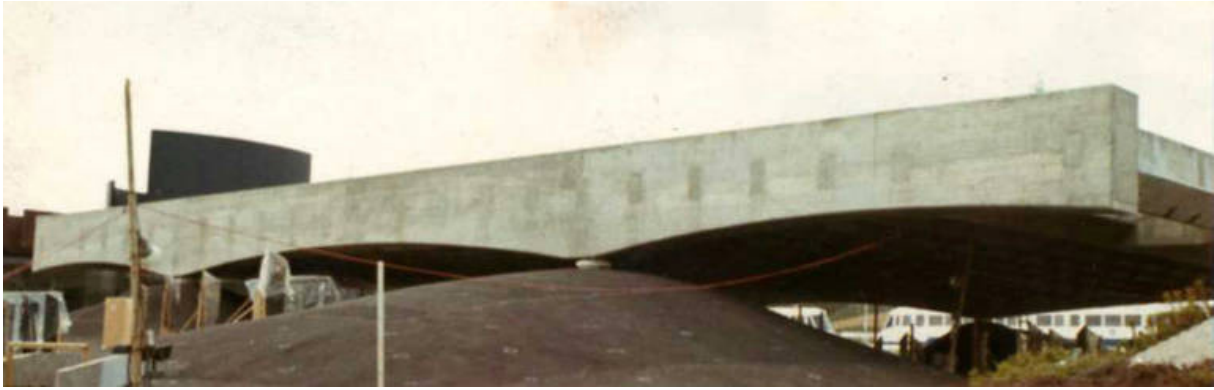


Figura 7. Pavilhao do Brasil. Osaka, feito por Paulo Mendes da Rocha em 1970. s.a, 2018
Figura 8. Palácio de Cristal. Londres, feito por Joseph Paxton em 1851. Irmãos Dickinson, 1851

2019).

Outro exemplo de ativação temporária do EP que pode aparentar ser UT são as arquiteturas efêmeras. Segundo Paz (2008), “o apelo a uma construção temporária se dá quando se pretende melhorar a performance de um lugar para um fim igualmente temporário”. Sendo assim, é uma instalação que tem prevista o seu fim. Já de acordo com Escobar (1999), uma obra efêmera é feita para não ficar no mundo, mas sim para ser abandonado no sentido etimológico da palavra, ou seja, “dar sem ficar com nada”.

Na Exposição Universal de Osaka, em 1970, o Pavilhão do Brasil (Figura 7), feito pela equipa liderada por Paulo Mendes da Rocha, foi construído em concreto armado, para depois ser demolida. Por uma razão ou outra, uma obra efêmera pode acabar se tornando definitiva, mas trata-se de uma mudança de plano. Isso ocorreu com o Palácio de Cristal (Figura 8), construído em 1851 no Hyde Park para a Exposição Universal de Londres, realizado por Joseph Paxton. Após o evento, ele foi desmontado, porém devido a sua popularidade foi reconstruído em Sydenham Hill, em 1852, para funcionar como museu. Infelizmente, em 1936, pegou fogo.

“O critério definidor da arquitetura efêmera não é a durabilidade potencial do objeto construído, mas sua durabilidade real. Um assentamento rural pode ser precário, mas pretender a permanência, e assim sê-lo por conta de contínuas manutenções. Ao contrário, edificações sólidas podem ser demolidas por esgotar-se, em curto intervalo de tempo, sua finalidade. Eis o primeiro paradoxo do tema: uma arquitetura só se torna efêmera de fato quando se desfaz de um dado lugar. Conceitualmente, existe apenas quando cumprida sua efemeridade. Tudo o mais é incerteza. O segundo paradoxo é consequência deste: não há relação direta entre a tecnologia construtiva e a efemeridade real da construção.” (Paz, 2008)

Sendo assim, podemos atribuir um parentesco entre o UT e a arquitetura efêmera ao fator de curta durabilidade, à possibilidade de transformar a configuração de lugar ou de materiais e, às vezes, à possibilidade de desmontagens. Mas o grande fator de divergência é que a obra efêmera tem um período definido para acabar, ela surge com a intenção de ter um fim, enquanto uma ação táctica não tem seu fim determinado, já que a sua vontade é promover uma mudança a longo prazo para o espaço. Pode até chegar ao fim a intervenção, mas com o anseio de que seja realizada outra que promova a melhora da anterior ou um projeto definitivo de mudança do sítio.

Por fim, há também a instalação artística, que é uma das linguagens contemporâneas que explora a apresentação da arte em lugares não consolidados (museus e galerias). Sendo assim,



Figura 9. Foto do Umbrella Sky Project em rua de Águeda. Portugal, s.a, s.d.

consiste em levar a arte para os EP, expandindo, dessa forma, o público que é exposto à apreciação artística (Baptaglin & Chierentin Santi, 2018). Além de poder ter o interesse de gerar desconforto ou conforto ao espectador, segundo Pallamin (2000), as práticas artísticas ajudam os cidadãos a apoiar ou questionar o espaço onde foi instalado a peça, assim os auxiliando a compreender o papel daquele sítio na sua rotina. Essas reflexões geram, de forma subjetiva, sentimentos de pertença das pessoas relativamente à obra, assim como ao lugar.

“Sob o ponto de vista processual, a relação entre arte pública e espaço urbano não é de justaposição, nem a inserção neste, de “objetos ilustrativos” de valores culturais. Evita-se a noção de acomodação ou “adequação” da arte. Antes, sua inscrição aí se dá no rolar das transformações do urbano, alterando sua amplitude qualitativamente. Não se trata, pois, de se concentrar no aspecto “fotogênico” do lugar, mas de buscar uma inovação na sua dimensão artística. Longe de serem maquiagem funcionalista, certas obras ou intervenções artísticas instauradas no urbano recentemente são iniciativas de consequências e efeitos complexos. Algumas se presentificam em concordância com seu contexto, aflorando-lhe novas orientações, caracterizando-o diferencialmente em sua materialização espacial. Há, porém, situações de confronto entre um e outro, ainda que não permanente, chegando-se a extremos de destruição da própria obra” (Pallamin, 2000, p. 18)

Para melhor ilustrar este conceito, a intervenção “Umbrella Sky Project” (Figura 9) que surgiu em Águeda, em 2012, feito pelo Impactplan⁷, corresponde a várias instalações artísticas coloridas pela cidade, das quais sobressai o céu de guarda-chuvas, que aparentam estar a flutuar no ar. O objetivo é colorir e proteger do sol os EP, ao mesmo tempo que transforma visualmente o espaço. O sucesso dessa iniciativa fez com que fosse replicado nos anos que seguiram a primeira edição, bem como em vários países.

Essas instalações modificaram o espaço por um período curto, demonstrando seu potencial visual e de uso, mas não buscaram fazê-lo a longo prazo. Isso porque, a experimentação é a parte mais importante da obra, e o resultado final, normalmente, é uma mera documentação do que foi vivido. Em alguns casos esse registro pode levar a alguma conscientização de uma problemática, levando à procura de uma solução (Brunet, 2008). Outro ponto, é que apesar de ter um teor político de reivindicação e de dar maior acesso à arte aos cidadãos, não é uma ação que questiona politicamente a configuração do espaço, como o UT.

⁷ Impactplan = é uma agência criativa localizada em Portugal.



Figura 10. Gravura representando *Les Bouquinistes* antigamente nas ruas de Paris. França. Marlet, J.H. 1821.
Figura 11. Foto de *Les Bouquinistes* atualmente nas ruas de Paris. França, Traub, C., s.d.

Assim, é possível concluir que nem todas as ações que parecem ser UT são, apesar de compartilharem características em comum. Sendo o principal fator de distinção a ausência do propósito de instigar uma mudança a longo prazo, como a mudança do uso do espaço ou resolver um problema na sua estrutura. Agora que entendemos bem o que é e o que não é UT, é válido observar qual o contexto histórico e social que fez essa abordagem ganhar forma na contemporaneidade.

1.2.2 Inspirações e contexto histórico

O UT, apesar de estar a ser muito discutido na atualidade, não é algo inovador. Esse impulso por criar intervenções temporárias e de baixo custo que resolvam problemas da cidade não é novo. Ele apenas reformula um conjunto de valores centrais de *placemaking*⁸ (temporário, baixo custo, flexível, interativo, participativo) desenvolvidos ao longo da história e atualizados para a Era Digital (Lydon & Garcia, 2015).

Para demonstrar a presença desses valores em ações no passado, mas que na época não se intitulavam como UT, há os “alfarrabistas” - *Les bouquinistes* (Figura 10) - de Paris, por Lydon et al. (2014) considerado como um dos mais elogiados exemplos de ação tática bem sucedida até a atualidade. Teve início nos anos de 1500s a vender livros em carrinhos de mão na margem do rio Sena, depois se expandiu para diversas pontes ao redor da cidade. Com o sucesso, os carrinhos se tornaram em pequenas barracas verdes colocadas a margem do rio. Isso não passou despercebido pelo governo, fazendo com que, em 1557, os *les bouquinistes* fossem classificados como ladrões, pois eles venderam panfletos protestantes proibidos durante a Guerra de Religião (Lydon & Garcia, 2015).

Embora com isso tivessem ganho má reputação, *les bouquinistes* continuaram ocupando muitas pontes da cidade, principalmente a ponte Neuf, o que levou a conflitos com os comerciantes da área. Principalmente com os donos de livrarias, os quais fizeram tanta reclamação que acabaram conseguindo, em 1649, bani-los temporariamente. Após a Revolução Francesa (1789-1799), como muitos livros da biblioteca privada de nobres e do clero foram democratizados pelos *les bouquinistes*, estes tornaram-se ainda mais conhecidos. Com isso, em 1850s o governo consentiu a eles a legalização, mas com restrições de local e horário, e passaram a operar quase como uma *pop-up shop*⁹ (Lydon & Garcia, 2015).

8 *Placemaking* = criar espaços através da conexão das pessoas e dos locais.

9 *Pop-up shop* = loja montada temporariamente num sítio.



Figura 12. Meninos jogando *stickball* em intervenção da *Play Street*. NYPD Collection, NYC Municipal, 1916.
Figura 13. Crianças brincando numa intervenção de *Play Street* nas ruas de Jennings St, Bronx, NY. Street Lab, 2020.
Figura 14. Inauguração de *la Ciclovía* em Bogotá em 1974. Colômbia, s.a., 1974.
Figura 15. *La Ciclovía* na atualidade em Bogotá, Colômbia. s.a., 2021, Mobilies Lives Forum.

No século XIX, foi permitido a fixação permanente das caixas ao pé do rio e nos anos 30 conseguiram a regularização da dimensão das caixas. Essa ação demonstra como, com uma progressão lenta, foi possível tornar uma intervenção ilegal, numa legal e regulamentada. O sucesso desse projeto, se deu graças à localização, à insistência e ao fato de ativar o espaço quando ali ficavam. Atualmente, é considerado um patrimônio da *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) (Lydon & Garcia, 2015).

Mais próximo da contemporaneidade, existe o exemplo de ações realizadas no século XX que hoje podem ser consideradas como pertencentes do movimento do UT, que são *open street*, *play street* e jardim de guerrilha. Para compreender como esses movimentos qualificam como ações táticas, se faz necessário apresentar em que consiste essas intervenções e o contexto que as originou. Começamos por apresentar *play street* que apesar de estar a ganhar popularidade na atualidade, começaram a aparecer no início dos anos de 1920, nos Estados Unidos da América (Figura 12), e nos anos de 1930, no Reino Unido.

A iniciativa consiste no fechamento temporário de ruas, por um específico intervalo de tempo (cerca de 3-5h), o que cria um espaço protegido e acessível as crianças, adolescentes e/ou suas famílias para brincar na rua. A maioria dessas ações são supervisionadas de alguma forma, e oferecem várias atividades com equipamentos e objetos soltos (bolas, jogos de tabuleiro, bambule, etc), e normalmente ocorrem durante o verão (Umstattd Meyer et al., 2019). Os locais escolhidos para se realizar o *play street* normalmente situam-se perto de escolas ou em bairros onde há pouca oferta de EP (Lydon et al., 2014).

“Play Streets address health inequities by providing places for safe active play for children and adolescents in neighborhoods without access to safe and/or well-maintained parks and playgrounds. Play Streets also have the potential to help raise awareness and build a culture around the need for safe built environments and traffic safety interventions in communities. In addition, Play Streets initiatives have enhanced neighborhoods through partnership building and increasing social cohesion of residents within the community.” (Umstattd Meyer et al., 2019, p. 2)

Similar à ideia de fechar temporariamente uma rua, há o *open street* que consiste em providenciar espaços seguros para pedestres, ciclista e skatistas, além de chamar atenção sobre as problemáticas do automóvel na vida urbana, durante algumas horas do dia (Lydon et al., 2014). Uma iniciativa de *open street*, denominada ‘Ciclovía’, acontece na cidade de Bogotá, Colômbia, e corresponde ao fecho aos carros de 120km de ruas da cidade e a sua abertura para bicicletas e pessoas. Realiza-se todos os domingos, entre as 7h da manhã e as 2h da tarde, desde 1974 (Figura 14). Ao longo dos anos, foi se tornando muito popular, assim cerca de um milhão de pessoas usufruem dessa ação num domingo comum (Figura 15)(Gehl, 2013).



Figura 16. Liz Christy numa das iniciativas de *urban guerrilla gardening*. Clarity, J., 1970.

“Open Streets and Ciclovía initiatives usually promote community connectivity, walking, jogging, and cycling, while also providing opportunities for residents to engage in and be exposed to other less common physical activity opportunities through “activity hubs” with organized activities (e.g., yoga, dance classes, sports demonstrations, etc....)” (Umstatted Meyer et al., 2019, p.2)

Outra tipologia de ação interessante a apresentar é o jardim de guerrilha, o qual consiste no “ato de praticar jardinagem sem autorização num terreno público ou privado. Normalmente, os terrenos escolhidos são propriedades abandonadas ou não utilizadas, em áreas urbanas. A reutilização imediata do terreno tem como objetivo principal chamar a atenção para um conjunto de questões sociais ou ambientais, tais como a necessidade de sistemas alimentares sustentáveis, da gestão urbana de águas pluviais, da melhoria da estética urbana, e do poder da ação local, colaborativa e de curto prazo” (Lydon et al., 2014, p.16).

Essa atividade teve como pioneiro o jardineiro Johnny “Appleseed” Chapman, que plantava macieiras em vários estados do Estados Unidos da América em zonas fora do centro urbano. O que consiste numa ação de guerrilha, mas num contexto mais rural, onde as pessoas estavam mais familiarizadas com a jardinagem. Mas apenas recebeu esse título de “jardinagem de guerrilha urbana” nos anos de 1970 (Figura 16), através da ação realizada pelo coletivo *Green Guerillas* fundada por Elizabeth Christy, e que está no ativo até os dias de hoje. Embora já não realize ações sem licenciamento, mas sim programas de educação e de incentivo para as comunidades fazerem seus jardins urbanos. Essa primeira ação realizada pelo coletivo de Christy consistiu na criação de um pequeno parque num terreno baldio da East Village. Mas eles ficaram mais conhecidos por jogar bombas de sementes¹⁰ em lotes cercados e abandonados. (Critical Concrete, 2023)

A formalização do que seria o UT ocorreu apenas no século XXI, e mais precisamente na década de 2010, quando os debates sobre essa abordagem começaram a ter força e destaque. A facilidade da comunicação digital foi um grande contributo para partilhar as ideias e as ações táticas, que iniciou com a publicação de intervenções de pequena escala e baixo custo em blogues, seguido de guias para realizar ações como *parking day*¹¹ e Depave¹². A partir disso começou uma discussão académica sobre a temática, mas até hoje ainda são poucos os estudos feitos sobre as particularidades do que é UT. Em contraponto, guias de como aplicar e que materiais utilizar, bem como relatórios de ações bem-sucedidas estão sendo

10 Bomba de semente = mistura de argila, composto, água e sementes de plantas.

11 *Parking day* = é um projeto global, público e participativo em que pessoas de todo o mundo reaproveitam temporariamente vagas de estacionamento nas calçadas e as convertem em parques públicos e espaços sociais para defender ruas mais seguras, verdes e igualitárias para as pessoas.

12 Depave = transforma zonas de passagem e estacionamento automóvel em jardins e espaços verdes coletivos.

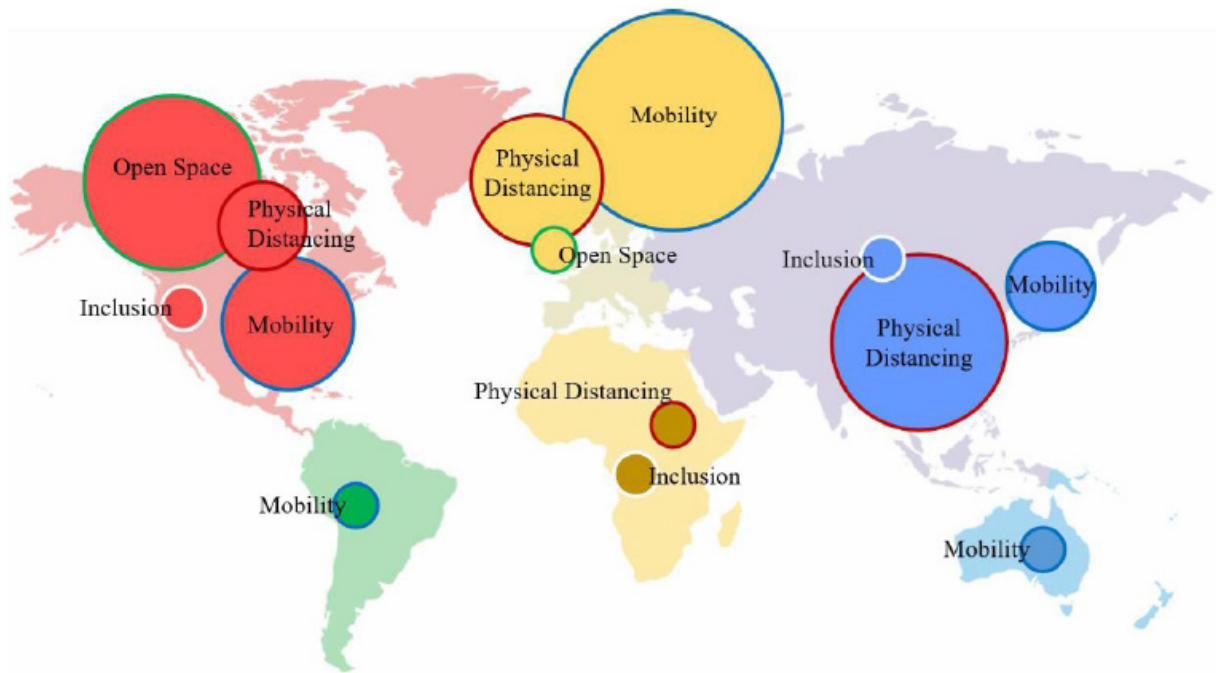


Figura 17. Ilustração do Rio de Janeiro com todas as propostas do 'Varanda Products'. Arquitetos, MAS Urban Design, ETH Zurich, 2014. "Uneven Growth: Tactical Urbanism for Expanding Megacities - Rio de Janeiro".
Figura 18. Esquema de ações táticas mais comuns em casa continente. Pradifta et al, 2021. "Tactical urbanism issue of concerns on COVID-19 prevention".

desenvolvidos e distribuídos online. Isso ajuda a espalhar cada vez mais o conhecimento prático sobre o UT, fazendo com que seja mais comum ver esse modo de agir no EP como uma ferramenta benéfica para as comunidades e as instituições governamentais.

Em 2011, Mike Lydon resolveu fazer uma publicação contendo um catálogo desses projetos: “Urbanismo Tático: ação a curto prazo, mudanças de longo prazo”, focado principalmente nas ações realizadas nos Estados Unidos da América. “A intenção da publicação era a de produzir um quadro de referência para um crescente número de esforços autofinanciados e de curto prazo que comprovadamente estavam a conduzir a mudanças de longo prazo” (Lydon et al., 2014, p. V). Hoje se encontram seis volumes publicados e disponíveis online. A partir do segundo volume, os volumes focam ações de países diferentes, com o objetivo de demonstrar como essas ações vêm acontecendo em diversos sítios, trazendo distinções no método de fazer e aplicar devido ao contexto social, econômico e cultural.

Outro fator importante para a popularização dessa metodologia foi a elaboração da exposição, “*Uneven Growth: Tactical Urbanism for Expanding Megacities*”, no Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), em 2014, sob curadoria do arquiteto português Pedro Gadinho. Nela foi apresentado o resultado de propostas para seis metrópoles globais – Hong Kong, Istambul, Lagos, Mumbai, Nova Iorque e Rio de Janeiro - visando desafiar os métodos de desenvolvimento urbano. Nessa exposição, o UT surge como uma forma participativa de responder à falta de ação dos poderes públicos sobre questões como habitação, mobilidade e outros. A proposta realizada para o Rio de Janeiro, deu origem a um catálogo de mobiliário urbano existente em favelas e que promovem novos usos de espaços antes vazios (Figura 17).

Em 2020, a crise sanitária causada pelo SARS-CoV-2, exigiu distanciamento físico como uma das medidas para evitar contaminações, e que os EP fossem rapidamente adaptados a esta exigência. Nesse contexto, o UT ganhou destaque, pois oferece respostas rápidas, de curto prazo e baixo custo, possibilitando uma reorganização temporária do espaço (Fontes et al., 2021). Segundo Pradifta et al. (2021), o UT poderia auxiliar a criar distanciamento físico, melhorara a mobilidade, criar espaços abertos e inclusão social.

A abordagem das ações táticas foi adaptada de acordo com as regiões, pois cada uma tinha suas particularidades e problemas. Numa análise entre continentes (Figura 18), pode-se afirmar que a Ásia foi quem mais realizou intervenções que ajudaram a proporcionar distanciamento entre as pessoas; já na América do Norte houve maior foco em facilitar o uso do EP. Nas ações da América do Sul, África e Austrália, houve muita diversidade nos objetivos e na abordagem utilizada; no caso da Europa o foco era a mobilidade das pessoas (Pradifta et al., 2021).



Figura 19. Esquema das características do Urbanismo Tático. Elaborado pela autora, 2023.

“European cities have historically been developed as pedestrian-oriented cities with extensive public transport networks. Fear and precaution of COVID-19 transmission have become a challenge in public transportation use. This caused an increase in the shifting of mobility means to bicycles to become more popular in several major European cities.” (Pradifta et al., 2021, p.8)

Como se pode ver, a metodologia do UT já foi utilizada muitas vezes ao longo da história da construção das cidades. Indo desde vendedores informais de livro no rio Sena no século XVI, fecho de rua em Nova Iorque e Bogotá no século XX, até os dias atuais onde é uma ferramenta mundial utilizada para modificar o EP. Após compreender o contexto em que surge o UT, faz sentido entender as diferentes características que compõe o UT.

1.2.3 Características do Urbanismo Tático

O UT tem diferentes características que definem os tipos de ação. Estas distinguem-se principalmente pelo baixo custo e curto prazo, porém se pode acrescentar também a flexibilidade, a reversibilidade, a participação, a escala, a legalidade, a materialidade e o planejamento, como características que definem outros tipos de ações. Sendo assim, essa secção irá abordar as várias tipologias de ação, como se apresentam na prática do UT com casos concretos, principalmente ações realizadas em Portugal. Com o objetivo de mostrar algumas ações táticas que ocorreram em solo nacional e sua influência no modo de agir nas cidades.

Essas dimensões materializam-se através de diferentes formas e modelos, o que permite uma grande diversidade no modo de fazer UT, como será demonstrado ao longo dessa parte. São ações que não buscam propor uma solução definitiva ou genérica para todas as problemáticas, mas sim uma resposta intencional e flexível.

“Tactical urbanism [...] shows how with a little imagination and the resources at hand, cities can unlock the full potential of their streets.” (Sadik-Khan como citado em Lydon & Garcia, 2015, capa)

A seguir serão aprofundadas as nove características do UT, apresentando exemplos de cada uma dessas em projetos concretos. É válido ressaltar que esses podem conter mais características do que a estão a ser discutidas naquele tópico.

BAIXO CUSTO

UT é conhecido por ser constituído de ações de baixo custo que buscam fazer mudanças



Figura 20. 'Sopa da Pedra'. Oficina aberta para construção do equipamento. Colectivo Warehouse, 2015
Figura 21. 'Sopa da Pedra'. As pessoas a conviverem no novo equipamento. Colectivo Warehouse, 2015
Figura 22. 'Horta da bananeira'. Encosta do terreno. Fotografia de Nuno Morão, 2010, "Urbano 15518".
Figura 23. 'Horta da bananeira'. Horta plantada no terreno. Critical Concrete, s.d.

com poucos recursos e financiamento, que não precisam de grandes orçamentos para serem concretizadas. No entanto, o baixo custo corresponde a diferentes valores, porque pode ser a realização de uma ação com apenas apoio da comunidade e de doações ou com o financiamento de baixo valor de uma associação, empresa ou programa do governo.

Um exemplo de projeto de baixo custo que se conseguiu realizar apenas com apoio dos envolvidos, são as ações de refeição comunitária para discussão ou convívio das pessoas, para as quais muitas vezes é só preciso a oferta de espaços para comer e a comida, que pode ser conseguida a partir de restaurantes locais ou da comunidade. Essa atividade gera a ativação do EP por algumas horas, demonstrando um novo uso para aquele espaço.

Para melhor demonstrar isso há o evento ‘Sopa da Pedra’ feita pelo Colectivo Warehouse¹³ em conjunto com Colectivo Contrabando¹⁴ num pequeno largo no cruzamento entre a Rua Chã com a Rua do Loureiro, no Porto, em 2014. O projeto, de forma geral, tinha como objetivo reativar esse EP através de uma intervenção, mas, para envolver a comunidade e promover o uso do espaço, realizou-se a construção do equipamento em regime aberto ao público (Figura 20) e de maneira que permitisse a participação de pessoas de diferentes faixas etárias na sua montagem. Mas a ação de ativação que nos interessa apontar nesse projeto, é a organização de um debate informal sobre aquele sítio e a cidade através de uma refeição de sopa de pedra (Figura 21). Isso permitiu que as pessoas verificassem que, através do novo mobiliário construído, era possível criar novos usos do lugar e realizar eventos futuros por parte da comunidade (Colectivo Warehouse, 2015).

Outra tipologia de ação tática que exige pouco recurso financeiro para ser realizada são os Jardins de Guerrilha, já referidos. Um exemplo de intervenção inspirada neste modelo é a ‘Horta da Bananeira’ no Porto, mais especificamente, na encosta íngreme do bairro central do Porto Fontainhas do Bonfim, com cerca de 300m de área intervencionada (Figura 22). A maior parte do terreno pertence à Câmara Municipal, no entanto, era usado como depósito de lixo, até que, em 2020, no início da pandemia de SARS-CoV-2, um grupo de moradores se reuniu para limpar e descontaminar o solo a fim de cultivar plantas, criando uma horta comunitária (Figura 23) (Critical Concrete, 2023).

O objetivo dessa iniciativa é “promover a participação comunitária e ativa das pessoas na requalificação do espaço urbano, a responsabilização dos cidadãos no cuidado direto da

13 Colectivo Warehouse = um coletivo de arquitetura fundado em 2013, que tem como fundamentos participação cívica, *hands-on*, experimentação, processo de mediação, colaboração e intervenção prática.

14 Colectivo Contrabando = O Coletivo Contrabando nasceu da experimentação realizada na Quinta da Vila Meã, em Campanhã, e visa a preservação do conhecimento ancestral. Iniciou em 2015, com a famosa Sopa de Pedra.



Figura 24. 'Kit A Nossa Rua'. A rua fechada para as crianças brincar com o "kit". s.a, 2021.

Figura 25. 'Kit A Nossa Rua'. As crianças a brincarem o "kit". s.a 2021.

terra e o desenvolvimento de dinâmicas sociais igualitárias e horizontais” (Bananeira, [s.d.]). Por ter sido bem recebida, está ativo e aberto a todos até os dias atuais. Aparentemente não existe um responsável sobre a horta e tão pouco tem uma organização estruturada, as pessoas podem ir e plantar ali, tendo em conta a responsabilidade de manter e cuidar (Critical Concrete, 2023).

Para terminar, temos os projetos que necessitam de baixo valor para poderem ser realizados e transformar o espaço com grandes benefícios para a comunidade. Esses casos normalmente recorrem ao financiamento de fundações, de setores privados ou do poder público. Para melhor ilustrar um caso em que foi preciso o apoio monetário para realizar a ação tática referimos o ‘Kit A Nossa Rua’ que recebeu financiamento do programa Orçamento Participativo com Ação Direta (OPAD) da Câmara Municipal de Aveiro.

Esse projeto “consiste na disponibilização aos cidadãos de um “Kit” constituído por um conjunto de bancos, mesas, floreiras equipamentos de som, materiais de desenho, jogos infantis diversos e uma bicicleta eléctrica com atrelado para os transportar.” (Moreira, 2020). Os kits seriam colocados em ruas encerradas temporariamente, largos ou praças, com a intenção de mobilizar os moradores de diversas idades a conviverem e vivenciarem em comunidade o EP (Figura 24). É interessante pensar que essa iniciativa foi lançada no período da pandemia, em 2021, sendo assim, tinha o propósito de promover um espaço seguro e inspirador para estar no espaço público de forma coletiva. A iniciativa foi bem acolhida pela comunidade desde o início, fazendo com que ela esteja ativa na cidade até aos dias de hoje. Desde 2023, está sob a responsabilidade do Ciclaveiro¹⁵, e assim ficará por mais três anos. Dessa forma, esta associação ficará encarregada de ativar EP específicos de acordo com a coordenação da Câmara Municipal de Aveiro (Moreira, 2020).

Em relação ao apoio financeiro necessário para realizar essa ação tática, foi previsto um orçamento de cerca de 14 mil euros para a realização, sendo 11 mil conseguido pelo programa OPAD do município e o resto pelos próprios proponentes, no caso Gil Moreira, Catarina Isidoro, Desiree Poço Seixas e José Carlos Mota. (Moreira, 2020). Sendo assim, essa ação tem um baixo custo em relação a outras obras, entretanto, só foi possível ser realizado através do auxílio monetário de um ator com maiores recursos, no caso a Câmara Municipal de Aveiro (J. Machado, comunicação pessoal, 30 de novembro de 2022).

¹⁵ Ciclaveiro = uma associação que promove a utilização da bicicleta como meio de deslocação para melhorar a qualidade de vida das pessoas. Localizada na cidade de Aveiro.

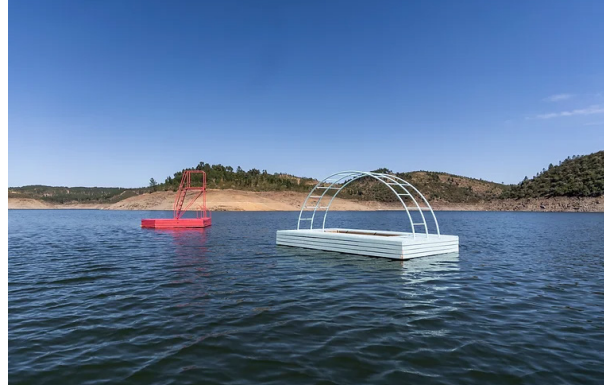


Figura 26. 'PLAYStreet'. A rua transformada em espaço de brincar para as crianças. s.a. 2021.
Figura 27. 'PLAYStreet'. A rua transformada em espaço de brincar para as crianças. s.a. 2021.
Figura 28. 'Regolfo'. Os equipamentos da intervenção em construção. Vasconcelos, M., 2022.
Figura 29. 'Regolfo'. Os equipamentos instalados no rio. Vasconcelos, M., 2022.

CURTO PRAZO

Um dos principais princípios do UT é ser uma ação de rápida execução e de ter uma curta duração, facilitando dessa forma o processo de realização desses projetos e permitindo que mais projetos semelhantes sejam realizados na cidade. Além disso, provoca um envolvimento mais ativo da comunidade, pois permite a reclamação e/ou a reprogramação de EP sem o longo processo burocrático.

A duração de curto prazo no UT é relativa, isso porque pode ser uma ação de um ou dois dias, assim como de uma semana, de um mês ou de meses. Todos, porém, podem gerar impactos de longo prazo no espaço intervencionado, mesmo com os diferentes períodos de duração da ação. Sobre isso, discorre Kronenburg (2007), quando argumenta que as intervenções efêmeras, apesar de temporárias, podem ser de impacto duradouro, pois é o poder da experiência, mais que a sua duração, o importante para que se meça o seu efeito na cidade (Fontes et al., 2021).

Para ilustrar diferentes extensões temporais de ações táticas, podemos listar a ação *Play Streets*, que é a transformação, por um dia, de uma rua de transição automobilística em um espaço de brincar para crianças. Como exemplo disso, temos a ‘PLAYStreet’ (Figura 26), realizado na Rua da Penha de França, na cidade de Lisboa, em 2021, pelo Brincapé¹⁶. A qual consistiu no fecho da rua durante um período do dia para as crianças brincarem nela, com a disponibilização de materiais soltos, para elas explorarem à vontade. Essa ação foi realizada mais de uma vez neste ou em outros endereços, mas tendo a sua duração de apenas de um dia.

Há também projetos que ficam algumas semanas ativos, exemplo disso temos ‘Regolfo’ feito pelo Colectivo Til¹⁷ na aldeia do Padrão, Proença-a-Nova, no ano de 2022. É uma intervenção fruto de nove dias de interação com a Associação Cultural, Recreativa e Desportiva do Padrão¹⁸, que resultou na criação de duas plataformas flutuantes (Figura 28), criando um espaço de estar sobre a água, a qual ficou ativa por duas semanas no rio Ocreza.

Existem alguns projetos de UT que a intervenção é de longa duração. Um exemplo disso

16 Brincapé = se definem como um “consócio de brincar”. É um projeto do trabalho colaborativo de três associações – APSI (Associação para a Programação da Segurança Infantil), Ludotempo e 1 2 3 Macaquinho do Xinês. Iniciou suas atividades em 2018 com o apoio da Câmara de Lisboa através do programa BIP ZIP.

17 Colectivo Til = colectivo formado por pessoas de diferentes disciplinas, com o interesse comum nos materiais, processo de produção e na valorização social dos lugares.

18 Associação Cultural, Recreativa e Desportiva do Padrão (Acrdp) = é uma empresa do concelho São Pedro do Esteval no distrito de Castelo Branco, com morada na aldeia de Padrão, a qual desenvolve atividades desportivas.



Figura 30. 'Oficina (in)comum'. Construção em conjunto com a comunidade. Atelier SOMA, 2021.

Figura 31. 'Oficina (in)comum'. Um dos equipamentos cosntruídos no bairro. Atelier SOMA, 2021.

Figura 32. Intervenção na Av. Madame Curie do programa 'A Rua é Sua'. Espaço antes da intervenção. s.a, s.d.

Figura 33. Intervenção na Av. Madame Curie do programa 'A Rua é Sua'. Ação instalada no espaço e em uso pelas pessoas. s.a., 2021

é a ‘Oficina incomum’ realizada pelo Atelier SOMA¹⁹ e pelo Colectivo Ponto Parágrafo²⁰ em 2021 no Lordelo de Ouro, Porto. O processo dessa ação levou mais de quatro meses de contato e diálogo com a comunidade local do Pinheiro Torres. A partir disso foram desenvolvidas várias ideias para requalificar um EP localizado no centro do bairro, o qual costumava configurar-se como um antigo parque infantil. Por a intervenção ser voltada para as crianças se buscou integrá-las em todas as etapas de desenvolvimento (Figura 30). Afinal a ação táctica consistiu na construção de vários equipamentos para um parque infantil (Figura 31) que foi construído em conjunto. Esse mobiliário foi posto em funcionamento sem uma data de validade e ficou ativo por meses no bairro (Rodrigues, 2022).

Por fim, é válido apontar como benéfica a questão do curto prazo para adaptar rapidamente o espaço. O contexto da pandemia exigiu respostas de instalação rápida e temporária para reformular os locais para as novas necessidades. Os EP específicos ficaram vazios por meses, e quando voltaram a ser utilizados, foram realizados ajustes para permitir a sua utilização no novo cenário. Sendo assim, o UT foi uma abordagem muito utilizada neste sentido.

Para melhor ilustrar isso, podemos citar o exemplo do programa ‘A Rua é Sua’ realizado pela Câmara de Lisboa com a intenção de criar áreas pedonais, com a criação de espaços de estar e de passear, mas que precisou ser adaptável para as novas circunstâncias da pandemia. Outro exemplo foi a ação realizada na Av. Madame Curie em Lisboa (Figura 32), que consistiu na extensão do espaço de estar para adultos e crianças, oferecendo uma amplitude necessária devido às condições de afastamento entre pessoas, imprescindível para seguir as medidas de segurança (Figura 33) (*A Rua É Sua*, [s.d.]).

FLEXIBILIDADE

A adoção de novas medidas que aceitem o fim da rigidez no pensar a cidade fundamental, pois se deve aceitar a imprevisibilidade, com isso medidas rígidas não fazem tanto sentido. O conceito de flexibilidade vai ao encontro dessa visão, já que, segundo Gausa et al. (2001), flexibilizar é se abrir ao indeterminado. Já para Lynch (1999), um mundo flexível é aquele que está aberto à evolução.

As ações de UT apresentam o conceito de flexibilidade ligado ao espaço em si, já que demonstram a capacidade de suporte de novos usos e caracterizações nele, exemplo é o

19 Atelier SOMA = uma equipe de arquitetos, de artistas e de construtores, sem que qualquer papel esteja atribuído a qualquer um. Localizada no Porto.

20 Colectivo Ponto Parágrafo = um colectivo estabelecido no Porto. De criação, discussão e reflexão da produção arquitetónica e artística, através de projetos experimentais e pedagógicos junto com as comunidades.

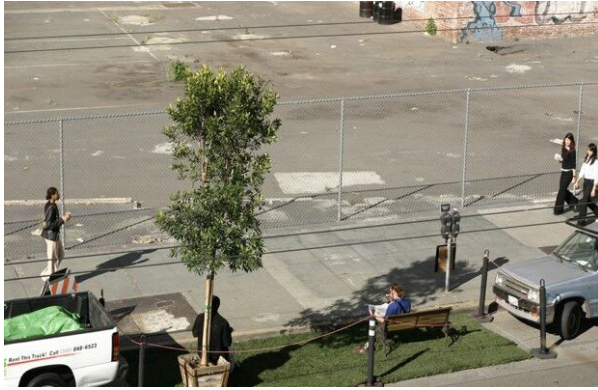


Figura 38. 1ª ação do *Park(ing) Day*. Intervenção feita por Rebar em São Francisco. s.a., 2005.

Figura 39. *Park(ing) Day* realizado por Associação Vimaranesse para a Ecologia. Essa intervenção ocorreu em 25 de setembro de 2012. Manifesto Verde, 2012.

Figura 40. 'Hallo: Plataforma Trafaria'. O equipamento configurado para ver uma exibição de filme, sendo usado como lugar para sentar. S.A., 2016.

Figura 41. 'Hallo: Plataforma Trafaria'. O equipamento sendo usado como espaço de comer. s.a., 2016.

Figura 42. 'Oficina ambulante'. A oficina em movimento pela cidade. colectivofebre, 2022.

Figura 43. 'Oficina ambulante'. A oficina estacionada fazendo reparo em objetos. colectivofebre, 2022.

Figura 44. 'MAPAS'. O equipamento estacionado na rua para servir de palco. Francisco, I., 2020.

Figura 45. 'MAPAS'. O equipamento estacionado numa praça para servir de palco. Francisco, I., 2020.

Park(ing) day, um dia mundial, onde se utilizam as vagas de estacionamento na rua para outra atividade, podendo ser a ampliação do espaço do passeio, uma praça ou uma esplanada de um espaço de restauração.

Essa ação começou em 2005, com a ocupação de uma vaga em São Francisco, a transformando em micro praça. Seguindo este exemplo em Portugal, a Associação Vimaranesse para a Ecologia (AVE), em 2012 e 2013, aderiu ao *Park(ing) Day* (Figura 38), transformando um lugar de estacionamento num espaço de estar para as pessoas (Figura 39) (Manifesto Verde, 2013).

Mas também é possível ver a flexibilidade do UT no próprio mobiliário urbano colocada, pois essa pode ter múltiplos usos. Para ilustrar isso temos o ‘Hallo: Plataforma Trafaria’, feito pelo coletivo EDA²¹ em conjunto com a CosntructLab²² e Colectivo Warehouse, em 2016, para a ativação do antigo presidiário da Trafaria, em Lisboa. O qual consistiu na construção de uma arena modular que pode gerar diferentes maneiras de se sentar (Figura 40), como também serviu como mesa para refeições durante o evento realizado (Figura 41) (Construclab, 2016).

Outra maneira que o equipamento pode ser flexível é quando esse é móvel. Ações famosas do UT que têm isso na sua tipologia são os *food truck* e os vendedores ambulantes, que possibilitam um estabelecimento comercial ser usado em mais de uma localização, bem como ativar o espaço fixado temporariamente. Mas também há projetos móveis que não estão relacionados a atividade comerciais, mas sim em disponibilizar arte ou um serviço.

Um exemplo de um objeto móvel (Figura 42) que disponibiliza serviço para a comunidade é a ‘Oficina Ambulante’ do colectivo Febre²³, realizada no Porto em 2022, onde uma bicicleta com uma plataforma associada oferece reparação de objetos como mesa, cadeira, bicicleta, estantes e outros (Figura 43) (*Colectivo Febre (@colectivofebre) | Instagram, 2022*).

Já um caso de arte para a comunidade, é o ‘projeto MAPAS’ realizado pelo Colectivo Til²⁴ na cidade de Leiria, em 2020, que consiste num equipamento em rodas (Figura 44) para receber

21 coletivo EDA - Ensaio & Diálogos Associação = é um colectivo internacional e transdisciplinar que experimenta formas alternativas de intervir no território, cruzando cultura, arte, arquitetura, educação e sensibilização ambiental. Desde 2013 e atua no território de Almada.

22 ConstructLAB = uma rede transdisciplinar de projeto-construção que reúne conceitos de arquitetura e construção, está em atividade desde 2010, com quatro associações estabelecidas na Bélgica, na França, na Suíça e na Alemanha.

23 Colectivo Febre = é um colectivo localizado no Porto.

24 Colectivo Til = é um coletivo que é formado por pessoas de diferentes disciplinas, que se juntaram com um interesse comum nos materiais e processos de co-criação, assim como na intervenção cívica e social pelo questionamento e valorização dos lugares.



Figura 46. 'sParqs'. Mostra uma das vagas ocupadas no período da pandemia. CLM, 2021.

Figura 47. 'sParqs'. Mostra um dos novos espaços de estar com pessoas. s.a, 2021.

eventos itinerantes, como concertos (Figura 45), exposições, sessões de cinema, espaço de encontro ou sítio de workshop. Para isso, foi preciso desenhar uma estrutura numa carrinha adaptável para essas diversas atividades (Colectivo Til, 2020).

REVERSIBILIDADE

O UT caracteriza-se por ser reversível dado que se trata de intervenções exploratórias que experimentam soluções para um dado espaço. Se as propostas implementadas são bem-sucedidas podem se tornar definitivas, mas normalmente com outra materialidade. As intervenções tendem a transformar constantemente o espaço, na intenção de ativar a vida urbana e assim potencializar mudanças mais definitivas (Sansão Fontes, 2011). Segundo Gausa et al. (2001), a ação reversível é capaz de restituir as coisas a um estado sensivelmente similar ao que apresentavam previamente e/ou de mudar o sentido de seu próprio movimento. Sendo assim, é uma exploração do que um espaço pode ser, podendo, entretanto, voltar à caracterização original ou não após a ação.

Para melhor ver isso podemos apresentar uma ação que ilustre o poder que uma intervenção tem num espaço, como também o poder de a reverter, ou seja, de voltar à sua configuração anterior. Um exemplo são esplanadas pop-up instaladas nas ruas de Lisboa no momento de reabertura após a pandemia de SARS-CoV-2. Essas intervenções fizeram parte do projeto ‘sParqs’ promovido por Ana Sousa Pereira²⁵ em parceria com a cooperativa BiciCultura²⁶. Cerca de 299 foram implantadas e todas com autorização da Câmara Municipal de Lisboa (CML) (Raposo, 2021).

Os novos espaços de estar ocuparam antigas vagas de automóveis (Figura 46). Nem todas as instalações ficaram permanentemente, mas serviram de experimentação do possível uso daqueles estacionamentos para novas funções. É do interesse da CML que algumas permaneçam devido ao sucesso e benefício que trouxe ao local (Raposo, 2021).

Ainda é possível apontar o caso de espaços intervencionados por mais de uma vez, com a intenção de testar novas respostas ou fazer melhorias em relação a ação anterior. Podemos utilizar como exemplo o ‘Jardim cívico 1.0’ e ‘Jardim cívico 2.0’, que foram projetos realizadas no mesmo local, pelo Colectivo Til em diferentes momentos. Essas intervenções fizeram

25 Ana Sousa Pereira = tem cargo honorário de presidente da câmara das bicicletas em Lisboa e é membro do Conselho Editorial da Mensagem.

26 Cooperativa Bicultura = é um centro de educação, promoção e inovação para a mobilidade ativa, onde agregamos competências diversificadas e levamos a cabo projetos e iniciativas inovadoras pela mobilidade ativa que contribuem para a vitalidade do espaço público, a coesão social, a saúde e a economia.



Figura 48. 'Jardim Cívico 1.0'. Vão entre os dois edifícios com mobiliário de estar. Nunkachov, S., 2018

Figura 49. 'Jardim Cívico 2.0'. Vão entre os dois edifícios com mobiliário novos instalados. Colectivo Til, 2019.

parte do Festival a Porta²⁷ para questionar e repensar um espaço público subaproveitado do centro da cidade de Leiria, o qual está localizado no vazio de dois edifícios.

A primeira ação 'Jardim Cívico 1.0' (Figura 48) ocorreu em 2018, com a duração de duas semanas. Nela foi instalado um manto de fitas brancas entre os edifícios, no chão posto relva e plantas. Isso na intenção de tornar convidativo à apropriação do local, como também para servir como um auditório natural para eventos e espetáculos do festival (Colectivo Til, 2018).

No ano seguinte, em 2019, o colectivo voltou a explorar a potencialidade daquele espaço com o ato 'Jardim Cívico 2.0' (Figura 49). Diferente da primeira vez, eles optaram por fazer um processo participativo para a realizar. Sendo assim, inicialmente se realizou uma conversa com os habitantes sobre o sítio, que resultou no projeto de um jardim, que crescesse ao longo do tempo e fosse fruto da ajuda de todos. Seguiu por seis semanas, a elaboração de atividades para construir a ação: workshop de horta comunitária, debate político, arte plástica e ajudadas de carpintaria (Colectivo Til, 2019).

Outro ponto que se diferencia da primeira intervenção, é que a segunda escolheu fazer mobiliário urbano em madeira para promover o convívio colectivo. Além dos equipamentos permanecerem no espaço, mesmo após o festival, ficando a cargo dos moradores e comerciantes a manutenção do lugar. Conclui-se que o conceito de reversibilidade funciona também como uma ferramenta de tentativa e erro, que oferece a oportunidade de aprender com os primeiros passos e, se necessário, voltar atrás para seguir diferente caminho (Temel, 2006).

PARTICIPAÇÃO

Como vimos na secção 1.2, envolver a participação das pessoas no processo de desenvolvimento do projeto é importante, principalmente quando estamos a trabalhar em zonas abertas a todos. O UT, na sua abordagem, permite o diálogo com a comunidade antes, durante e após a intervenção feita, o que gera o envolvimento das pessoas de forma direta e/ou indireta nas intervenções. Mas, como podemos observar isso?

“[...] the use of Tactical Urbanism, which is being used to bring planning concepts to people physically rather than asking them to come to planning meetings to discuss proposals theoretically. The goal is to show peoples different opportunities in the real world so that more informed decisions may

27 Festival da Porta = é um festival cultural que convida o público a redescobrir a sua cidade e os vários mundos que nela participam.



Figura 50. 'Cantinho da Alçada'. Espaço contruído. Colectivo Till, 2019.

Figura 51. 'Cantinho da Alçada'. Tática de adventure playground. Colectivo Till, 2019.

be made by a more diverse audience of people.” (Lydon & Garcia, 2015, p. 15)

A participação pode ser direta, com o engajamento da comunidade no desenvolvimento do planejamento de *brainstorm*, como também no processo de criação e de construção da intervenção. Ou, indireta, no caso de ações que são feitas sem conversar com os cidadãos ou apenas com alguns selecionados, mas depois é aberta a todos. Nesse caso, opinião das pessoas é dada através da sua relação com o espaço, ou seja, se aprovarem a ação irão o utilizar, se não

“Ao produzimos coletivamente as nossas cidades, produzidos coletivamente a nós mesmos. Projetos que prefigurem a cidade que queremos são, portanto, projetos sobre (nossas) possibilidades humanas, sobre quem queremos vir a ser” (Harvey, 2000, p. 159)

Para melhor ilustrar a participação direta, podemos apresentar a ação ‘Cantinho da Alçada’, inserida no projeto Sob-o-mesmo-céu promovido pela InPulsar²⁸. Esse projeto teve início em janeiro de 2019 e finalizou em dezembro de 2021. O alvo da participação eram 40 crianças/jovens que residiam na Urbanização Quinta da Alçada, União de Freguesias de Marrazes e Barosa, Leiria. No período que ocorreu o projeto, elas participaram de todas as etapas: da discussão, de projetar, e até da execução; sendo assim, eles se envolveram diretamente em todas as decisões tomadas diante da intervenção (Colectivo Tíl, 2021).

“Os participantes diretos serão convidados a discutir questões sobre o território e sobre como o espaço público pode ser aproveitado e de que forma pode ser útil e servir às necessidades da população residente. A partir daqui, as instalações, exposições e obras artísticas produzidas serão pensadas em conjunto, criando um elevado grau de apropriação e desenvolvendo competências pessoais, sociais e emocionais” (*Sob o Mesmo Céu – projeto concluído | InPulsar - Associação para o Desenvolvimento Comunitário*, 2019)

O coletivo Tíl está envolvido nesse projeto desde o início, em 2020. Começaram a experimentar o EP com *adventure playground* (Figura 51), que significa a criação de um espaço aberto à exploração e onde a brincadeira dita a regra do uso das coisas. Só em 2021 resolveram concretizar as discussões, as inquietações e os desejos da comunidade numa intervenção. O que passou por desenvolver e construir em conjunto um mobiliário que possibilitasse diversos usos, o qual foi denominado ‘Cantinho da Alçada’ (Figura 50)(Colectivo Tíl, 2021).

28 InPulsar = Associação para o Desenvolvimento Comunitário é uma Instituição Particular de Solidariedade Social, cujos objetivos principais são: Apoio a crianças e jovens; Apoio à família; Apoio à integração social e comunitária. Foi constituída em Leiria no ano de 2012.



Figura 52. 'Play-LX'. Mostra a instalação do baloiço. Colectivo Warehouse, 2013.

Figura 53. 'Play-LX'. Pessoas do bairro a utilizar a mesa de tabuleiro. Colectivo Warehouse, 2013.

Figura 54. 'Escada para o pôr-do-sol'. Mostra a localização da peça no espaço. Coletivo624, 2023, Abril, 19.

Figura 55. 'Escada para o pôr-do-sol'. A escada em uso. Coletivo624, 2023, Abril, 19.

Figura 56. 'Isto é uma praça!'. Mostra a localização da peça no espaço. Isto é uma Praça, 2012, Agosto, 23.

Figura 57. 'Isto é uma praça!'. A peça em uso. Isto é uma Praça, 2014, Abril, 06.

Em relação a uma participação indireta, temos como exemplo a ação ‘Play-Lx’ que pretendeu demonstrar que a cidade pode ser vivida de forma mais divertida e espontânea. Isso foi explorado através da instalação de um baloiço (Figura 52) numa paragem de autocarro, que “criou um cenário incomum para quem estava à espera no local” (Colectivo Warehouse, 2013). A boa recepção das pessoas desse equipamento, fez com que o baloiço fosse posto em diferentes pontos da cidade de Lisboa.

Outra instalação feita nessa intervenção foi a fixação de um tabuleiro (Figura 53) para jogar cartas, dominó e xadrez, com provérbios populares adaptados a narrativa do local, isso para criar um vínculo entre os novos equipamentos e o bairro. A qual foi também bem acolhida pela comunidade, como um ponto de encontro e para praticar jogos. Esses atos foram realizados na cidade de Lisboa, entre Setembro e Outubro de 2013, pelo Colectivo Warehouse (Colectivo Warehouse, 2013). Como podemos ver, essas ações foram pensadas, construídas e instaladas pelo colectivo sem interação com a comunidade, mas, após sua execução, as pessoas demonstraram estar contentes com o projeto, demonstrando a aprovação dele, o que possibilitou a aplicação de mais mobiliário pelo bairro.

ESCALA

A cidade tem diversas escalas de intervenção, indo da megaestrutura até a microescala, a qual é a especialidade do UT (Duany, 2015). É válido ressaltar que essa dimensão de espaços tem um papel de potencializar vivências no meio da cidade. Como afirma Whyte (2004) em sua obra *The social life of Small Urban Spaces*, os pequenos espaços têm o poder de dar vida às zonas urbanas.

“[...] if we learn to take advantage of our small urban spaces, if we design new ones well, and fix up the old ones, we will keep the streets alive. We may even encourage more people to use them, and to smile about it.” (Whyte, 2004, p. 7)

Dentro da pequena escala, existem diferentes dimensões de ações, podendo ir da colocação de um novo equipamento até uma remodelação de uma zona por completo. Para ilustrar esse contraste, temos a intervenção ‘Escadas para o pôr-do-sol’ (Figura 54) feita em Aveiro, Portugal, pelo coletivo 624²⁹, em 2022. Com o simples gesto de pôr três degraus em vermelho em frente a uma cerca, permite que as pessoas que ali passam espreitem o outro da rua que contém a vista para as salinas, assim como poderem ver o pôr-do-sol (Coletivo 624, 2023).

Por outro lado, temos a ‘Isto é uma praça?’ (Figura 56). Uma ação que consistiu numa

29 Coletivo 624 = um coletivo de experimentação, pesquisa, urbanismo e arquitetura. Está sediado no Porto.

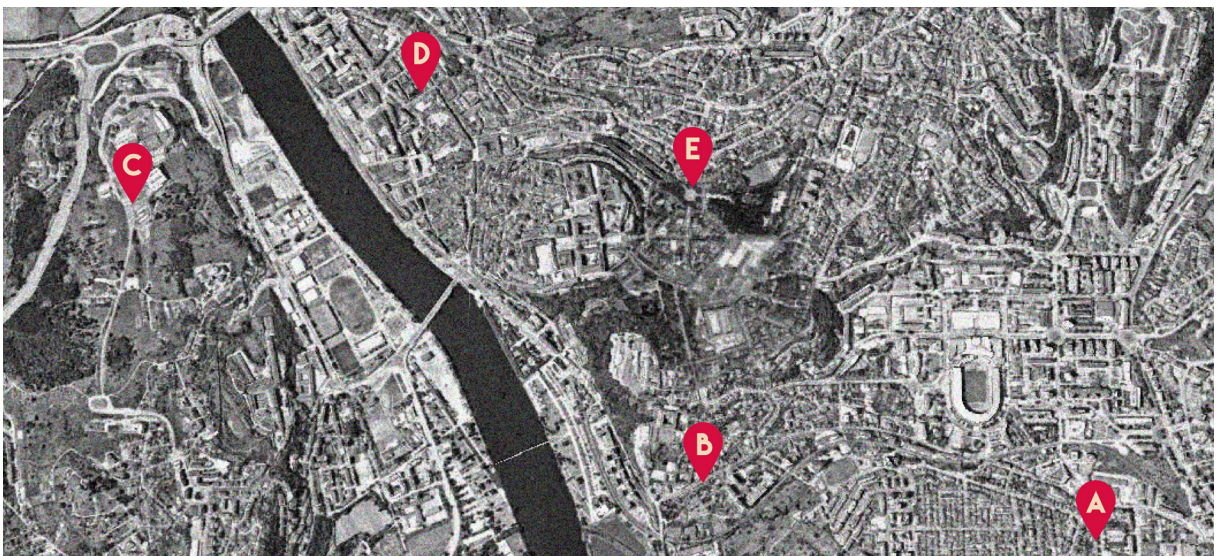


Figura 58. 'Sê baírrista'. Axonometria das intervenções. Rés do Chão, 2019.

Figura 59. 'Sê baírrista'. Parque infantil. Rés do Chão, 2021.

Figura 60. 'Paragem de autocarro'. Uma das paragens instaladas em uso. Colectivo ZÁS, 2022.

Figura 61. 'Paragem de autocarro'. Mapa dos pontos de intervenção realizado em Coimbra. Colectivo ZÁS, 2022.

modificação completa de um espaço abandonado num novo EP da cidade, feita pelo coletivo Esterni³⁰, um grupo de arquitetos italianos, como um programa de regeneração urbana promovida pela Capital Europeia da Cultura de Guimarães, em 2012. Essa intervenção foi um dos primeiros atos de UT em Portugal e virou inspiração para outros surgirem depois, afirmou Tiago Castro em sua entrevista³¹.

Apesar de muitas vezes o UT ser uma ação única, elas também podem ser uma rede de intervenções. Isso é devido a capacidade de ser multiplicável. Sendo assim, as intervenções podem se expandir para outros espaços próximos ou serem replicadas em outros locais da cidade (Fontes et al., 2021). Pode-se ilustrar como ocorre essa rede de ações a microescala com reconfiguração do espaço intervencionado com o ‘Sê Bairrista’ (Figura 58), realizado no Bairro dos Alfinetes, na Freguesia de Marvila (Lisboa), iniciada em 2019 e promovida por diversas entidades, como Rés do Chão³², Gebalis³³, Câmara Municipal de Lisboa, Biblioteca de Marvila, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa - PRODAC³⁴ e Grupo Comunitário 4Crescente³⁵.

Esse projeto teve o total de 5 intervenções projetadas com a participação ativa da comunidade, promovendo a requalificação dos EP para atividades de brincar, de cultivo, de conversar e de estar, para assim promover o sentimento de pertença e coesão dos moradores. A iniciativa gerou um parque infantil (Figura 59), um canteiro, um palco para espetáculo e um jardim comunitário (*Sê bairrista - Rés do Chão*, [s.d.]).

Outro exemplo, de ações de microescala foi a colocação de ‘Bancos de Autocarro’, em várias zonas da cidade de Coimbra pelo ZÁS colectivo³⁶ no ano de 2022. Consistia na colocação de 5 bancos em paragens selecionadas ao redor da cidade (Figura 61), com o intuito de chamar atenção a falta de lugar para sentar-se nesses pontos. A intervenção se realizou no período de maio a agosto, pois nessa época a frequência dos autocarros é baixa, fazendo com que o tempo de espera seja mais longo, algo que torna a presença de espaços para se sentar ainda

30 Coletivo Esterni = grupo italiano de arquitetos que atuam desde 1995 em Milão, Itália.

31 Entrevista com Tiago Castro realizada por mim no dia 13 de julho de 2022. (Anexo 1)

32 Rés do Chão = Associação fundada em 2014 especializada em arquitetura, urbanismo e participação.

33 Gebalis = é uma empresa de desenvolvimento local que tem como objetivo a promoção e gestão de imóveis de habitação municipal.

34 Santa Casa da Misericórdia de Lisboa - PRODAC = é uma entidade colectiva de direito privado e utilidade pública administrativa, atualmente disponibiliza serviços no âmbito da ação social, saúde, educação e cultura.

35 Grupo comunidade 4Crescente = é união de várias instituições presentes em Marvila, de modo a criar sinergias entre todas elas para dinamizarem programas e atividades em conjunto com a população.

36 ZÁS colectivo = é um colectivo de arquitetos e estudantes de arquitetura motivados a explorar formas diversas de utilizar conhecimentos, ferramentas e métodos da disciplina em prol de uma construção urbana mais justa e participativa. Fundada em Coimbra no ano de 2021.

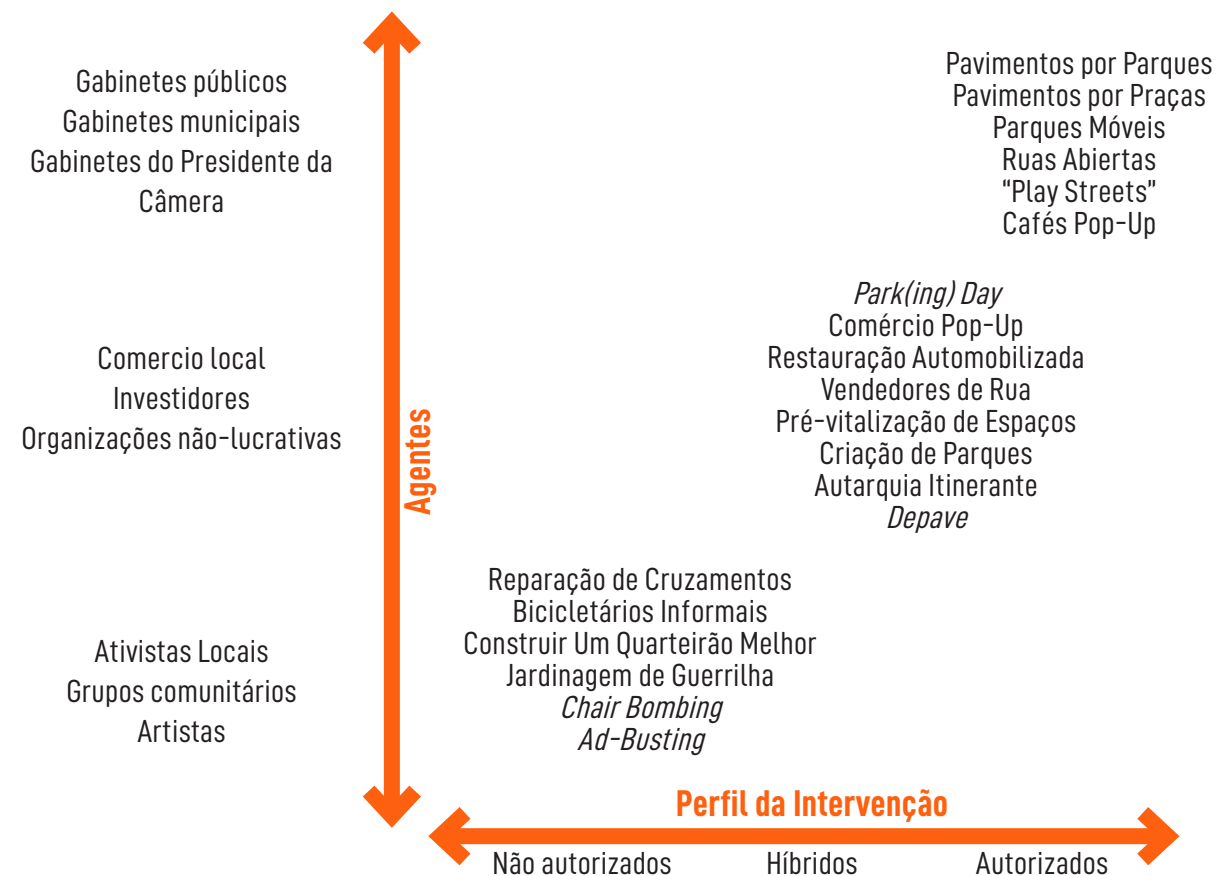


Figura 62. Esquema do Espectro do Urbanismo Tático. Elaborado pela autora, 2022. (adaptado Lydon, 2012, p. 7)

Figura 63. 'Guerrilha bike activism', pista marcada no chão. BikeSydney, 2015.

Figura 64. 'Guerrilha bike activism', pista marcada no chão em uso. Quick, D., 2015.

Figura 65. 'Depave' no Oliver Middle School, Portland, OR. O pavimento em concreto da escola. s.a., 2021.

Figura 66. 'Depave' no Oliver Middle School, Portland, OR. O pavimento transformado. s.a., 2021.

mais necessária.

LEGALIDADE

Urbanismo tático tem a capacidade de encurtar o processo burocrático de intervenção na cidade, ou seja, de fazer o projeto sair mais rapidamente do mundo das ideias. Isso ocorre porque essas intervenções não seguem a estrutura normal de planejamento urbano e não precisam de todas as respostas antes de agir, funcionando intencionalmente como um laboratório para experimentação de ideias. São ideias que permitem a realização de planos sem a preponderância do planejamento (Hamdi, 2004).

Apesar de serem normalmente retratadas como ações realizadas sem autorização durante a madrugada, o UT se realiza dentro de um espectro de legalidade (Figura 62) Mas porque isso ocorre? É devido aos diferentes graus de formalização necessários para se realizar uma ação tática, que serão apresentados abaixo. Antes é importante apontar que essa relação com a legalidade, é algo que muitas vezes passa despercebida pelas pessoas, ou seja, eles não conseguem distinguir se são ações autorizadas ou não, simplesmente apreciam o espaço transformado (Lydon & Garcia, 2015).

Primeiramente, iremos apontar as intervenções não autorizadas, as que surgem sem nenhum envolvimento das entidades responsáveis pelo terreno, sejam de apoio, financiamento ou autorização. Um exemplo disso é '*Guerrilla Bike Activism*' realizado nas cidades de Sydney e de Camberra ACT, na Austrália, por ativistas ciclistas insatisfeitos com a segurança oferecida nas ruas compartilhadas com os veículos automobilísticos.

A intenção é de protestar e de fazer pequenas mudanças nas ruas para melhoria da circulação para os ciclistas, isso é feito através da pintura de ciclovias (Figura 63) e da colocação de placas informativas do risco ao longo do percurso. Essas ações conscientizam e legitimam a presença de bicicletas nas ruas, bem como tornam o trajeto mais seguro e prazeroso, porque colocam sinalizações que ajudam os ciclistas e os motoristas coexistirem na rua (Hartley et al., 2014).

Neste enquadramento de UT sem autorização podemos ainda apontar as que são bem-sucedidas e que, com isso, recebem a respectiva autorização, podendo até surgir uma regulamentação para futuras abordagens semelhantes. Quando isso ocorre, fica demonstrado o poder dessas pequenas ações em virarem mudanças duradouras no espaço. Para ilustrar isso, temos o programa *Depave* executado na cidade de Portland, nos Estados Unidos da América.



Figura 67. 'Aveiro Parklet - Uma micro praça em cada Rua', a parklet instalada. Aveiro Parklet - Uma Micro Praça em cada Rua, 2021.
Figura 68. 'Aveiro Parklet - Uma micro praça em cada Rua', a parklet em uso. Aveiro Parklet - Uma Micro Praça em cada Rua, 2021.
Figura 69. 'Área Pedonais Temporária', Torga, M., 2020.
Figura 70. 'Área Pedonais Temporária', Torga, M., 2020.

Surgiu em 2007, com o objetivo de transformar espaços com grandes áreas pavimentadas em espaços verdes comunitários (Figura 66) e contribui na transformação de antigas superfícies impermeáveis em solos naturalmente permeáveis. Essa ação era promovida por ativistas do bairro sem autorização, mas devido ao seu sucesso, virou uma organização sem fins lucrativos financiada pelo governo local e pela EPA (Environment Protection Agency). Além disso, foi publicado um guia de como se fazer esse tipo de ação visando promover a mesma em outras áreas e partilhar o método (Iserhott et al., 2015).

Por outro lado, existem as ações que surgem já com autorização, isso porque faz parte de um programa ou projeto existente. A exemplo disso é a *Aveiro Parklet – Uma Micro Praça a cada Rua* (Figura 67) em Aveiro, que corresponde a um projeto aprovado no programa Orçamento Participativo com Ação Direta do Município de Aveiro (OPAD) promovida pela Câmara Municipal de Aveiro (CMA).

O OPAD abre à população a oportunidade de propor e liderar uma iniciativa que acrescente valor para a comunidade, inclusive oferecendo apoio financeiro para as propostas escolhidas em votação. Em entrevista com o vereador João Machado³⁷, que foi um dos criadores do programa, ele afirmou que a maioria das propostas admitidas para a fase de votação acabam recebendo financiamento. Isso porque nas duas edições que houve (2020 e 2021) apenas onze propostas foram para votação, tendo em conta que são escolhidos projetos até chegar o limite da verba definida ou até atingir o máximo de dez propostas, a sua maioria são executadas.

É importante ressaltar que o financiamento não é total, pois está no regulamento que um percentual do valor necessário para executar a ideia deve ser obtido por quem a propõe. O intuito disso é fazer que quem propõe consiga engajar mais pessoas da comunidade para oferecer algum tipo de serviço para o projeto. Ou seja, não se precisa recolher dinheiro, podendo ser serviços ou materiais oferecidos pela comunidade e convertidos em valor financeiro (J. Machado, comunicação pessoal, 30 de novembro de 2022).

Esta iniciativa é anual e surgiu em 2020, quando a ideia do *Aveiro Parklet* (Figura 68) foi escolhida. Propunha a execução de *parklets*, para a ampliação do passeio público, sobre os espaços de estacionamento. A sua realização contou com a participação das pessoas na construção do equipamento e na sua idealização, o qual utilizou o Facebook como rede de comunicação e ativação (Rita Pereira, 2020).

³⁷ Entrevista com o deputado João Machado, realizada por mim no dia 30 de novembro de 2022 na Câmara Municipal de Aveiro.



Figura 71. Pintura do Muro do Bairro. Pessoas a finalizar a pintura. José Carlos Mota, 2023, Fevereiro, 10.

Figura 72. Pintura do Muro do Bairro. À comunidade em frente o muro pintado. José Carlos Mota, 2023, Fevereiro, 10.

Por fim, há também ações que são realizadas pelas autoridades, na ideia de ativar um espaço ou fazer teste-piloto, tal como, o plano ‘Áreas Pedonais Temporárias’ (Figura 69) promovida pela Câmara do Porto, que, durante 3 meses, fechou 16 ruas da Baixa e do Centro histórico para uso exclusivamente pedonal nos finais de semana. Essa iniciativa também contou com uma programação de eventos para ativar o espaço, bem como pintura e novos equipamentos urbanos nas ruas. A adesão da população à ação fez com que 10 ruas mantivessem este sistema até o fim do ano (*Centro do Porto passa a ter zonas pedonais temporárias aos fins de semana a partir deste sábado, dia 20, 2020*).

MATERIALIDADE

A materialidade na arquitetura é importante, a escolha entre um material e outro pode modificar tanto a técnica de construção como a expressão e presença do projeto no espaço, como também influencia a relação dos nossos corpos com o objeto e o lugar. Essa troca de interação é um dos fatores mais relevantes para se levar em conta no momento de optar pelo material. Isso porque fazemos contato físico com eles, que podem ter diferentes texturas, cheiro e temperatura. Como também há o contato visual, o qual interfere no nosso olhar para o sítio, pois podem transmitir convite para estar e para permanecer, assim como o contrário, de acordo com as escolhas e as combinações feitas.

Quando levamos essas questões para o UT, podemos ver que se opta por uma materialidade que transmita um aspecto mais convidativo para o espaço. Em relação aos materiais em si, opta-se pelos mais baratos, perecíveis e recicláveis, bem como, os que permitam fácil instalação, remoção e/ou reutilização. Segundo o *Tactical urbanism's Guide to material and design version 1.0* (Street Plans Collaborative, 2016), que fez um catálogo de matérias os usados baseando-se em projetos concretos, há uma variedade de materiais e de objetos que podem ser utilizados no UT. Após análise desse registro, é possível afirmar que os mais comuns são a madeira, o plástico e a tinta, alguns projetos ainda contam com tecido, uso de cordas ou de equipamentos com outro uso e/ou configuração.

Apesar dessa escolha por materiais mais baratos, as intervenções não são reconhecidas pelos utilizadores como projetos de inferior impacto na vivência da cidade. Isso porque, apesar dessa aparência de uma intervenção momentânea, as pessoas focam em usufruir da nova perspectiva de utilização e de estar naquele espaço modificado pelo UT.

“[...] the appeal of Tactical Urbanism is that people often can't tell the difference between the sanctioned and unsanctioned projects and simply appreciate the human-centered approach at the heart of this burgeoning movement.” (Lydon & Garcia, 2015, p.8)



Figura 73. *'Sustainable Public Space'*. Estrutura 1. s.a., 2022.
Figura 74. *'Sustainable Public Space'*. Estrutura 2. s.a., 2022.
Figura 75. *'Sustainable Public Space'*. Estrutura 3. s.a., 2022.
Figura 76. *'Sala de eSTAR'*. Pessoas a utilizar o mobiliário urbano. s.a., 2023.

Podemos visualizar melhor a utilização desses materiais mais comuns no UT em projetos concretos. Uma intervenção que ilustra o uso da tinta como principal elemento ativado da ação, é uma ação feita no LABIC MAIAInclui – Laboratório da Cidadania pela Inclusão pelo Laboratório de Planeamento e Políticas Públicas (L3P)³⁸, da Universidade de Aveiro, que criou a ‘Pintura do Muro do Bairro’ (Figura 71) no Bairro das Antas, no Maia em 2023. Essa intervenção consistiu na limpeza e pintura de um muro com cores vibrantes, com a intenção de melhorar o aspecto visual daquela zona, o tornando mais convidativo e dando uma nova paisagem do bairro para a comunidade cigana (“Comunidade cigana ‘faz magia’ no bairro da Anta com a ajuda da UA”, 2023).

Para demonstrar o uso da madeira nas ações táticas, o qual é o material mais recorrentemente utilizado, temos o exemplo da iniciativa ‘*Sustainable public space*’. Que foi executada pelo *Critical Concrete*³⁹ num workshop de verão de 2022, na Vila de Apúlia, no distrito de Braga. Essa intervenção consistiu na construção de três peças de mobiliário urbano que atuam como elemento multifuncionais e que permitem diferentes usos. Além da pintura do pavimento e da criação de um jardim. O objetivo era tornar o espaço entre edifícios, num lugar de estar, brincar e conviver em comunidade (Critical Concrete, 2022).

As três estruturas em madeira ficavam espalhadas no sítio, cada uma com um design distinto. A estrutura 1 (Figura 73) oferece um espaço de descanso, de sombra e de jogo para crianças, isso porque com os planos inclinados permite às crianças escalarem-nas, além de permitir deitar-se numa posição confortável à sombra. A estrutura 2 (Figura 74) tem uma base comum com uma mesa/túnel e uma rede para sentar e brincar. Já a estrutura 3 (Figura 75) é uma mesa pensada para receber piqueniques (Critical Concrete, 2022).

Outro ponto sobre a materialidade no UT é a sensibilidade com a sustentabilidade, já que muitas intervenções utilizam um móvel ou um equipamento urbano com nova configuração ou uso. Ou ao fim da utilização servem como material para outra ação do mesmo programa ou não. “*Tactical actions are often based on the re-use of pre-existing objects.*” (Silva, 2016, p.6). A exemplo de dar novo uso a um mobiliário há a ‘Sala de eSTAR’ (Figura 76), uma ação feita realizada durante o Festival dos Canais de 2022 e de 2023.

Essa intervenção consistiu na ativação da praça da república, que na sua configuração tem

38 Laboratório de Planeamento e Políticas Públicas – L3P = é um espaço de desenvolvimento de projetos de investigação de curta e média-duração relacionado com os temas do ordenamento do território e urbanismo a funcionar em resposta aos desafios colocados por instituições públicas, empresas e organizações do terceiro sector, sobretudo da região de Aveiro.

39 Critical Concrete = é uma organização sem fins lucrativos ocupada que assume desafios ligados à indústria da construção e visa práticas sustentáveis. Fundada no Porto em 2015.



Figura 77. 'Casa do Vapor'. Espaço transformado em uso. Colectivo EDA, 2013.
Figura 78. 'Casa do Vapor'. Crianças utilizando o espaço intervido. Colectivo EDA, 2013.
Figura 79. 'LUCity'. Montagem do projeto. 4iS, 2019.
Figura 80. 'LUCity'. Intervenção durante a noite. 4iS, 2019.

poucos espaços de estar e se apresenta pouco convidativa para a permanência, apesar de ficar no centro da cidade. Para resolver isso foram colocadas poltronas, sofás e mesas de centro espalhadas na praça, as quais ficaram à disposição durante o período do festival e com ativações de DJ's à noite em alguns dias (Festival dos Canais, [s.d.]).

Uma ação que reaproveitou material de um projeto anterior após o seu fim foi a iniciativa 'Casa do Vapor' (Figura 78). A qual foi realizada com a colaboração do coletivo EDA, ex-coletivo francês EXYZT⁴⁰ e Constructlab na praia da Cova do Vapor em Lisboa, em 2013. A madeira utilizada veio do projeto 'construir juntos' em Guimarães ECC 2012. Após o fim da ativação, houve a desmontagem dos equipamentos construídos, e as madeiras foram oferecidas para a construção do projeto 'Cozinha Comunitária Terra Novas' (Constructlab, 2013), essa ação será desenvolvida mais adiante.

O 'Casa do Vapor' teve a intenção de oferecer EP de lazer na praia (Figura 78), mas devido às restrições por ser uma zona de reserva natural protegida, a intervenção teve de ser temporária. Para conseguir isso foi feito UT com a construção de vários equipamentos para acomodar uma sala ao ar livre, uma biblioteca pública, uma cozinha, uma oficina de bicicletas, uma pista de skate, um playground e um forno de pizza. (Constructlab, 2013; EDA, 2013).

Por fim, podemos citar um exemplo onde houve a utilização do mobiliário construído em outras ativações do género com a ação 'LuCity!' (*Light Urban City*) (Figura 79) em Vila Nova de Famalicão, pela associação 4iS⁴¹ em colaboração com colectivo Warehouse, em 2019. Essa intervenção conteve a instalação de espreguiçadeiras e um equipamento ao centro, onde podia-se instalar uma caixa de areia ou uma plantação de uma árvore ou até de uma piscina. Após a desativação dessa instalação, o mobiliário urbano criado, por ter sido bem recebido pelos utilizadores, a câmara resolveu instalá-lo em outras freguesias do conselho. Mas algumas espreguiçadoras foram doadas para associações culturais (T. Castro, comunicação pessoal, 22 de julho de 2022; Colectivo Warehouse, 2019).

PLANEJAMENTO

Segundo Brenner (2016), o UT na sua forma mais pura é sistematicamente antiprogramático, pois só assim poderia manter uma abordagem consistentemente tática, resistindo e rejeitando

40 Colectivo EXYZT = colectivo francês que esteve na ativa de 2003 até 2015, com base em Paris com 20 membros. A qual tinha como manifesto ser uma plataforma de criação multidisciplinar com o objetivo de desafiar a visão da arquitetura como um campo independente da prática.

41 4iS - Plataforma para a Inovação Social = é uma organização sem fins lucrativos, integrada e sediada na Associação de Antigos Alunos da Universidade de Aveiro (AAAUA), após protocolo de colaboração alargado entre a Universidade de Aveiro e a AAAUA.



Figura 81. 'Cozinha Comunitária das Terras da Costa'. Guerra, F, 2021.

Figura 82. 'Cozinha Comunitária das Terras da Costa'. Pessoas reunidas utilizando o espaço intervido. Guerra, F, 2021.

qualquer movimento para a institucionalização. Afirma que o planejamento no UT vai contra a ideia de que essa abordagem é uma alternativa ao longo processo burocrático

Entretanto, isso não corresponde às ações táticas realizadas. Ter um período de planejamento antes do ato é comum, como iremos ver nos exemplos abaixo. Mesmo assim, continuam a ser intervenções que operam de forma mais rápida e mais fácil que o desenvolvimento burocrático clássico das obras.

O planejamento no UT inclui a identificação das demandas da área e das prioridades, a elaboração de uma proposta e a construção da intervenção, essas podem ser feitas através de oficinas e iniciativas envolvendo os agentes atuantes. Podemos classificar em três fases o UT em ação, sendo em ordem cronológica preparatória, produção e temporária. Sendo bem-sucedida, chega a uma quarta fase: definitiva.

Em conversa com dois taticistas⁴², quando perguntados sobre o processo preparatório para as intervenções, foi possível perceber que esse tinha a extensão de meses para se fazer uma ação de algumas semanas. Isso porque os projetos de UT surgem com a necessidade de resolver ou de repensar um espaço, o que resulta num processo para avaliar onde agir, o que fazer no espaço, como fazer e envolver a comunidade, antes de atuar.

Apenas executar a ação sem pensar nessas questões antes, ou seja, sem passar pela fase preparatória, é realizar uma intervenção que provavelmente não será bem recebida pelos usuários ou não fará sentido com o contexto da envolvente. Ou seja, pode ter um tom de afastamento da realidade e da comunidade, como os grandes planos aparentam ter, quando não envolvem as pessoas no processo ou apenas ilustram suas ideias com imagens abstratas de 3D (Lydon & Garcia, 2015). O UT cria propostas concretas e testadas na realidade, para poder ser um teste ou a demonstração de que o espaço recodificado pode ter outro uso ou outro aspecto.

Para melhor ilustrar isso podemos observar a fase preparatória em projetos concretos, como da 'Cozinha comunitária das terras da costa' (Figura 81) realizada pelo ateliermob⁴³ em conjunto com o Colectivo Warehouse, a comunidade local e voluntários. A qual fica localizada num bairro de gênese ilegal na Costa da Caparica, designada como Terra da Costa, finalizado em 2015.

42 taticistas = como se chamam as pessoas que realizam ações táticas, segundo Mike Lydon.

43 ateliermob = plataforma multidisciplinar de desenvolvimento de ideias, investigação e projetos nas áreas da arquitetura, cidade e território. Iniciada em 2005.



Figura 83. 'Vivó Bairro'. Atividades do final de semana da intervenção. Vivó Bairro, 2016.

Figura 84. 'Vivó Bairro'. Espaço utilizado para a intervenção. Vivó Bairro, 2016.

Essa intervenção consistiu num processo de 3 anos de desenvolvimento até a fase final. Teve início em 2012, com o convite do ateliermob para o workshop “Noutra Costa”⁴⁴ para desenvolver um projeto para as Terras da Costa, que deu continuidade a uma investigação académica e a um processo participativo para chegar à criação de uma cozinha comunitária, constituindo-se como um espaço que poderia vir a ser partilhado por todos e gerido pelos moradores (ateliermob, 2014).

Após a escolha do programa, foi necessário encontrar financiamento e legalização da ação, bem como conseguir material para se construir a cozinha, a qual foi cedida pela desmontagem da Casa do Vapor⁴⁵ feita pelo colectivo francês de arquitectura Exyzt. O Colectivo Warehouse uniu-se ao projeto. E com essa nova equipa, foi possível fazer a análise e escolher onde realizar a intervenção (ateliermob, 2014; Colectivo Warehouse, 2014).

Antes de realizar a construção, foram realizados vários workshops de mobilização da comunidade e construção de pequenas peças para o espaço, como um painel de informação e uma caixa de correio. Além de continuar a procurar por novos apoios e patrocinadores. Enquanto estavam à espera da aprovação do abastecimento de água por parte da Câmara Municipal de Almada. Conseguida a aprovação e o financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian⁴⁶, foi iniciada a montagem da cozinha. Após 2 anos do início da ação, foi possível executar a construção, que teve uma duração de 3 meses (ateliermob, 2014; Colectivo Warehouse, 2014; Critical Concrete, 2015; Valada, 2021).

Outra ação que exigiu um longo processo preparatório para realizar as atividades, nesse caso de uma ação com a duração de um final de semana, é o projeto ‘Vivó Bairro’ (Figura 83). O qual foi feito em Aveiro pelo CPIP⁴⁷, em 2015, que levou um ano a preparar a ação. Nesse período foi feita a coleta de informações e a interação com a comunidade, para assim fazer uma análise das necessidades da comunidade, dos locais para se intervir e o que fazer para ativar, modificar e refletir sobre essas zonas.

A recolha de dados, foi realizada através de reuniões com a administração local e com os

44 Workshop “Noutra Costa” = workshop promovido pelo Departamento de Arquitectura (DA/UAL) e pelo Centro de Estudos de Arquitectura, Cidade e Território (CEACT/UAL) da Universidade Autónoma de Lisboa. Realizada em 23 a 29 de junho de 2012

45 Casa do Vapor = projeto de UT mais bem explicado na secção Materialidade na página X.

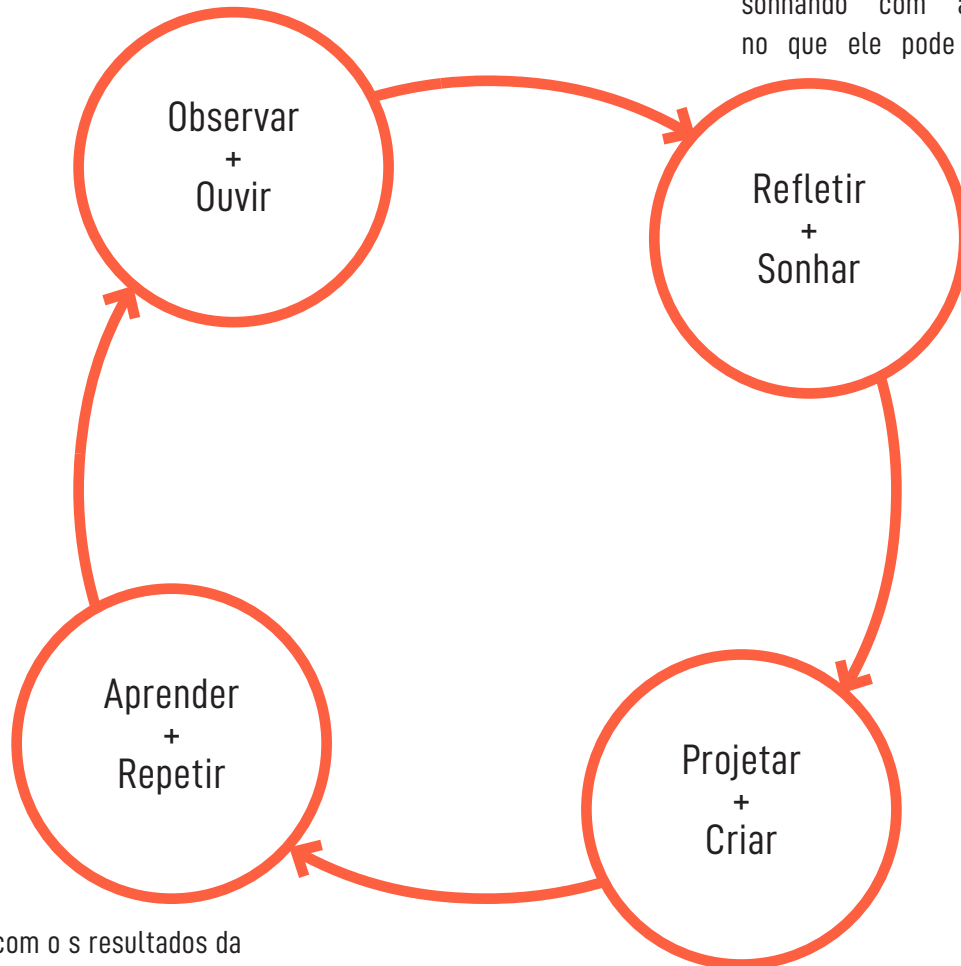
46 Fundação Calouste Gulbenkian = instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública geral com caráter perpétuo, cujos fins estatutários são Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Fundada em 1956, sediada em Lisboa.

47 CPIP - *Community Participation in Planning: Learning and Skills Framework* = é um consórcio que explora o conceito, a aplicação e o ensino da participação em processos de planeamento. Elaborado em três instituições de ensino: Universidade de Aveiro (PT), Ulster University (UK) e Community Places (UK). Ficou ativo esse projeto por dois anos (2015 e 2016).



Observar e conversar com a comunidade questionando: o que ela precisa? o que falta para ela se sentir pertencente ao seu espaço público?

Com os dados recolhidos refletir em como se pode melhorar aquele espaço frágil, sonhando com as pessoas no que ele pode se tornar.



Aprender com o s resultados da intervenção os pontos positivos e fragilidades dele. Podendo assim, repetir ele de forma definitiva ou esporadicamente.

Com as ideias em mente de como potencializar o espaço público, as coloca em um projeto concreto. Posteriormente, criando , em conjunto com a comunidade a intervenção.

Figura 85. 'Recria!'. Ação realizada na escola com as crianças. Fotografia pela autora, 2023.

Figura 86. 'Recria!'. Ação realizada na escola com as crianças. Fotografia pela autora, 2023.

Figura 87. Esquema cíclico da implantação do urbanismo tático. Elaborado pela autora, 2022.

moradores interessados. Também houve a divulgação online do projeto através de uma página do Facebook e a criação de um questionário online, para ter maior alcance de pessoas, e presencial por um grupo de voluntários, para fazer o levantamento dos recursos dos lugares e das pessoas, os sonhos/desejos coletivos e as propostas de ação (Isidoro, 2017).

Somente após isso, conseguiu-se planejar dois dias de ação, com mais de 60 atividades espalhadas pelo centro histórico de Aveiro, nas quais estiveram envolvidos 150 dinamizadores (cidadãos, instituições, associações, coletivos, empresas). Alguns dos atos realizados foram a criação de espaços dedicados à recreação das crianças, a ocupação de lojas abandonadas com exposição de fotografias e de criações artísticas, a recriação de peças que relembram a memória coletiva do espaço (por exemplo, fazer a porta da muralha com outra materialidade), arte pública (ilustração de bancos e caixas eletrônicas da cidade), por fim, um jantar comunitário num largo pitoresco subaproveitado (Isidoro, 2017; *Vivó Bairro [Página de Facebook]*, [s.d.]).

Ainda podemos falar sobre um projeto em desenvolvimento, ‘Recriar’ (Figura 85) do ZÁS Colectivo, o qual acompanho de perto por fazer parte do coletivo. A ação consiste numa intervenção que repense o espaço de recreio da Escola Básica Rainha Santa Isabel, em Coimbra. Entrou em desenvolvimento em novembro de 2022, e está na fase preparatória. Nesse período, foram realizadas duas reuniões com a professora que fez o convite. Bem como, uma sessão de diálogo com as crianças da escola com atividades recreativas de diagnóstico do uso do espaço externo. Além de reuniões internas do coletivo para chegar a uma proposta, a qual tem a intenção de ser executar no próximo ano letivo de 2023-2024.

1.2.4 Urbanismo Tático em ação

Após compreender as características do UT, é do interesse desta dissertação abordar, de forma genérica, como se pode aplicar o UT, pois como vimos há uma grande gama de ações táticas existentes. Em relação a esse tópico iremos desenvolver de que maneira se realiza a implementação, quem pode fazê-la e os perfis possíveis dessas ações, utilizando como base os guias de UT disponíveis digitalmente e os autores Lydon & Garcia (2015), Silva (2016) e Sansão Fontes et al. (2021).

Mas então, como aplicar o UT? Apesar de haver diferentes ações táticas e cada uma com sua particularidade, a implementação delas seguem uma estrutura genérica de 4 fases, segundo Lydon & Garcia (2015), como ilustrado no esquema da Figura 88.

A primeira fase denominada de **“Observar + Ouvir”**, corresponde a voltar o olhar para o espaço público e para a comunidade. No fundo trata-se de uma fase de levantamento das fragilidades, do desconforto que o espaço apresenta e das razões que fazem com que as

ATORES	CARACTERÍSTICAS
Poder público	Instituição representativa, como prefeituras, governos, secretarias, etc.
Setor privado	Pessoa física ou jurídica que atua de forma independente do Estado.
ONG e Associação sem fins lucrativos*	Organização não governamental, sem fins lucrativos e, geralmente, com atuação direcionada a políticas sociais.
Instituição de ensino	Órgão de cunho educacional e pedagógico, de caráter público ou privado, como escolas, universidades e instituto.
Associação	Organização resultante da reunião legal entre entes físicos ou jurídicos, sem fins lucrativos, com um objetivo comum, como associação de moradores.
Comunidade	Cidadãos comuns que não configuram um agrupamento organizado.

*Na obra original de “Urbanismo tático x Ações para transformar cidades” este ator está identificado como apenas ONG - Organização não-governamental

Figura 88. Tabela de atores e suas características. Adaptado de Sansão, 2021, elaborado pela autora.

pessoas não se identifiquem com esse espaço e da forma de o tornar mais habitável. Ou seja, é a etapa de análise das falhas e potencialidades do lugar, com o objetivo de pensar no seu futuro.

Esta reflexão sobre a forma como o espaço pode vir a ser, corresponde à segunda fase **“Refletir + Sonhar”**. Onde se planeia a forma de resolver as problemáticas e dar respostas às vontades identificadas, usando ideias de baixo custo e curto prazo. Além de fazer o levantamento dos recursos necessários e de quais parcerias poderiam ser interessantes realizar, para que a intervenção seja mais bem sucedida.

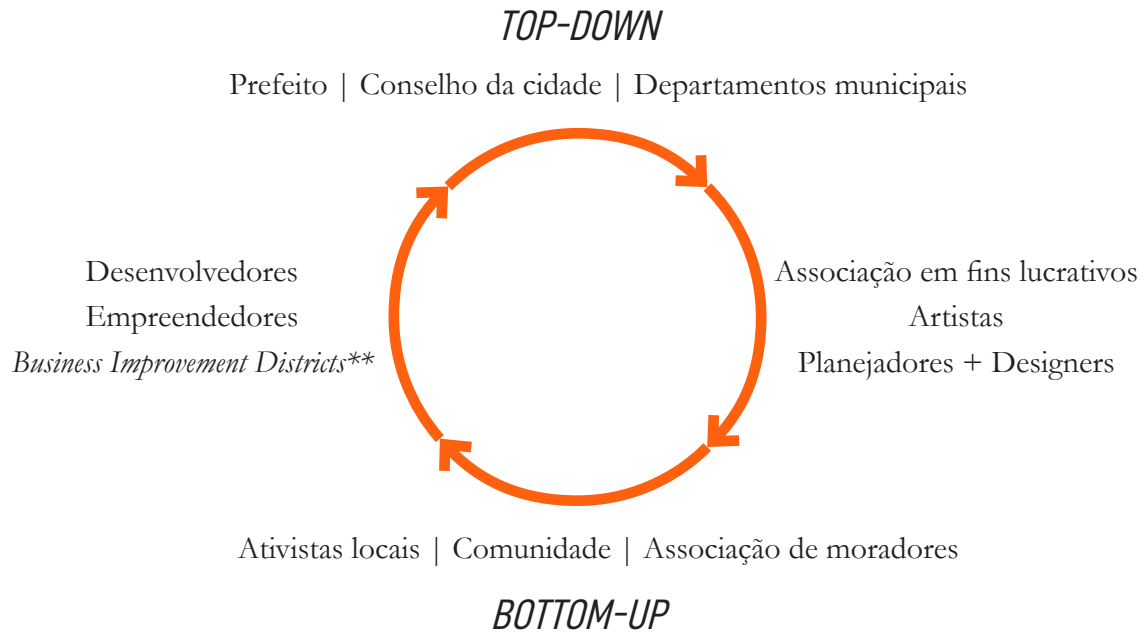
Posteriormente, na fase **“Projetar + Criar”**, desenvolve-se o projeto concreto e coloca-se em prática. Nesse momento, a instalação pode ser feita em conjunto com a comunidade, através de workshops para sua construção, por exemplo, ou pela colocação de equipamentos novos ao espaço, como bancos e *parklets*.

Por fim, há **“Aprender + Repetir”**, fase em que se analisam as mudanças proporcionadas pelo urbanismo tático, tanto no lugar, como na comunidade. É a partir dessa reflexão, que se pode chegar à conclusão de que esta transformação / experiência deve ser repetida, e com que frequência deve ser feita, ou se se deve tornar definitiva ou se se deve pensar noutro tipo de abordagem para aquele espaço. Se necessário volta-se à primeira fase, já que a cidade é dinâmica e novas problemáticas e melhoramentos podem surgir.

Quem são os agentes do UT? A resposta para essa pergunta é abrangente, como classifica Sansão Fontes et al. (2021) os agente possíveis são o poder público, o setor privado, a organização sem fins lucrativos, a instituição de ensino, a associação e a comunidade Figura 88. É possível acrescentar a esta lista o ativista local, o artista, o urbanista e o arquiteto/ designer, segundo Lydon & Garcia (2015), eles também são atores prováveis.

Normalmente, os principais atores que usam o UT para agir na cidade são os agentes mais ligados aos atos *bottom-up*, ou seja, são iniciadas pelas associações ou pela comunidade. O benefício disso é que essas intervenções “simplificam o processo participativo, reduzindo ou ignorando a burocracia, permitindo que os cidadãos, através de suas próprias habilidades, possam mudar e controlar seus EP” (Monteiro, 2019). De acordo com Brenner (2016), a forma mais pura do UT é a iniciada e realizada apenas por esse agentes.

Entretanto elas também podem ser iniciadas ou geridas formalmente, sendo assim, uma ação de *top-down* feitas através do poder público. O que permite uma espécie de laboratório na cidade, antes de aplicar uma solução definitiva no sítio. Apesar de estarem mais acostumados a “implementar” do que “testar”, adotar essa abordagem na microescala talvez seja



*** Business Improvement Districts - novo modelo de governança urbana, envolvendo atores do sector público e privado com o objetivo de revitalizar os centros de comércio das cidades.*

Figura 89. Esquema da relação de atores e a classificação de serem ações top-down ou bottom-up. Adaptado Lydon, 2015, elaborado pela autora.

interessante. Pois, levando em conta que essa escolha implicaria uma mudança nos métodos de planejamento, onde existe a oportunidade de testar as ideias, enquanto está a acontecer a discussão e formalização do projeto (Silva, 2016). A (Figura 89) ilustra a relação entre atores e classificação de ser uma ação *top-down* ou *bottom-up*.

“For citizens, it allows the immediate reclamation, redesign, or reprogramming of public space. For developers or entrepreneurs, it provides a means of collecting design intelligence from the market they intend to serve. For advocacy organizations, it is a way to show what is possible to garner public and political support. And for government, it’s a way to put best practices into, well, practice—and quickly!” (Lydon & Garcia, 2015, p. 3)

A associação de atores é recorrente nas ações táticas. Segundo Sansão Fontes et al. (2021), há grande benefício para o UT ter articulação de vários agentes, chamada de ação híbrida, isso porque articula e equilibra o envolvimento dos cidadãos, dos poder público e dos especialistas. De acordo com Lydon & Garcia (2015), essa união pode permitir que os projetos bem-sucedidos se tornem concretos, seja isso de forma a tornar permanente, formalizar ou regularizar a ação tática.

Ainda sobre esse ponto é válido questionar o papel do arquiteto e do urbanista como agentes do UT, como aponta Silva (2016), eles não são os “criadores” que definem o que será feito. Nas ações táticas, não têm o papel principal, a decisão é tomada através do consenso dos envolvidos. Em casos como do “Cafés pop-up”⁴⁸ parece que a função do arquiteto é “embelezar” o produto da intervenção. Nesse contexto, podemos afirmar que os urbanistas são apenas mais um ator envolvido no processo do projeto.

De acordo com Lydon & Garcia (2015), os agentes têm três maneiras mais comuns de agir. Não ocorrem de forma isolada, normalmente acontecem de maneira sequencial, a primeira leva à segunda, que leva à terceira. Elas são:

- Iniciada pelo cidadão para ultrapassar o processo convencional de realizar projetos e cortar a burocracia municipal através do manifesto, do protótipo ou da demonstração visual da possível mudança. Essa iniciativa representa os indivíduos representando seu “direito à cidade”
- Como uma ferramenta para o governo municipal, para investidores ou para

⁴⁸ Café Pop-up = é uma iniciativa do urbanismo tático que visa promover esplanadas públicas de estacionamentos e o empreendedorismo local. (Lydon et al., 2014, p. 21)

PERFIL DA AÇÃO TÁTICA	CARACTERÍSTICAS
Especialização	Define grandes objetivos específicos, sem ter uma percepção de qual é o impacto final da ação e quais são as relações com outras ações
Acompanhamento	Segue os princípios e a abordagem de algum outro movimento original, com regras mais específicas, e revela um nível de institucionalização maior que da ação antecessora
Adição	Baseia-se em uma iniciativa similar, mas com a adição de outra tarefa
Fixação	Tem como objetivo ser um teste de execução aberta para novas iniciativas e ocupações permanentes
Reivindicação	Resulta de demandas feitas por indivíduos ou grupo de cidadãos e, em alguns casos, também expressa uma necessidade
Monitoramento	É monitorada pelas autoridades públicas, devido à sua natureza específica e nível de impacto no ambiente urbano
Fusão	Resulta da combinação de duas ações especializadas, que se tornam complementares nesta terceira ação

Figura 90. Tabela dos perfis táticos. Adaptado de Silva, 2000, elaborado pela autora.

organizações sem fins lucrativos envolverem de forma mais abrangente as pessoas no processo de planejamento e desenvolvimento do projeto.

- Como uma ferramenta de implementação inicial de “fase 0”, usada para testar projetos antes de fazer um investimento a longo prazo.

Por fim, que perfis de ações táticas existem? Segundo Silva (2016), há sete perfis de implementação do UT: especialização, acompanhamento, adição, fixação, reivindicação, monitoramento e fusão, conforme está explicado na Figura 90. O que permite perceber a capacidade das ações táticas de poderem responder de diferentes maneiras às problemáticas da cidade. Ou seja, há mais de uma possibilidade possível de transformar o EP utilizando o UT.

Concluimos que cada UT em ação pode ter diferentes atores para múltiplos propósitos de intervenção, mas o modo de aplicar segue, muitas vezes, uma sequência de ações. Essas caracterizações do UT demonstram a diversidade de respostas que as ações táticas oferecem, mas ao mesmo tempo, é importante ter em conta que essas questões trazem limites a essa abordagem.

1.2.5 Limitações do Urbanismo Tático

Apesar de termos visto o potencial do UT como ferramenta de transformação no EP, não podemos deixar de apontar as limitações dessas ações. Isso porque, devido à abordagem ser de curto prazo, de baixo custo, na microescala e, muitas vezes de *bottom-up*, faz com que as intervenções não consigam responder às problemáticas de grande escala e de infraestrutura, como as questões de habitação, de transporte e de saneamento da cidade. Bem como, não oferece uma solução definitiva para o espaço intervencionado. Isso porque exigiria recursos que normalmente não fazem parte do UT, ou seja:

“sua transformação num projeto que requer uma coordenação a ser pensada mais a longo prazo; uma coordenação que também seja estabilizada, executiva e vinculada ao coletivo; e algum tipo de pessoal destinado às tarefas de gestão territorial – ou seja, planejamento.” (Brenner, 2016, p. 17)

Independente de não poder resolver grandes problemáticas urbanas, ainda assim é um modo interessante de agir na cidade como contributo para o cotidiano da vida urbana. Como aponta Certeau (1998) em sua obra “A invenção do Cotidiano”, o cotidiano é:

“[...] aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. [...]

O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada.” (Certeau, 1998, p. 31)

Isso combinando com a visão de Whyte (2004) sobre a importância da pequena escala para a vida urbana:

“Collectively, a city’s abundant small spaces have a major impact on the quality of life. If those spaces are unattractive, people will likely retreat from the city street, perhaps from the city itself - to the suburbs and country if they can manage it, to fortified shelters in cities if they cannot.” (Whyte, 2004, p.7)

Sendo assim, o fato de o UT não explorar e não conseguir solucionar grandes problemáticas, não é uma limitação totalmente negativa dessa abordagem. Até certo ponto, é uma vantagem ter uma ação voltada a tratar a microescala.

Outra limitação que merece ser pontuada é que as ações táticas são temporárias, uma característica intrínseca dessa abordagem. Sobre isso tem o problema de a intervenção modificar um EP por um período, mas, devido à falta de manutenção, a melhoria do espaço pode se perder ou ele pode retornar à configuração anterior. Entretanto, mesmo quando isso ocorre, essa instalação chama atenção para a problemática do espaço, fazendo com que a comunidade veja que existe a possibilidade de requalificar e de tornar aquele sítio num espaço melhor para si. Bem como, chamando a atenção das instituições governamentais para o local intervencionado, demonstrando o potencial que pode ter.

Ainda é válido pontuar a precibilidade dos materiais utilizados nas intervenções, questão que foi abordada no ponto da materialidade. Mas é importante ressaltar neste subcapítulo que isso impede que a ação seja definitiva no espaço e exige que exista uma manutenção contínua da intervenção. Entretanto, isso não pode ser uma barreira para não utilizar ações táticas, pois optar por materiais não definitivos permite que haja modificações após a instalação.

Por fim, há a questão da participação da comunidade no UT. Esta é uma abordagem que normalmente surge da comunidade, ou está aberto para o envolvimento ativo da população no planejamento e na construção das intervenções, entretanto não é possível fazer com que todos os indivíduos tenham interesse e participem na ação tática. Sendo assim, pode gerar soluções que servem apenas a uma parte da comunidade.

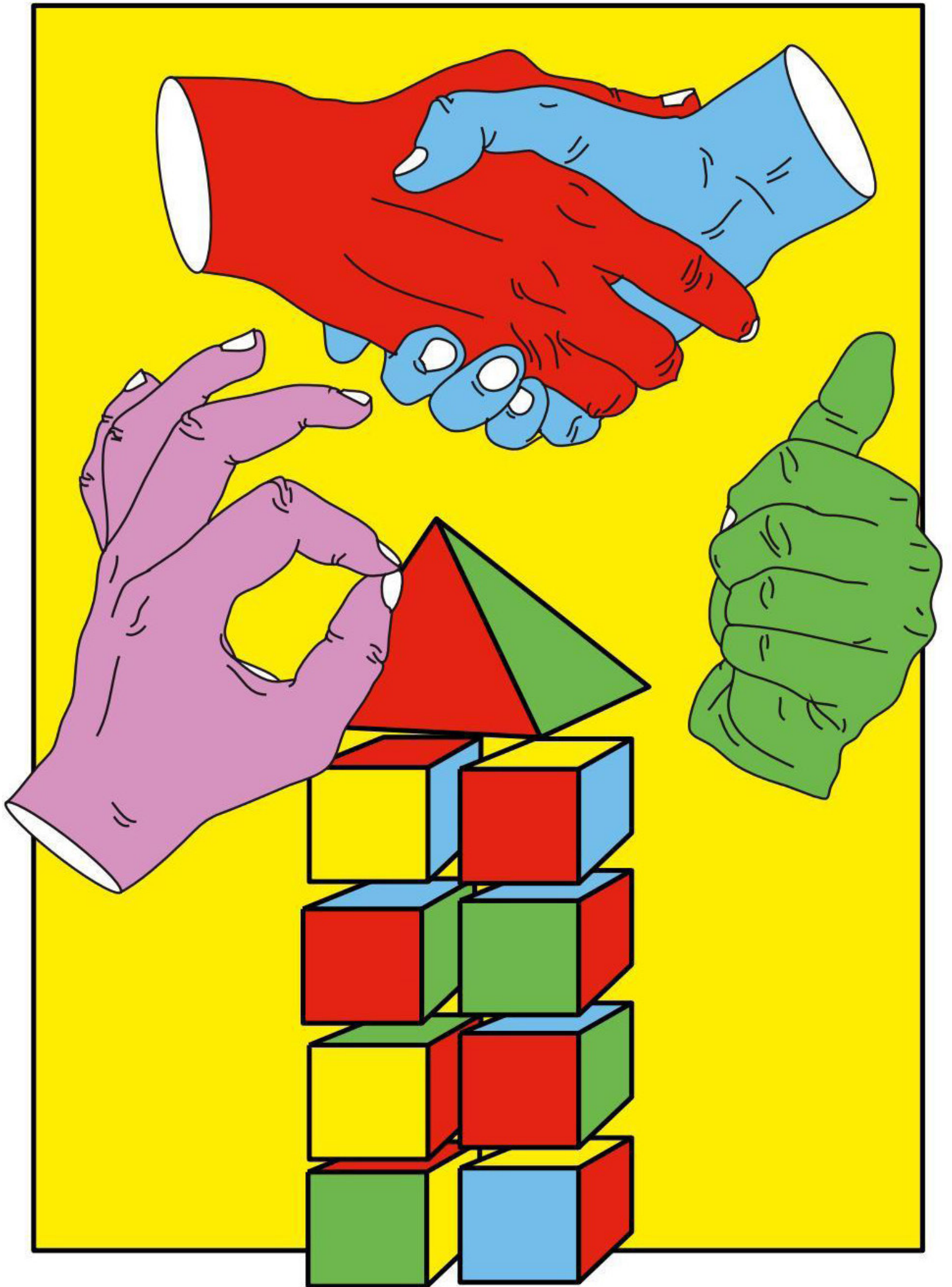
O UT pode ultrapassar algumas das limitações apresentadas, quando associadas com agentes governamentais e instituições, como a questão da temporalidade e de baixo financiamento. Isso porque, se bem-sucedida a intervenção, os projetos podem tornar-se ações definitivas e

duradouras, através de um programa periódico ou de uma lei legalizando e/ou regularizando essas iniciativas.

Apesar da dificuldade de mobilização de toda a comunidade, o fato dessa abordagem ser uma resposta temporária ao espaço permite que, após a intervenção, as pessoas que não foram envolvidas possam expressar sua opinião, através da não utilização desse ou a verbalização de descontentamento. Essas opiniões podem ser levadas em conta nas futuras ações e projetos para aquele espaço.

Em relação à capacidade de se intervir apenas na pequena escala, é um entrave que autores consideram algo vantajoso. Pois o olhar sobre a microescala muitas vezes está em falta no planejamento urbano clássico, no caso do UT é o cenário escolhido para se investigar e promover mudanças potencializadoras da vida do cotidiano urbano.

“... para se poder fazer algo relevante, para pensar e agir globalmente, devemos começar com algo pequeno e onde faça a diferença. A prática, então, é sobre tornar o normal especial e o especial mais acessível – alargando os limites da compreensão e da possibilidade com visão e bom senso. É também sobre a construção de redes densamente interconectadas, tecendo ligações entre organizações e parceiros improváveis, e fazendo planos sem a preponderância do planejamento. É sobre fazê-lo correcto no presente e, ao mesmo tempo, tático e estratégico sobre o futuro. Não se trata de fazer previsões, nem de tomar decisões sobre o futuro. Mas é sobre o longo prazo, certificando que um mais um é igual a dois ou três, sobre ser politicamente engajado e ligado à terra, e também sobre a perturbação da ordem das coisas no interesse da mudança.” (Nabeel Hamdi, 2014, p. 44)



PARTE 2 – CASOS DE ESTUDO

Esta segunda parte apresenta, de forma mais profunda, três ações de UT em Portugal, com a intenção de demonstrar o processo, a construção e o impacto desses casos de estudos no EP e na comunidade. Os dados dessas ações táticas foram obtidos através de entrevistas com participantes da ação, de relatórios disponibilizados pelos agentes, de registros em sites e redes sociais da ação, e da visita ao sítio da intervenção.

De forma a proceder a uma análise comparativa entre os casos, foi estabelecido uma base analítica com 5 categorias. Essa base tem como objetivo permitir observar características práticas dessas intervenções: (1) Motivações; (2) Situação preexistente; (3) Agentes; (4) Processo de implantação e participação; (5) Situação atual. Cada categoria tem sua relevância para poder observar o impacto antes, durante e depois da iniciativa. Além de fazer o registro do processo de implantação utilizado e a situação como se encontravam até o desenvolvimento desta dissertação.

2.1 CARACTERIZAÇÃO E CATEGORIAS DE ANÁLISE

Os casos de estudo apresentados iniciam-se trazendo informações práticas sobre a intervenção, que permitem contextualizar de forma breve as ações táticas e analisá-las de forma rápida, sendo elas:

Perfil da ação tática: que tipo de ação foi realizado (especialização, acompanhamento, adição, fixação, reivindicação, monitoramento, fusão)⁴⁹;

Local: cidade e a escala da zona intervencionada;

Duração: período de duração da ação;

Agentes: quem promoveu e participou;

Financiamento: quem financiou a intervenção;

Participação: apontar em quais etapas a comunidade se envolveu (fase preparatória, fase de produção, fase temporária, fase definitiva)⁵⁰.

Depois dessa apresentação geral do projeto, iremos adentrar nas cinco características que serão investigadas e comparadas. Primeiramente, começaremos por explicar a **situação preexistente**. Isso porque a escolha do local onde será realizada a intervenção de UT pode ocorrer antes ou durante o processo da ação, mas comumente as intervenções são feitas em espaço urbanos subutilizados, vias públicas de tráfego de automóveis, praças etc. Esses espaços têm em comum a necessidade de uma intervenção para os tornar habitáveis ou para melhorar o que já existe. Percebendo como foi escolhido e qual o estado em que se encontrava a área intervencionada, podemos obter uma melhor perspectiva do contexto social e econômico, das necessidades, das expectativas e das possibilidades da intervenção realizada.

Em seguida iremos explicitar as **motivações** que levaram a essas iniciativas, uma vez que as intenções e os objetivos dos vários agentes para o EP a intervencionar podem variar e ser

49 Perfis classificados de acordo com Silva (2016), que foram apresentados na Figura 90 na página 104

50 Fase preparatória: processo de discursão e definição do projeto; fase de produção: construção e ativação do espaço para sua instalação; fase temporária: equipamento instalado; fase definitiva: projeto é concretizado de forma final.

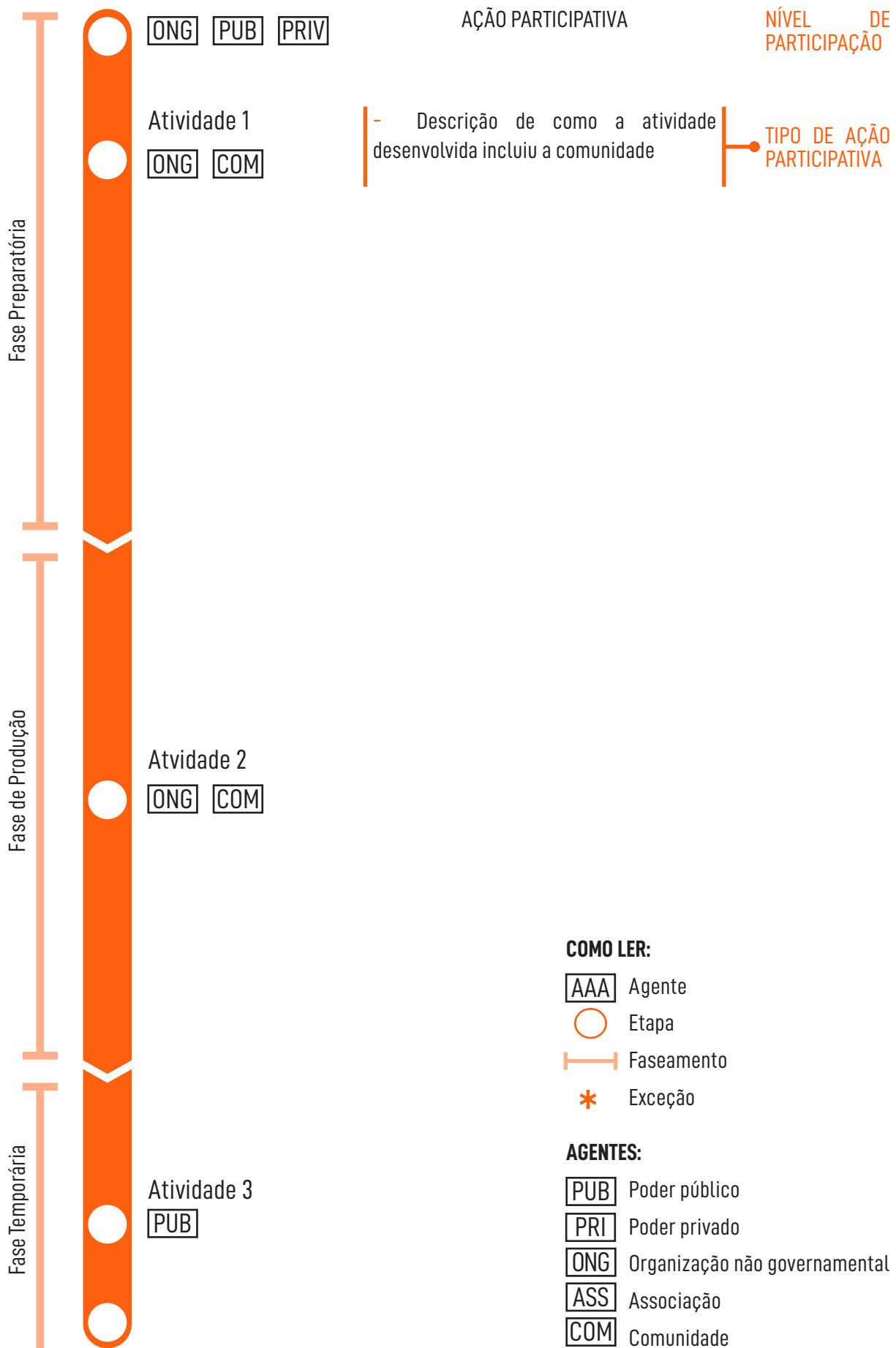


Figura 92. Esquema de análise do processo de implantação e participação Elaborado pela autora, 2023.

múltiplas. Podem ser, por exemplo, para: chamar a atenção da comunidade a um problema ou espaço; resolver uma necessidade do local; realizar um convívio entre a comunidade; etc. Saber qual a intenção da intervenção nos permite entender o “porquê” das escolhas feitas para a execução do projeto, como também analisar se elas foram atingidas. Compreender o objetivo por detrás do projeto é fundamental para perceber o que ele se propõe a ser, mas também é interessante saber quais as expectativas e os sonhos dos agentes, isso porque essas motivações vão além de questões práticas, dependem de um desejo coletivo de futuro para o local.

Depois, vamos apresentar quem foram os **atores** envolvidos em todo o processo de realização da intervenção. No UT os agentes podem variar em diferentes fases do projeto, devido ao tipo de ação tática utilizada. Sendo assim, é relevante saber quem são e como contribuíram em cada uma das fases. Nessa categoria, também se vai apontar agentes que não foram ativos na construção do projeto em si, mas estiveram envolvidos no financiamento e no fornecimento de materiais e de mão de obra especializada. De forma geral, essas questões permitem analisar a complexidade ou simplicidade do UT, dependendo do número de atores envolvidos. Como também permite mostrar diferentes agentes trabalhando juntos numa ação rápida e barata no EP.

Em seguida iremos analisar o **processo de implementação e participação**, que vai explicar como a ação tática foi instalada tendo como maior enfoque as etapas que utilizaram métodos participativos, nas quais serão analisadas a forma de comunicação e ativação da população para o envolvimento, como também o contributo para a intervenção. Com isso, não somente podemos entender o desenvolvimento do projeto como um todo, mas também compreender a relevância da inclusão de métodos participativos no UT em fases preparatórias, de produção e temporárias.

Dentro desse ponto também será apontado o programa e os elementos de ativação do projeto. Isso permite entender que tipo de ações e intervenções foram sendo realizadas no EP intervencionado. Muitas vezes o UT busca oferecer mais de um programa e elemento de ativação, isso porque, durante as fases de implementação se pode utilizar diferentes ações para ativar e motivar a comunidade, além de que, cada EP pode ter mais do que uma utilização para os utilizadores.

Por fim, analisaremos a **situação atual** que a ação se encontra no período de realização desta dissertação, desse modo faz-se um enquadramento do estado da intervenção, em relação à questão estrutural e física do espaço, ao estado do mobiliário, à utilização pelos moradores e quem realiza a manutenção. Como também, se pode perceber quais são as ações futuras, se terá alguma manutenção, obra pública ou retomada de ações táticas para melhoria do local.

Esse registro é importante para perceber o resultado depois de um período longo da execução das ações, ou seja, perceber o resultado a longo prazo e como a população se relaciona com a intervenção na atualidade. Como também, perceber os processos de manutenção que foram realizados e por quem.



Figura 93. Evento de abertura do espaço. s.a., 2015.

2.2 VIVACIDADE. VESTIR OS VAZIOS URBANOS⁵¹

Perfil da ação tática: Reinvidicação.

Local: Aveiro - lote em esquina abandonado no centro.

Duração: 18 meses (03/2014 – 05/2015).

Agentes: Fundação privada, poder público, Organização sem-fins lucrativos, comunidade local, estudantes universitários, artistas locais.

Financiamento: *Actors of Urban Change*⁵².

Participação: Fase preparatória, fase de produção e fase temporária.

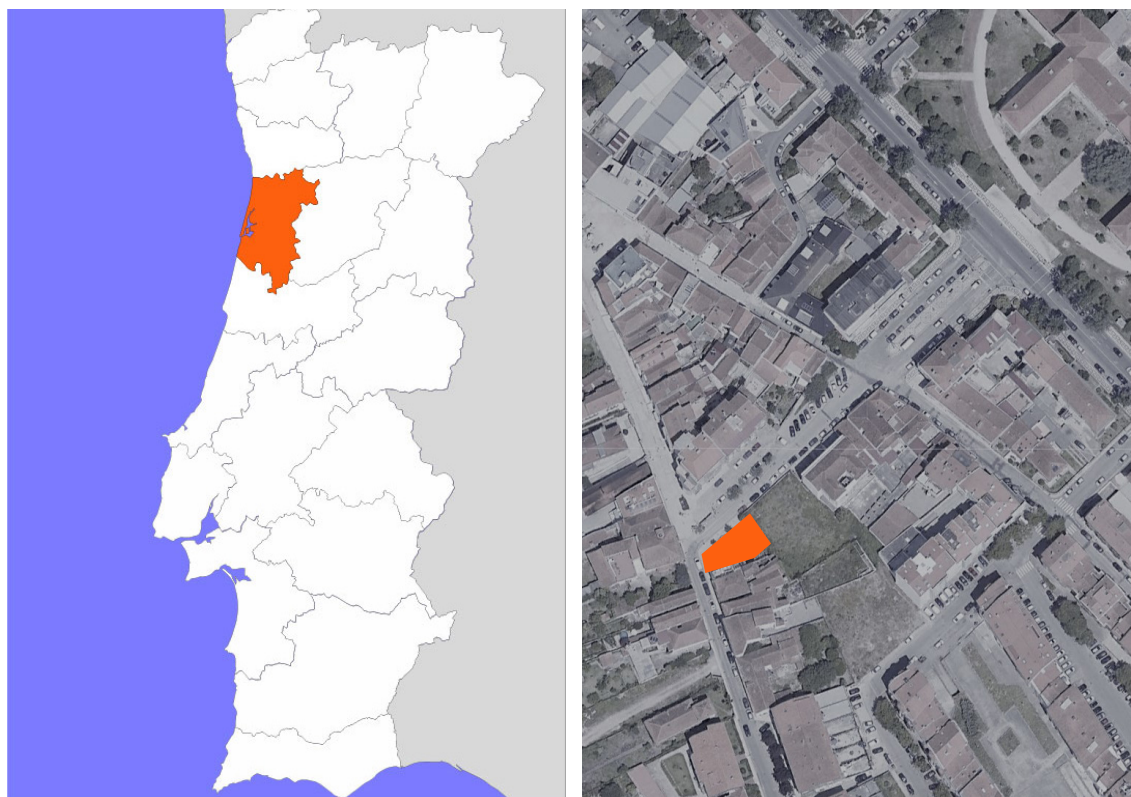


Figura 94. Mapa a escala do país apontado em laranja o distrito de Aveiro. Elaborado pela autora, 2023.

Figura 95. Mapa aproximado e marcado de laranja o lote intervenido. Printscreen Google Earth Pro, 2023, modificado pela autora.

51 As informações desse caso de estudo foram extraídas de publicações oficiais do site e rede social do 'VivaCidade', do relatório publicado do projeto (Disponível em: https://issuu.com/4is-inovsocial/docs/publicacao_vivacidade_web_hr) e do artigo sobre o projeto na publicação do trabalho *Actors of Change* (Disponível em: https://issuu.com/actorsofurbanchange/docs/act_magazin_digi_einzelseiten_new). Além da entrevista realizada com um dos integrantes do '4iS', o Tiago Castro (Anexo 1), bem como visita de campo ao espaço.

52 *Actors of change* = é uma rede internacional de boas práticas dirigida pela comunidade. Promove o desenvolvimento urbano sustentável na Europa e acredita na criação de uma cultura de cocriação como força motriz para uma mudança positiva. Para fazer isso, promove a colaboração entre atores dos setores sem fins lucrativos, público e privado.



Figura 96. Moradores com diferente faixa etárias a montar um equipamento no workshop. Veselko, R., 2015.
Figura 97. Fotografia do pré-existente. Gallo, G., s.d.

O projeto ‘VivaCidade’ foi uma iniciativa que teve como principal objetivo “envolver a comunidade local para a requalificação de vazios urbanos” (Praça et al., 2015) através de iniciativas ativadoras da comunidade, como reuniões, oficinas e eventos culturais para, em conjunto com a comunidade, cocriar a intervenção . O processo teve início em março de 2014, sendo finalizado em julho de 2015. Após um ano recebeu uma manutenção feita pelo 4iS e em 2018, pelo CTB Lab 01⁵³, uma segunda manutenção .

2.2.1 Motivações

O projeto ‘VivaCidade’ tem como objetivo intervencionar espaços subutilizados na cidade, especificamente, espaços abandonados e sem função, que têm potencial para ser espaços úteis à comunidade. Pretende também capacitar e mobilizar as pessoas a partir de métodos participativos de *co-design* e *co-creation* para realizar uma intervenção de UT em vazios urbanos, transformando esses espaços em lugares acolhedores, acessíveis e agradáveis, utilizando a ideia de *placemaking*, com base na tradição e na memória.

Alguns objetivos específicos formulados pela equipa ‘VivaCidade’ foram habilitar a comunidade para estar atenta às questões urbanas, refletir sobre o local e desenvolver soluções para os seus problemas, assim como a regeneração urbana através de mudanças realizadas pelos cidadãos, ainda aproximar a população local e os estudantes e, por fim, reforçar a identidade local.

2.2.2 Situação preexistente

A equipa da ‘VivaCidade’ fez o mapeamento de diversos vazios urbanos localizados no centro da cidade de Aveiro e acabaram optando pelo lote do Largo de São Sebastião para intervencionar. Isso devido à sua localização central, com potencial de visibilidade, mas também por ser propriedade do Município, um dos promotores.

O largo era um espaço vazio na interseção da Rua São Sebastião com a Rua D. Henrique, no Bairro do Liceu. Tem uma localização privilegiada no meio de uma zona residencial e comercial, próxima da Escola Secundária José Estêvão e da Universidade de Aveiro. Sendo assim, fica num potencial ponto de encontro entre os moradores locais e estudantes

53 CTB Lab 01 = uma ação que ocorreu por uma semana em Aveiro realizada dentro do evento CTB



Figura 98. Equipe realizadora do projeto. Castro, T., 2018.

universitários, este encontro e a convivência entre as pessoas fazem parte dos objetivos do projeto.

2.2.3 Atores

O projeto ‘VivaCidade’ foi criado pela iniciativa do 4iS – *Platform for Social Innovation*, em conjunto com Câmara Municipal de Aveiro e SETEPÉS⁵⁴. Foi essa equipa inicial quem organizou e coordenou o projeto articulando-se em todas as fases de ação com a população de moradores e de estudantes universitários, já que esse era o principal objetivo da intervenção, transformar um vazio urbano envolvendo a comunidade local.

Além de ter vários parceiros que cederam o espaço para as reuniões de grupo, como a Casa de São Sebastião⁵⁵, e outros que proporcionaram e organizaram as oficinas de capacitação e de criação da intervenção, como a Metaland⁵⁶, o CEART – Centro de Formação Profissional de Artesanato⁵⁷, a ASK – Aveiro Sketchers⁵⁸, o Aveiro em Transição⁵⁹, a DDL Argamassas⁶⁰, a Hack’Aveiro⁶¹, a Elkwood Designs⁶², a Oficina Atalaia⁶³ e as Tricoteiras de Aveiro⁶⁴. Como também houve parcerias para o fornecimento de material, para garantir o baixo custo e a sustentabilidade do projeto, esses parceiros foram a DDL Argamassas, a AG Demolições⁶⁵,

54 SETEPÉS - Projectos Artísticos e Culturais Lda = é uma entidade que tem como principal atividade a organização de espetáculos. Está sediada no Porto.

55 Casa de São Sebastião = estabelecimento de eventos em Aveiro.

56 Metaland = Plataforma de projectos experimentais, baseada no Porto, Portugal.

57 CEART – Centro de Formação Profissional de Artesanato = é o centro de formação pública para as áreas do artesanato e do património, desenvolvendo em todo o território nacional atividades de formação profissional, de reconhecimento e de certificação de competências escolares e profissionais através do Centro Qualifica, de fomento do empreendedorismo e da inovação nas áreas do social, cultural, criativo e do património.

58 ASK – Aveiro Sketchers = um grupo informal de pessoas que se reúnem para desenhar na região de Aveiro.

59 Aveiro em transição = é uma rede de cidadãos e projetos empenhados em construir uma Comunidade mais Resiliente, Solidária e Feliz, dotada de aptidões para fazer face à dependência do petróleo, alterações climáticas, instabilidade económica, soberania alimentar e desafios locais.

60 DDL Argamassas = uma empresa que disponibiliza produtos, técnicas e materiais inovadores, no sector da argamassa.

61 Hack’Aveiro = é uma organização sem fins lucrativos de *hacker’s maker’s* e de artistas na cidade de Aveiro.

62 Elkwood Designs = é uma marca especializada em projetos em madeira, peças únicas, de design original.

63 Oficina Atalaia = é uma oficina de serigrafia.

64 Tricoteiras de Aveiro = é um grupo comunitário de partilha de saberes com uma componente de ação pública: levando o tricot e o crochet para a rua, promovendo encontros em lugares públicos. Também realizam iniciativas de intervenção comunitária de arte urbana a partir do tricot e do crochet, envolvendo outros atores tais como escolas, instituições para idosos, associações de moradores e outros grupos formais e informais.

65 AG Demolições = é uma empresa cujo posicionamento de mercado é dirigido para o aluguer de equipamentos com operador para a construção civil e obras públicas.

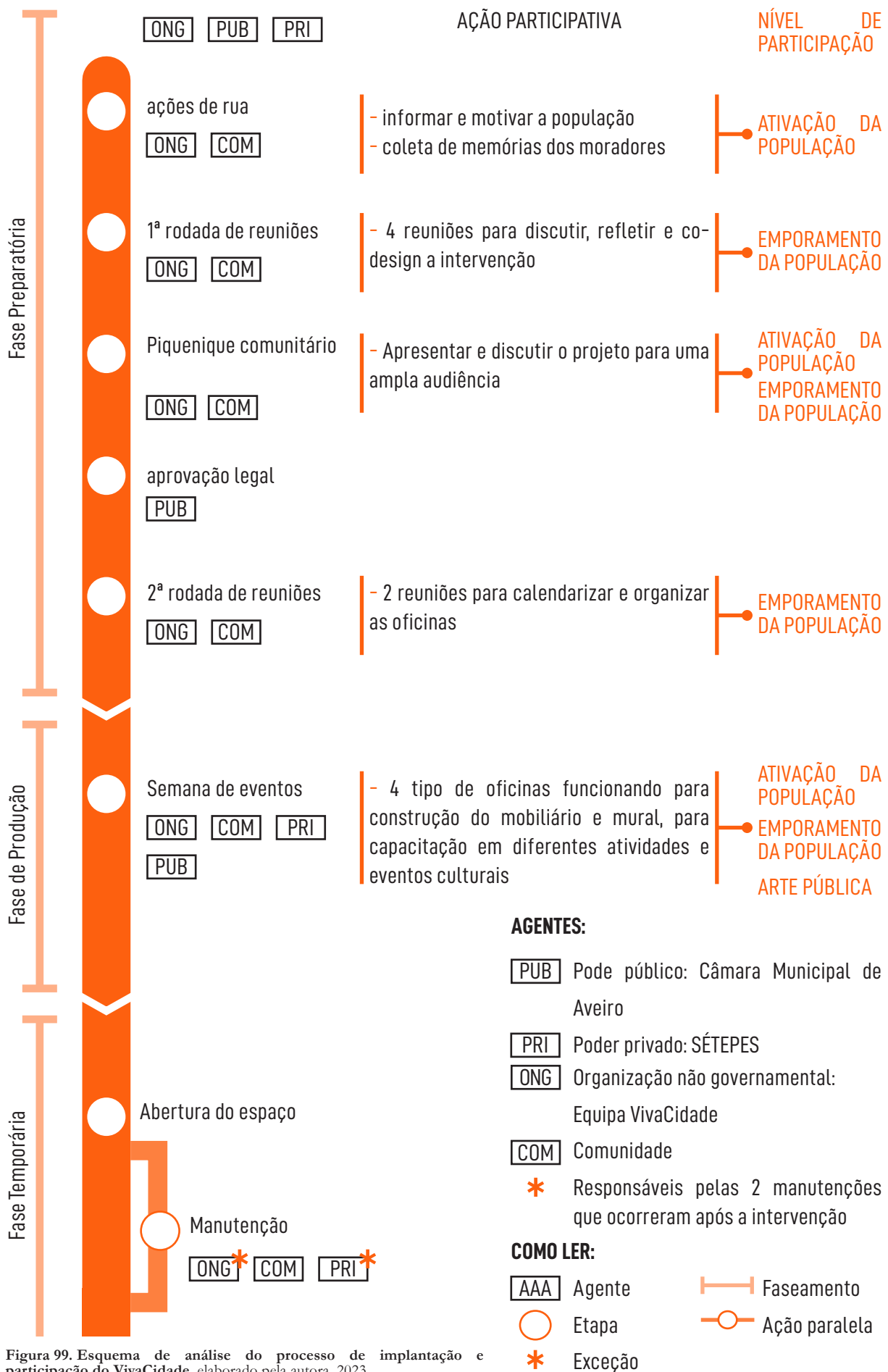


Figura 99. Esquema de análise do processo de implantação e participação do VivaCidade, elaborado pela autora, 2023.

a Primus Vitoria⁶⁶ e o Repositório de Materiais⁶⁷.

Esse projeto foi ainda financiado pelo programa *Actors of Urban Change* da Fundação Robert Bosch⁶⁸, sendo um dos 10 projetos espalhados pelo mundo que foram selecionados, em cooperação com a MitOst e. V⁶⁹.

2.2.4 Processo de implementação e participação

O processo de implementação do ‘VivaCidade’ divide-se em três fases (fase preparatória, fase de produção e fase temporária). A fase preparatória, que teve 4 partes, sendo elas: a escolha do local de intervenção, a ativação da população, a primeira ronda de reuniões e a obtenção do consenso em cocriação sobre a intervenção.

Primeiramente, houve a seleção do vazio urbano que seria transformado pela Equipa ‘VivaCidade’ e pela Câmara Municipal de Aveiro. Seguido pela fase de ativação da população, através de ações nas ruas para a coleta de memórias e para dar informação às pessoas sobre o projeto, efetuadas pela Equipa ‘VivaCidade’.

Essa ação foi realizada em dois pontos fixos, as pastelarias Liceu e Fenapão 88, e em pontos móveis nas áreas adjacentes, abordando as pessoas nas ruas e em estabelecimentos locais. Isso resultou na criação de uma agenda de contatos para a primeira rodada de reuniões sobre o projeto.

Ainda nessa parte, foi realizada a pintura de um mural com a técnica de Stencil⁷⁰ num muro existente na Rua Infante D. Henrique que pertencia à Câmara Municipal de Aveiro. Isso para poder promover o projeto, mas também para melhorar a imagem do local. O desenho escolhido foi uma alusão aos padrões de azulejo existentes na cidade com o objetivo de fazer referência ao ato de “vestir” a cidade.

A terceira parte, incluiu a primeira ronda de reuniões, quando se realizaram quatro, uma a cada

66 Primus Vitoria = é uma empresa especializada em revestimento cerâmico.

67 Repositório de Materiais = é um projeto que prevê armazenar material restante de construções ou proveniente de demolições/reabilitação com potencial de reutilização. Depois disponibiliza esse material recolhido para venda ao público. Gerando uma economia circular.

68 Fundação Robert Bosh = é uma fundação corporativa fundada na Alemanha em 1964.

69 MitOst e. V = é uma rede internacional que promove o intercâmbio cultural e a cidadania ativa.

70 Stencil = uma técnica de pintura que utiliza um molde vazado para se aplicar um desenho numa superfície.



Figura 100. Conversa com a comunidade num café próximo ao local do projeto. Gallo, G., 2014.
Figura 101. Pré-produção do projeto. Macedo, E., 2014.

15 dias, num horário noturno, na Casa de São Sebastião. Cerca de 30 pessoas participaram nas reuniões, sendo algumas da Equipa ‘VivaCidade’, moradores, estudantes universitários e pessoas interessadas.

Esses encontros tinham como objetivo principal criar um grupo comunitário para as ações de *co-design* e *co-creation* da intervenção. Para conseguir cumprir essa meta, cada reunião tinha um objetivo específico: na primeira analisar o espaço, na segunda discutir ideias para o local, na terceira discutir e decidir uma solução, na quarta e última apresentar e discutir o projeto, bem como criar novas formas de envolver mais pessoas.

Após essas sessões de encontro, foi realizada a última parte dessa primeira fase, que foi obter o consenso sobre o projeto. Para isso, realizou-se um piquenique comunitário no local da intervenção, onde se apresentou a proposta desenvolvida e recebeu a aprovação da população de uma forma mais ampla, já que esse evento contou com a participação de 60 pessoas, entre elas, algumas pessoas que não sabiam previamente da ação.

Após esse momento de convívio, foi apresentado o projeto à Câmara que foi aprovado. Depois da aprovação legal, foram realizadas mais duas reuniões para a apresentação da proposta aprovada e organização da construção, partindo assim para uma segunda ronda de reuniões. Nesses encontros, foi feita a calendarização e organização da intervenção, além de se conseguir apoio tanto para a realização das oficinas como para obter materiais.

Com tudo organizado, começou a fase efêmera, que consistiu na realização de uma semana de ações de ativação, cocriação e capacitação da comunidade para se transformar o EP. Esse evento foi aberto a qualquer pessoa interessada e funcionava com as atividades de oficinas e eventos culturais.

A sua programação funcionava em quatro programas sendo a ‘Oficina permanente de construção de mobiliário’, realizada todos os dias do evento durante o dia, orientada pela Metaland, a qual tinha como objetivo montar em workshop aberto os novos mobiliário urbano. A ‘Oficinas relâmpago’ que ocorria após do mobiliário, sendo assim, no fim do dia. Ofereciam diferentes atividades como por exemplo de “introdução a desenho livre” pelos ASK – Aveiro Sketchers e “Carpintaria de caixa e encaixa” pela Elkwood Designs, ao todo foram realizadas 12 workshops desse estilo. A ‘Oficina construção de jardins verticais’ feita em paralelo a ‘Oficina relâmpago’ no Espaço Aqui à Volta orientada pela CEARTE. A ideia era ensinar a comunidade a manter e cuidar de jardins, principalmente da que ia ser criada no espaço. Por fim, havia a “Oficina VivaCidade” que ocorria no fim do dia e era um palco com eventos culturais, com a ideia de causar curiosidade e chamar mais pessoas para participar no projeto.



Figura 102. Espaço após a 1ª manutenção. Caldera, R., 2015.
Figura 103. Espaço após a 2ª manutenção. Pereira, S., 2018.

Em julho de 2015, foi oficialmente aberto ao público o novo EP, intitulado Largo de São Sebastião, designação escolhida pelos participantes do projeto.

2.2.5 Situação atual

A elevada utilização do espaço, fez com que fosse necessário proceder à sua manutenção, e ao longo dos anos foram feitas duas intervenções. A primeira, realizada um ano após a abertura do Largo São Sebastião, foi promovida pelo 4iS – *Platform for Social Innovation* e com a colaboração da comunidade que tinha participado na intervenção.

Em conjunto, organizaram dois encontros para a realização de oficinas para manutenção do jardim vertical e para ilustração do mobiliário, como também para discutir ideias sobre o futuro do largo e como realizar a sua manutenção. No último momento, num fim de semana, realizou-se durante o dia, a manutenção e a limpeza do espaço, e três oficinas de pintura do mural e mobiliário. No sábado houve um piquenique comunitário e, no domingo, a colocação do mobiliário urbano recuperado pelo *Critical Concrete*.

Já a segunda intervenção de manutenção ocorreu em 2018, 3 anos após o projeto, e foi realizada por um laboratório denominado de CTB Lab 01 Aveiro. Teve a organização e coordenação do Coletivo Warehouse e CTB Network, a parceria do 4iS, do Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território – Universidade de Aveiro, do GrETUA⁷¹, da Casa Martelo⁷², da Casa de São Sebastião e da ‘VivaCidade’ Aveiro.

Essa intervenção foi baseada em quatro ações táticas que seguiram modelos internacionais: *Mi.ZA’ Makes Coffe*⁷³, *Dine with the locals*⁷⁴, *Habitabis*⁷⁵ e *Urban Hackton*⁷⁶, além das diretrizes

71 GrETUA = Grupo Experimental de Teatro da Universidade de Aveiro

72 Casa Martelo = loja de materiais de construção

73 *Mi.ZA’ Makes Coffe* = Projeto que convida cidadãos para um encontro num espaço visto como problemático. Junto com os participantes, o café é servido e partilhado pela comunidade. Isso permite que as pessoas passem um tempo naquele espaço, fazendo com que se conectem com o espaço diferente e achem usos alternativos para ele. (<https://www.citytoolbox.net/tools/miza-makes-coffee/>. Acedido 15 de fevereiro de 2023)

74 *Dine with the locals* = É uma forma única dos moradores se encontrarem, passarem tempo juntos e terem conversas à mesa sobre ideias a respeito do seu bairro. Um EP se transforma num encontro da comunidade, focando na importância da comida como modo de envolver a comunidade em preparação para tal evento. (<https://www.citytoolbox.net/tools/dine-with-the-locals/>. Acedido 15 de fevereiro de 2023)

75 *Habitabis festival* = Baseado no formato de um festival. Conferências, workshops e debates sobre instituições, técnicas e comunicativas sobre melhorar a cidade. Pretende criar condições para diferentes agentes colaborarem, dialogarem e participarem na construção de múltiplas respostas. Tem a vontade de não só informar, mas também de capacitar os cidadãos para contribuírem na construção do seu futuro. (<https://www.citytoolbox.net/tools/habitabis-festival-1/>. Acedido 15 de fevereiro de 2023)

76 *Urban Hackaton* = Evento onde os problemas são resolvidos num período de 24 a 48 horas com intensa participação colaborativa. (<https://www.citytoolbox.net/tools/urban-hackathon/>. Acedido 15 de fevereiro de 2023)



Figura 104. Situação atual do espaço intervençionado. Fotografia da autora, 2022.

Figura 105. Espaço intervençionada mesmo desconfigurado em uso. Fotografia da autora, 2022.

estabelecidas pelo próprio CTB Lab. Essas ações criaram uma aproximação com a população para analisar, discutir e buscar uma solução para o EP, como também, uma oportunidade de discutir como se poderia transformar o espaço.

Importante chamar a atenção que nessas intervenções de manutenção a participação da comunidade ocorreu no processo de preparo, de *co-design* e de *co-creation*. Foi assim uma forma de continuar a criação conjunta do EP com UT, como já tinha sido estabelecido na intervenção inicial.

Atualmente, após oito anos da intervenção, o espaço continua sendo designado como o Largo de São Sebastião, entretanto há obras a decorrer na Rua Infante D. Henrique e Rua São Sebastião, e o edifício que suportava o muro desenhado foi demolido e está a ser construída uma outra edificação. Essas alterações desconfiguram o espaço, tendo o local servido de estacionamento dos caminhões da obra. Os equipamentos e móveis foram recolhidos num canto do lote, como se pode ver na Figura 104.



Figura 106. Evento de inauguração. s.a., 2021

2.3 APROPRIAÇÃO DO BAIRRO LEAL⁷⁷

Perfil da ação tática: Reinvidicação.

Local: Porto - lote privado abandonado em zona residencial.

Duração: 1 semana (10/07/2021 – 17/07/2021).

Agentes: Associação, arquitetos, voluntários, comunidade local, artistas.

Financiamento: DGArtes.

Participação: Fase preparatória, fase de produção e fase temporária.

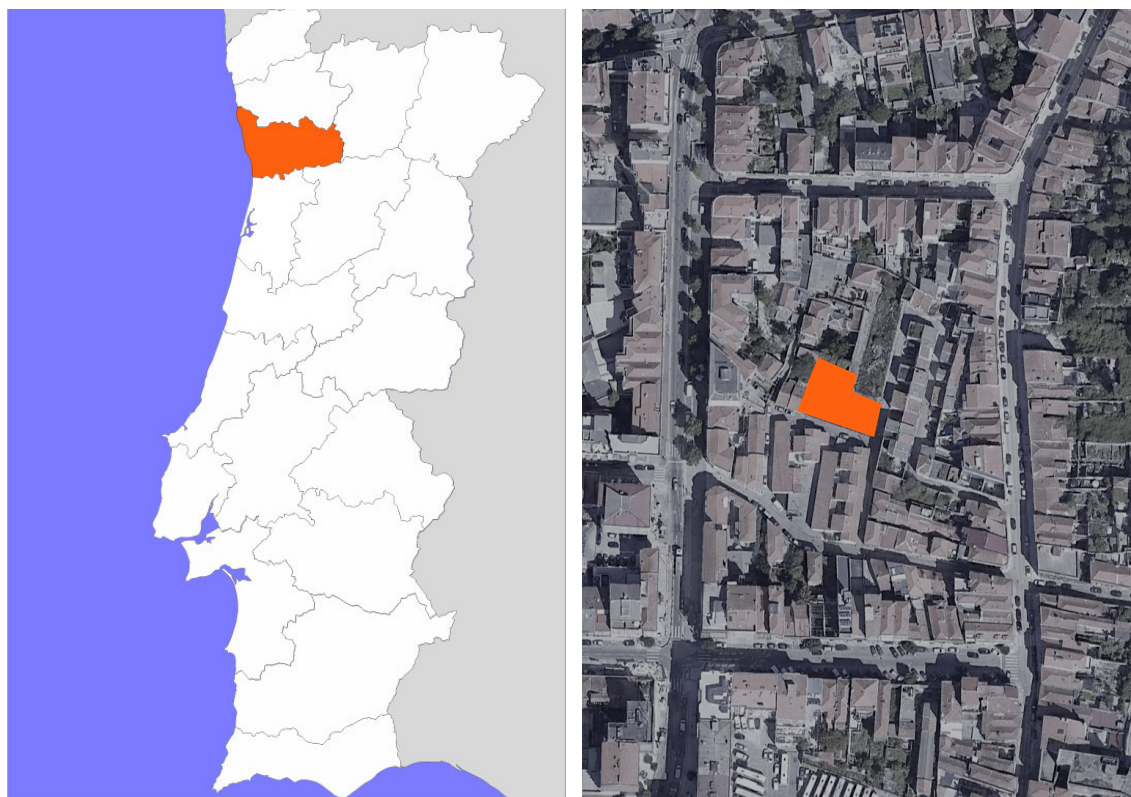


Figura 107. Mapa a escala do país apontado em laranja o distrito do Porto. Elaborado pela aluna, 2023.

Figura 108. Mapa aproximada e marcado de laranja o lote intervido. Printscreen Google Earth Pro, 2023, modificado pela autora.

⁷⁷ As informações desse caso de estudo foram extraídas de publicações oficiais dos sites e redes sociais do Instituto, do Atelier ATA e do Paulo Moreira, e do documento em PDF da proposta do curso (Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/13yHrnMY6b96uapSLUjfaQ7Tu1C7rIAc5/view?usp=sharing>). Além da entrevista realizada com o arquiteto Tiago Antero (Anexo 2) e conversa com Paulo Moreira, os tutores da ação, bem como da visita de campo ao espaço.



Figura 109. Visita ao local de intervenção. Paulo Moreira Architecture, 2021.

A intervenção ‘Apropriação do Bairro Leal’ foi fruto do curso “Bairros Críticos – Arquitetura e Apropriação no Bairro Leal” promovida pelo INSTITUTO⁷⁸. O qual “procurou apresentar um conjunto de respostas para regenerar um território precário, demonstrando a capacidade da arquitetura para melhorar a cidade e as condições de vida dos seus habitantes. Teve como principal objetivo o questionamento da relação convencional entre a prática da arquitetura e as questões sócio territoriais que a envolve” (INSTITUTO, 2021). Essa oficina foi realizada no período de uma semana do verão de 2021. O resultado positivo da intervenção levou à apropriação e à manutenção do espaço pela comunidade após a ação.

2.3.1 Motivações

O projeto no Bairro Leal foi realizado através de um curso, o qual tinha como objetivo ser “uma formação na área de arquitectura, com orientação de um conjunto de especialistas nacionais e internacionais, sob a coordenação de Paulo Moreira” (INSTITUTO, 2021). Mas o que gerou a motivação de intervir no Bairro leal?

“A oficina ‘Apropriação no Bairro do Leal’ surge na sequência de uma consciencialização sobre a precariedade existente nos interstícios urbanos do Porto. A obsolescência deste bairro e o seu carácter expectante são o mote para pensar, projetar e transformar um lugar concreto, no espaço temporal de uma semana.” - (INSTITUTO, 2021)

Diante dessa intenção, durante a realização da oficina foi definida a intenção da intervenção concreta no bairro, ou seja, onde e que programa faria sentido para suprir as necessidades dos moradores e para beneficiar o bairro. Isso só foi conseguido através da interação dos participantes no workshop e dos moradores.

A escolha de uma ação tática com participação direta, ocorreu devido à vontade de não só refletir sobre o local, mas realmente deixar uma marca de mudança nele. Optar por envolver a comunidade no processo de desenvolvimento da intervenção tem a ver com a história do bairro, uma vez que o processo participativo esteve presente na sua origem, mas também porque para transformar um espaço não se pode e não se deve ignorar as pessoas.

⁷⁸ INSTITUTO = é um ponto de encontro de diversas formas de expressão cultural, situado no coração do Porto. Os interesses e percursos da equipa residente fundamentam um corpo de programação que parte do campo da arquitectura para as artes visuais e espaciais, pensamento crítico e cruzamentos disciplinares.



Figura 110. Fotografia da antiga comunidade do Bairro Leal. ATA Atelier, s.d.
Figura 111. Fotografia da atual comunidade do Bairro Leal. INSTITUTO, 2021.'

2.3.2 Situação preexistente

O Bairro Leal foi escolhido para ser o foco desta oficina “Bairros Críticos”, por incidir num terreno que apresenta fatores de vulnerabilidade crítica. Essa zona, apesar de estar localizada no centro do Porto, é quase “uma pequena aldeia perdida na cidade” (Fernandes, 2016). É um bairro marcado pela pobreza, pela falta de higiene e pela ausência de espaço para conviver em comunidade. Nesse contexto, nos últimos anos tem havido discussões e reflexões sobre os problemas que a região enfrenta, mas ainda não se foi tomada nenhuma ação governamental para solucioná-los, há apenas ideias no papel sobre ações de melhoria para a vizinhança.

Nesse bairro se encontra um conjunto habitacional construído pelo Processo de Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL). Esse programa surgiu após o 25 de Abril pelo arquiteto Nuno Portas, o qual era o Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo da época. O conjunto habitacional do Leal foi projetado pelo arquiteto Sérgio Fernandez através de um processo participativo. Ao lado deste bairro havia um terreno abandonado e cercado que tinha o potencial de se tornar um lugar benéfico e de uso para todos os residentes.

2.3.3 Atores

O projeto ‘Apropriação do Bairro Leal’ foi criado por iniciativa do INSTITUTO. O qual selecionou os tutores do curso, os palestrantes e os participantes da oficina. Com a equipa formada, foi articulada a interação dessas pessoas com os moradores locais através da associação de moradores.

Os tutores escolhidos foram o arquiteto Paulo Moreira, que é da equipe do INSTITUTO, e o arquiteto Tiago Antero, pois já conhecia o lugar e tinha uma boa relação com os moradores. Esses estruturaram o programa do workshop e orientaram todo projeto. Houve a realização de duas aulas para os participantes da oficina, por Alberto Pottenghi e Elisa Silva, que não foram atores na ação tática em si, mas passaram ensinamento sobre autoconstrução, intervenções temporárias e participativas. Outra atividade prevista no projeto foram duas caminhadas, uma realizada pelo The Worst Tour⁷⁹ e pelo arquiteto Sérgio Fernandez, que tinha sido o arquiteto responsável pelo projeto habitacional do bairro, realizado no pós-25 de abril no âmbito da Operação SAAL.

Desde o início da programação do workshop, foi prevista a participação das pessoas. Esses

⁷⁹ The worst tour = projeto de Pedro Figueiredo e Gui Castro Felga, gerido pela Associação Simplesmente Notável. Foi iniciada em 2012. Realizada caminhadas que questionam e discutem os processos urbanos no Porto.

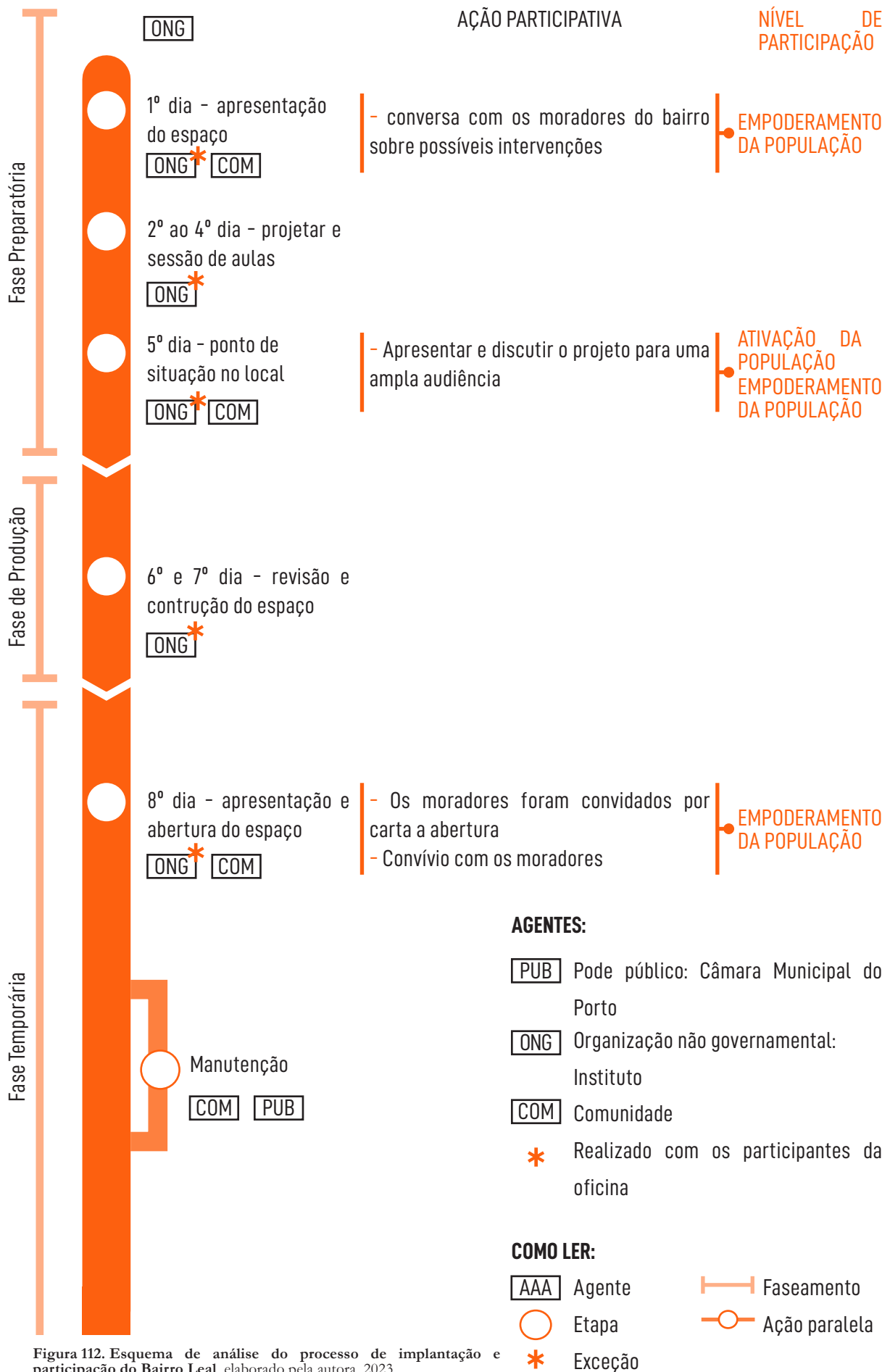


Figura 112. Esquema de análise do processo de implantação e participação do Bairro Leal, elaborado pela autora, 2023.

eram os moradores do bairro, que na sua maioria são idosos. Também foi envolvida a Associação dos Moradores do Bairro do Leal. Cerca de oito cidadãos estiveram presentes na primeira apresentação, mas ao longo do processo esse número foi variando.

No momento da construção, foi contratada uma empresa para fazer a limpeza do sítio e foi ainda contratado um marceneiro, para ajudar no manuseio das ferramentas e para produzir o mobiliário. Por fim, o financiamento para realizar-se essa ação táctica foi obtido através do pagamento da inscrição na oficina, que envolveu onze participantes, e com o apoio monetário do DGArtes⁸⁰.

2.3.4 Processo de implantação e participação

O processo de implementação da ‘Apropriação do Bairro Leal’ foi realizado em apenas uma semana, o que exigiu que todas as ações da iniciativa tivessem de estar pré-programadas. Sendo assim, iremos apresentar o cronograma estabelecido e destrinchar o objetivo de cada iniciativa, e como a comunidade foi inserida nelas.

Antes da realização da oficina, houve um processo de meses de preparação dos organizadores em relação a escolha dos palestrantes e dos participantes, bem como para conseguir financiamento para realizar a intervenção. Também tentou-se conseguir a autorização da Câmara Municipal do Porto para agir no local, mas não se recebeu uma resposta. Chegando ao workshop em si, esse foi estruturado para uma programação de oito dias para reconhecer o local e o contexto, planejar, construir e entregar ao bairro o espaço transformado.

No primeiro dia, 10 de julho de 2021, num sábado, foi realizada uma apresentação geral do bairro pelos tutores e pelos moradores, os quais foram convocados de maneira informal através de um convite aberto feito no bairro, pela associação e pelos próprios organizadores. Foi seguido de uma visita guiada por ‘The Worst Tour’, que explicou a história do bairro e como ele se insere na cidade. Finalizando com uma conversa aberta com a comunidade, cerca de oito estavam presentes, que teve a intenção de perceber-se quais eram os seus desejos e as suas queixas em relação ao bairro.

Dessa troca de ideias, foi explicitado pelos residentes que sentiam a falta de um espaço para crianças, de estacionamento e de uma área para conviver em comunidade. Foi apontado

80 DGArtes – Direção-Geral das Artes = é um organismo do Ministério da Cultura da República Portuguesa que tem por missão a coordenação e a execução das políticas de apoio às artes em Portugal, com a prioridade de promover e de qualificar a criação artística, bem como de garantir a universalidade da sua fruição.



Figura 113. Processo de desenvolvimento da intervenção no Bairro Leal. INSTITUTO, 2021.

Figura 114. Intervenção final no Bairro Leal. INSTITUTO, 2021.

os locais que estavam abandonados e/ou sem uso, e quais tinham potencial para serem intervencionados. Além de ter permitido apreender algumas peculiaridades sobre o contexto do local, como a importância dos gatos para a zona, pois ajudam na higiene, por afastarem os ratos, e explicada a importância de um antigo Eucalipto da época do 25 de abril, que era visto como um símbolo de crescer de acordo com o crescimento da liberdade.

Os segundo, terceiro e quarto dias, foram reservados para o desenvolvimento do que seria e de onde iria ser a ação. Desses dias de discussão, escolheu-se um terreno privado abandonado, logo ao pé do conjunto habitacional, e definiu-se como programa a criação de ser um espaço para conviver. No final de cada um desses dias também ocorreram aulas para os participantes, dadas por Alberto Pottenghi, Elisa Silva e Filipe Balestra. O contributo dessas aulas era apresentar sobre modos de atuação em Bairros Críticos em diferentes contextos geográficos (África, América e Ásia), e oferecer uma melhor compreensão das possibilidades de intervir no local de estudo.

No quinto dia, houve a preparação do sítio para começar a instalação do projeto, bem como uma sessão crítica com três convidados: Maria Trabulo, João Gomes e Sérgio Fernandez, que deram os seus contributos para a intervenção. Esse evento também contou com a presença da comunidade, que foi convidada. A escolha de um local aberto para que quem passasse pudesse participar da conversa também facilitou o envolvimento e a participação da comunidade. Contudo, o seu envolvimento não foi muito grande porque, apesar de terem marcado a sua presença, não intervieram ativamente na conversa.

O sexto e o sétimo dia foram destinados à construção do mobiliário urbano para a ativação do espaço. Essa etapa não teve a participação dos moradores, mas por estarem a produzir esses equipamentos no sítio, permitiu a interação informal com eles. Primeiramente, foi cortado o arame farpado que delimitava o terreno. Seguido pela construção de um palco, uma mesa, duas estruturas que permitem sustentar um toldo para fornecer sombra, ou para instalar um pano para reproduzir filmes, um lugar de descanso debaixo do limoeiro e uma casa para gatos. Em memória de um antigo eucalipto que ali existia, foi feita uma estrutura sobre o seu tronco, e pintaram todos os elementos novos e antigos do espaço em dois tons de cores similares aos do conjunto habitacional ao lado.

Por fim, no último dia, houve a apresentação do local aos moradores e aos críticos convidados, e a realização de um convívio com comida e bebida, a exibição de um filme e uma sessão de grafitti. Esse evento de inauguração convidava a comunidade a cuidar do local e a apropriar-se do terreno, além de marcar a entrega oficial do novo espaço à população. O convite para participar na abertura do sítio foi feito através da entrega de um convite oficial na caixa de correio de todos os moradores do bairro, além do contacto pessoal ao longo da ação.



Figura 115. Situação atual do Bairro Leal. Fotografia da autora, 2023.

Figura 116. Novos equipamentos instalados pela comunidade. Paulo Moreira Architecture, 2021.

Figura 117. Plantação feita pela comunidade. Atelier ATA, 2021.

2.3.5 Situação atual

Logo após a intervenção, os moradores locais continuaram a dar vida aquele espaço, através do uso cotidiano como espaço de estar e de conviver em comunidade. Além de terem se apropriado à sua maneira, através da construção de novo mobiliário urbano para pousar no terreno, que criava um novo espaço de sentar pintado numa cor que buscava se aproximar do tom base da ação táctica instalada, e plantando novas vegetações no espaço. O que gerou uma melhoria da configuração do EP e demonstra a manutenção e o zelo da comunidade para com o local. Alguns meses depois a equipa de jardinagem municipal do Porto começou a fazer a limpeza do terreno. Isso não significou uma legalização da ação ou uma formalização da área intervencionada num EP oficial, mas demonstrava uma aprovação da câmara sobre o projeto.

Na atualidade, quase dois anos após a iniciativa, o local se encontra num estado que ainda permite a sua utilização. Apesar de ter uma configuração já diferente da proposta original, o mobiliário foi reorganizado para melhor receber eventos da comunidade. Mas infelizmente, é necessária uma manutenção do espaço, pois alguns dos equipamentos urbanos encontram-se degradados e a grama está descuidada.

À vista disso, ocorrerá mais uma intervenção nesse espaço, que será feita pelos mesmos promotores da primeira ação, sendo assim, será integrada num curso de formação na área de arquitetura oferecido pelo INSTITUTO. Essa nova oficina tem o nome de ‘LEAL – Oficina de Autoconstrução’ e está planeada para ocorrer entre os dias 20 e 27 de julho de 2023. Tem como objetivo “apresentar um conjunto de respostas credíveis para regenerar um território precário, demonstrando a capacidade da arquitetura para melhorar a cidade e as condições de vida dos seus habitantes” (INSTITUTO, 2023).

Esse workshop de verão, terá os mesmos tutores da primeira ação, o arquiteto Paulo Moreira e Tiago Antero, bem como terá novamente uma visita guiada pelo arquiteto responsável pelo projeto habitacional do bairro, o Sérgio Fernandez, em conjunto com representantes dos moradores. Além de uma apresentação pela artista Maria Trabulo, com uma intervenção artística que irá desenvolver durante a oficina. Seguido por aulas sobre o tema e sobre a autoconstrução, de acordo com as experiências do atelier Fala⁸¹ e de Leopold Banchini. Contará também, com sessões críticas sobre o projeto com a participação dos Space Transcribers e de Natache Ilonga.

81 Atelier Fala = é um atelier de arquitetura localizado no Porto. Composto por Filipe Magalhães, Ana Luísa Soares e Ahmed Belkhodja. Foi criada em 2013.

LEAL

OFICINA DE
AUTOCONSTRUÇÃO

SELF-BUILD
WORKSHOP

20-27 JUL

2023



Figura 118. Cartaz do novo workshop 'LEAL' que irá ocorrer no mesmo sítio da intervenção original. Espaço de arquitetura, 2023.

Além desses agentes já pré-selecionados, a ação contará com o apoio da comunidade, já que mantém o perfil de processo participativo. Por ser um curso, ela está aberta para inscrição de diferentes pessoas, apesar de ser voltado “para estudantes, profissionais, e público interessado nas áreas transversais da arquitetura, práticas espaciais e artes plásticas, e com particular interesse em questões do espaço público” (INSTITUTO, 2023).



Figura 119. Fotografia da montagem do baloicho. Colectivo ZÁS. 2023

2.4 REGA O TEU BAIRRO⁸²

Perfil da ação tática: Reinvidicação

Local: Coimbra – dois lotes públicos em zona residencial

Duração: 1 semana (05/07/2023 – 12/07/2023)

Agentes: Profissionais, estudantes, associação de moradores e residentes

Financiamento: *Coimbra Architecture Summer Atelier* – CASA⁸³ e URBiNAT⁸⁴

Participação: Fase preparatória, fase efêmera e fase temporária.

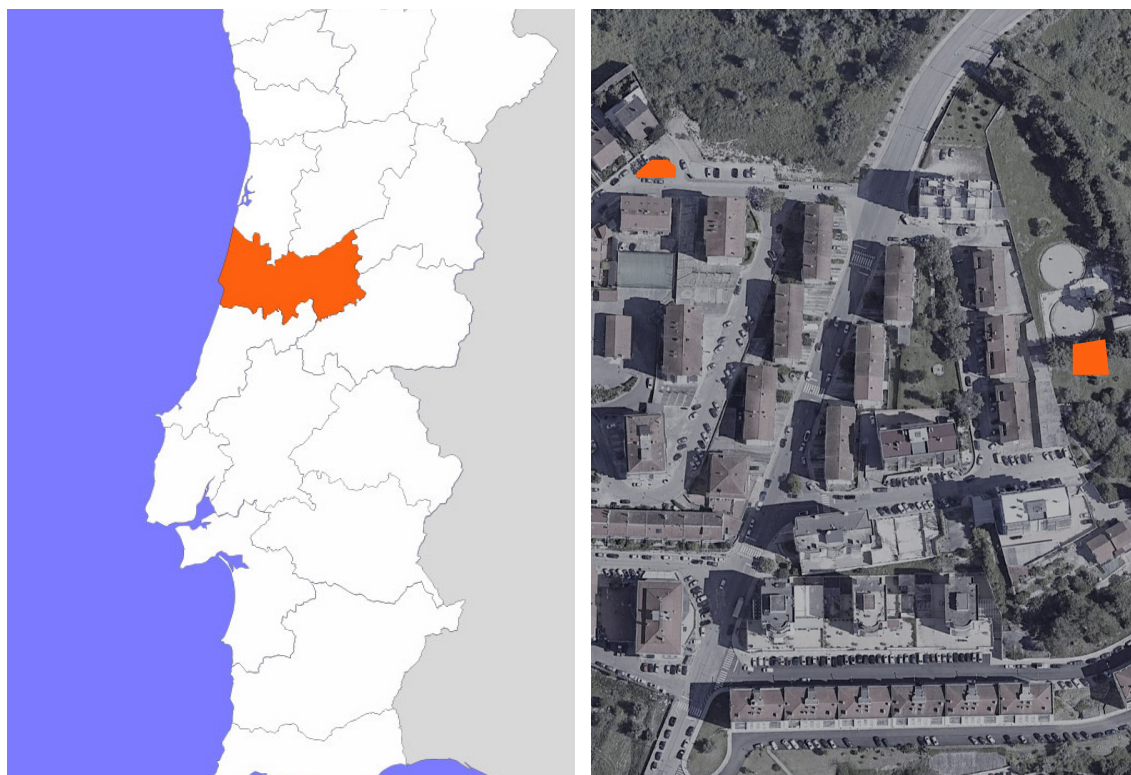


Figura 120. Mapa a escala do país apontado em laranja o distrito de Coimbra. Elaborado pela autora, 2023.

Figura 121. Mapa mais aproximado e marcado de laranja os lotes intervidos. Printscreen Google Earth Pro, 2023, modificado pela autora.

82 As informações desse caso de estudo foram extraídas da minha própria experiência na ação tática, como integrante do ZÁS colectivo. Sendo assim, estive envolvida na preparação da oficina, bem como durante as atividades da caminhada observadora, do diálogo com os moradores, da criação e desenvolvimento do projeto, da construção do equipamento e do evento final. Além de publicações oficiais dos sites e rede sociais do URBiNAT e do CASA, e do documento em PDF da proposta do curso (Disponível em: https://urbinat.eu/wp-content/uploads/2023/07/s_synopsis_23_1.pdf)

83 *Coimbra Architecture Summer Atelier* - CASA = é um programa de workshop no verão realizado pelo Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra.

84 URBiNAT = é um projeto de 5 anos (2018 a 2023), financiado pelo Programa H2020 da UE, focado na regeneração de bairros urbanos mal servidos através da cocriação de *Nature-Based Solutions* (NBS).

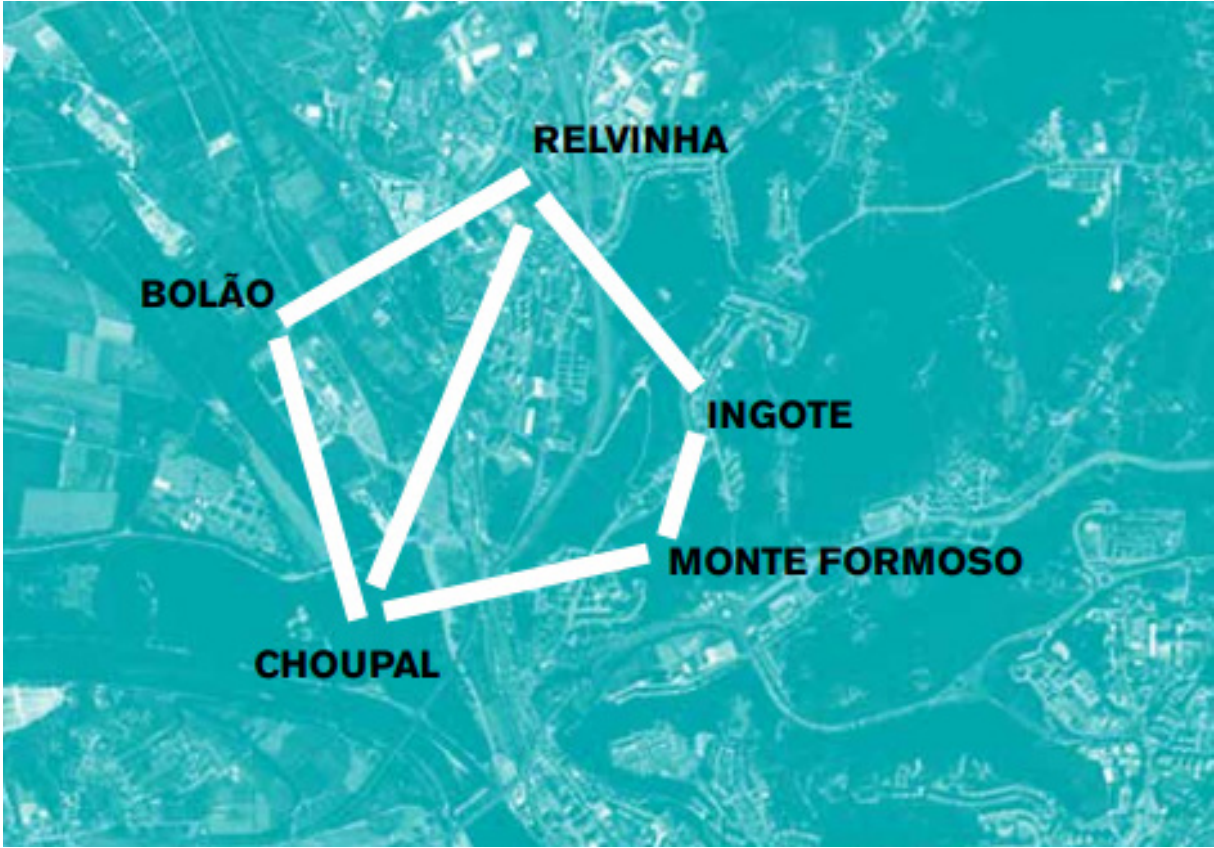


Figura 122. Mapa das zonas trabalhadas no workshop. URBiNAT, 2023

O projeto ‘Rega o teu bairro’ foi fruto do workshop *Healthy Home: co-creation of a healthy corridor in Coimbra (Relvinha – Ingote – Monte Formoso – Bolão)* promovido pelo CASA - Coimbra Architecture Summer Atelier em colaboração com o URBiNAT Interdisciplinar Summer School e o Centro de Estudos Sociais (CES)⁸⁵. O qual tinha como intenção:

“[...] explorar um corredor saudável para Coimbra, cocriado com a comunidade local de Eiras, testando e aprimorando as metodologias desenvolvidas pelos parceiros da URBiNAT. Nesse sentido, desafiamos os participantes a desenvolverem processos e produtos que possam transformar o corredor saudável numa casa saudável ligando a habitação social Relvinha, Ingote, Monte Formoso e Bolão ao parque natural do Choupal.” - (CASA & URBiNAT, 2023, p. 2)

Essa oficina foi realizada no período de uma semana no verão de 2023 e a intervenção aqui relatada foi desenvolvida pela equipa encarregue de trabalhar na área do Monte Formoso.

2.4.1 Motivações

O projeto ‘Rega o teu bairro’ em Monte Formoso, Coimbra, surgiu como resultado de uma semana de trabalho no workshop *Healthy Home: co-creation of a healthy corridor in Coimbra (Relvinha – Ingote – Monte Formoso – Bolão)*. A escolha de Eiras, no norte de Coimbra, foi feita pela organização da oficina, com a intenção de tirar proveito do diálogo com a comunidade local, que já desenvolveu vários projetos, como o projeto Bairros Saudáveis. O Workshop incidia sobre 4 bairros: Ingote, Monte Formoso, Relvinha e Bolão⁸⁶.

No que diz respeito ao Monte Formoso, as motivações para a proposta final surgiram durante a interação com a população e as visitas ao sítio feitas no decorrer da oficina. Chegou-se à conclusão que era preciso criar espaços para receber eventos culturais, pois nessa área norte não há nenhum equipamento público para esse tipo de evento. Potencializar os já existentes EP de estar e conviver, porque os atuais pontos de encontro da comunidade são em torno

85 Centro de Estudos Sociais – CES = é uma instituição científica dedicada à investigação e à formação avançada nas ciências sociais, nas artes e nas humanidades, através de uma abordagem inter e transdisciplinar.

86 No período de realização da oficina o Bolão não estava em condições de receber a atividade, sendo assim o Choupal, que era uma zona extra de trabalho em comum como ponto de conexão entre os bairros, acabou por ser uma das zonas trabalhadas.

EM COIMBRA:

**Autocarro da linha 11
passa fim-de-semana no Monte Formoso**



Figura 123. Fotografia de um jornal publicado há 48 anos atrás em Coimbra. s.a, 2023.

dos estabelecimentos de cafeteria. Incluiu-se ainda o objetivo da melhoria da mobilidade, tanto dentro do bairro como entre bairros, a melhoria da locomoção pedonal, por transporte público e por bicicleta. Definiu-se também a necessidade de melhorar os espaços para crianças brincarem, pois os que existiam ofereciam boas condições para as crianças, mas não eram convidativos para a permanência dos pais e acompanhantes a ficarem no local.

Por fim, foi detectada uma falta de identificação das pessoas com o local, já que grande parte das pessoas na fase de co-diagnóstico disseram que não tinham o que comentar sobre o bairro, porque não eram de lá, apesar de já serem moradores há anos. Sendo assim, um dos objetivos da intervenção era ajudar a nessa identificação e criar um sentimento de pertencimento.

Para melhor compreender como chegámos a estas conclusões, é necessário entender o contexto preexistente do bairro, bem como os agentes e todo o processo que levou a essas respostas.

2.4.2 Situação preexistente

O bairro Monte Formoso surgiu na década de 60 como um bairro residencial no Norte de Coimbra, era planeado para ter moradores de classe média. Entretanto, a construção de conjuntos habitacionais sociais ao seu entorno, como no bairro do Ingote, criou um estigma a sua volta, pois quem é de fora pensa que é perigoso e marginalizado, apesar de não ser.

Na história da construção desse bairro é interessante ressaltar que o sentimento de reivindicação de sua melhoria para a comunidade esteve presente. Para ilustrar isso, houve, em 1975, o desvio de um autocarro da linha 11 para o Monte Formoso, mantendo-o lá durante um fim de semana. Com o objetivo de pressionar os “Serviços Municipais de Coimbra para que o bairro passe a ter uma linha de transporte público que servisse a população daquela zona da cidade.” (*Há 48 anos desvio de autocarro fez história no Monte Formoso*, 2023). Em conversa com o atual presidente da Associação de Moradores do bairro, Paulo Lobo, durante a caminhada exploratória promovida pelo workshop, ficámos a saber este acontecimento e que a Associação de Moradores de Monte Formoso deseja fazer uma paragem de autocarro para assinalar a ação (Figura 123).

Muitos EP que há no bairro foram fruto de intervenções construídas com recurso a concursos públicos, como a Mata do Monte Formoso, a qual foi uma proposta da associação para o lugar. Isso mostra o interesse das pessoas de melhorar seu bairro. Além de ações de requalificação de EP, há também iniciativas que buscam unir a comunidade local, como o concurso “Varanda + Floridas”, que busca sensibilizar e incentivar os moradores a cuidarem



Figura 124. Fotografia sobre o concurso 'Varanda + Florida'. Fotografia de Canelas, M, 2022.
Figura 125. Conversa entre tutores e participantes. Fotografia da autora, 2023.

dos canteiros, pequenos quintais e jardins, assim fazendo com que o bairro se embeleze e com que os vizinhos se conheçam e se envolvam com o local onde residem. Esse concurso consiste em eleger a varanda mais florida e organizada do bairro.

Por fim, ainda é interessante comentar a iniciativa de criar o ‘Jardim do Monte Formoso’ no lugar do Prado do Monte Formoso, organizado por uma moradora ativista Catarina Maia, que pretende criar um prado silvestre num terreno público da Rua Cidade de Salamanca, com a intenção de recuperar e valorizar espaços verdes no bairro. Foi nesse contexto que a interação do ZÁS Colectivo surgiu, pois fomos convidados a realizar em conjunto com a comunidade algum mobiliário para esse prado, concretamente uma mesa para ensino da biodiversidade e hotéis para insetos.

2.4.3 Atores

A intervenção ‘Rega o seu bairro’ contou com o envolvimento de diferentes agentes, o que contribuiu para chegar a uma ação táctica. Como vimos, a comunidade do Monte Formoso é muito ativa na transformação do bairro, por isso seria fácil envolvê-la no processo de desenvolvimento de um projeto para o território. Além disso, o ZÁS Colectivo já tinha uma relação de colaboração com o local, o que facilitou o convite para participarem no planeamento de uma intervenção nesse sítio.

A proposta do workshop *Healthy Home* já se baseava na ideia de promover a interação de pessoas de diferentes áreas, tanto tutores como participantes, na construção de uma proposta. Para isso, estava planeado o diálogo com os moradores dos bairros e com a associação de moradores. Sendo assim, o grupo de trabalho que integrei tinha quatro tutores, sendo três integrantes do ZÁS colectivo, Gonçalo Santos, Lara Reis e Ivan Brito, representando profissionais na área de arquitetura, e Andrés Spognardi, um investigador do CES que estuda a economia social e solidária.

Os participantes do workshop inseridos neste ateliê eram de diferentes áreas: quatro arquitetas formadas ou em formação, uma doutoranda na área de direito, uma investigadora de estudos sociais e saúde emocional e um doutorando que estuda a natureza no espaço urbano. Essa mistura de áreas de investigação possibilitou que o processo de desenvolvimento do projeto tivesse diferentes pontos de vista, o que tornou enriquecedor a análise feita sobre o local, o contexto, e a proposta de implementação final.

No que diz respeito aos moradores de Monte Formoso que participaram, foram envolvidos membros da Associação de Moradores de Monte Formoso, incluindo o atual presidente e vice-presidente, sendo Paulo Lobo e Manuel Cruz, destacamos também as moradoras ativas

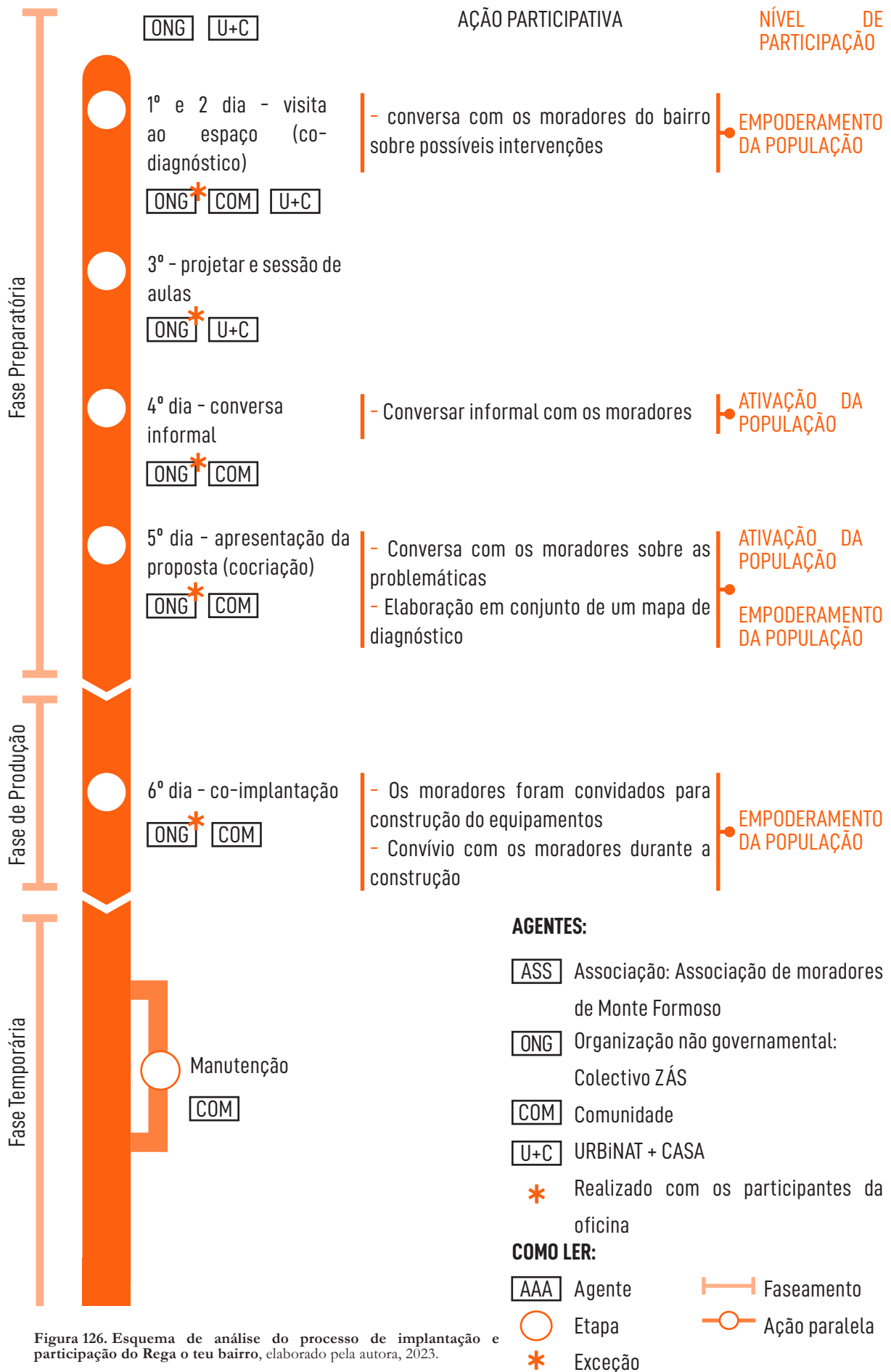


Figura 126. Esquema de análise do processo de implantação e participação do Rega o teu bairro, elaborado pela autora, 2023.

Verônica Dankova e Catarina Maia. Cerca de quinze moradores foram interagindo com os participantes ao longo da semana. É relevante apontar que estava previsto na programação e método do workshop fazer essas integrações. No que concerne ao financiamento dessa intervenção foi utilizado o orçamento previsto para o atelier, oferecido pela própria organização do workshop, sendo fornecido pelo financiamento Europeu: *European Union's Horizon 2020 research and innovation*.

2.4.4 Processo de implementação e participação

A intervenção inseriu-se num workshop que reuniu participantes de diversas áreas de formação e residentes do local estudado. Este foi planejado para ter a duração de uma semana, durante a qual era previsto palestras e aulas acerca do método URBiNAT de co-diagnóstico, de co-design, de co-implementação e de co-monitoramento. Estava prevista a aplicação de apenas as duas primeiras etapas do método, que seriam produzidas durante a oficina para gerar uma proposta de corredor saudável entre Choupal-Monte Formoso-Ingote-Relvinha, tendo por base *Natural Based Solutions (NBS)*⁸⁷ para o bairro. O ZÁS colectivo, propôs a adição da co-implementação no programa, com a intenção de criar uma intervenção concreta no espaço, isso seria conseguido através do UT. Sendo assim, adaptamos as etapas de desenvolvimentos da proposta para acrescentar essa iniciativa. Para melhor compreender esse processo, iremos apresentar as ações de ativação e de mobilização da comunidade realizadas durante a oficina.

Antes da realização do workshop, o ZÁS colectivo preparou a iniciativa de acordo com o que conhecia do bairro. Sentimos que seria oportuno incluir uma caminhada exploratória, para os residentes relatarem as suas impressões e sentimentos sobre os locais, e apontar problemáticas e desejos. Além de incluir a intervenção concreta o que exigiu um novo calendário, para assim contabilizar o tempo da inclusão dessas atividades extras.

Ainda sobre a nossa preparação, realizou-se um cartaz (Anexo III) sobre a caminhada exploratória para fazer a sua divulgação nas redes sociais do colectivo e da associação de moradores, com a intenção de mobilizar a comunidade local a estar presente. Também programámos fazer seleção e recolha de material no Armazém Principal da Câmara Municipal de Coimbra para ser utilizado na intervenção.

⁸⁷ *Nature Based Solutions* – NBS = são soluções que são inspiradas e apoiadas pela natureza, que são económicas, fornecem simultaneamente benefícios ambientais, sociais e económicos e ajudam a construir resiliência. Essas soluções trazem mais e mais diversidade da natureza e dos recursos e processos naturais para as cidades, paisagens e paisagens marítimas, por meio de intervenções sistêmicas, adaptadas localmente e eficientes em termos de recursos. (https://research-and-innovation.ec.europa.eu/research-area/environment/nature-based-solutions_en. Acedido 16 de julho de 2023)



Figura 127. Primeira caminha. s.a . 2023
Figura 128. Caminhada exploratória. Araújo, B., 2023.
Figura 129. Caminhada exploratória. Araújo, B., 2023.

No primeiro dia foi feita a apresentação da proposta geral da oficina, além de duas aulas, sendo uma lecionada por José António Bandeirinha, sobre a história da cidade de Coimbra, e a outra por Luciane Lucas dos Santos, sobre participação. À tarde, foi realizada uma caminhada com todos os participantes pelas áreas que seriam trabalhadas no workshop. Em relação à visita ao Monte Formoso, foram efetuados dois percursos diferentes. Cada um dos percursos foi coordenado por um representante do bairro, sendo um pela moradora Catarina Maia e outro pelo presidente da associação de moradores, Paulo Lobo.

No segundo dia, também houve uma manhã preenchida de aulas e uma sessão de apresentação dos conceitos do URBiNAT. Já durante a tarde, sob orientação dos tutores, foi organizada a atividade de reconhecimento do local com a comunidade. No fim do dia, como planeado, ocorreu a caminhada exploratória, num horário pós laboral para permitir que mais pessoas pudessem ir. Entretanto apenas os participantes, os tutores, outros quatro integrantes do ZÁS colectivo e quatro moradores participaram. É relevante apontar que esses quatro residentes foram os mesmo que estiveram presente na caminhada do dia anterior. Apesar disso, o ambiente dessa visita foi diferente, isso porque éramos menos pessoas, o que permitiu um diálogo mais profundo e longo.

Desta caminhada conseguimos compreender a essência do bairro, pois durante esse percurso foram contadas histórias marcantes do bairro, como do desvio do autocarro, do cachorro Aníbal⁸⁸ e a explicação do nome das ruas⁸⁹. Além de ouvir as vivências que esses moradores tiveram no local. Por fim, relataram os seus problemas de mobilidade, de falta de espaços de cultura, de espaços para conviver e falta de comunicação entre todos da comunidade. Estava planeado no fim da caminhada fazer um mapeamento do que tínhamos discutido, porém não conseguimos devido à hora a que acabou o percurso.

No terceiro dia, durante a manhã houve aulas e sessão sobre o método do URBiNAT. Durante a tarde fez-se o registro no mapa das perspectivas da caminhada observatória do dia anterior. A partir disso foi produzida uma análise subjetiva a partir do mapeamento de características e informações diversas sobre o bairro que foram recolhidas nas duas visitas ao local, além de uma análise SWOT, de uma análise segundo o método Kevin Lynch, e de uma análise de mapeamento das NBS existentes no bairro. No fim do dia, aconteceu uma sessão crítica sobre co-diagnóstico produzido com os comentários de Uta Pottgiesser (TUDelft⁹⁰),

88 O cachorro Aníbal segundo contou o presidente da Associação de Moradores de Monte Formoso, Paulo Lobo, era um personagem mítico do bairro e cuidado por todos.

89 O nome das ruas é inspiradas em cidades gêmeas a Coimbra.

90 TUDelft = Universidade Técnica de Delf.



Figura 130. Mapa produzido de co-diagnóstico. ZÁS colectivo, 2023

Figura 131. Co-diagnóstico com mapeamento em Monte Formos. ZÁS Colectivo, 2023.

Figura 132. Co-diagnóstico com mapeamento em Monte Formos. ZÁS Colectivo, 2023.

Figura 133. Co-diagnóstico com as crinças em Monte Formos. ZÁS Colectivo, 2023.

Silvia Ferreira (FEUC⁹¹/CES) e Giovanni Allegretti (CES).

No quarto dia, dois tutores, em conjunto com dois participantes, resolveram ir tomar um café no bairro, gerando um encontro casual que acabou sendo uma oportunidade para trocar ideias com alguns moradores que estavam no café Panorama. Nesse diálogo os moradores relataram as experiências que tinham no bairro, como também apontaram suas queixas, das quais vale a pena ressaltar a falta de momento de pausa na subida da via de acesso à zona, ou seja, apontaram a necessidade de haver um banco nesse trajeto. E comentaram que a Mata do Monte Formoso é usada, mas não por todos do bairro. Essa situação permitiu nos identificar e criar um laço de reconhecimento entre nós e esses residentes.

No quinto dia, levando em conta as informações recolhidas, foi decidido o percurso para o corredor e os pontos que deveriam ser destacados. Decidiu-se que o eixo principal do corredor seria a Rua Cidade de Poitiers, que liga Monte Formoso ao Ingote e ao Choupal, apesar de ter um trânsito intenso, o que provoca ruído. Os pontos da estratégia geral foram: um auditório para realização de eventos culturais, um painel acústico para absorver o ruído da estrada, um monumento em memória do desvio do autocarro, um equipamento infantil na Mata e um mobiliário urbano para sentar no percurso.

A equipe responsável por planejar intervenção concreta, propôs uma forma da população local partilhar as suas opiniões e ideias sobre o bairro, através do registro num mapa. Essa iniciativa permitia sondar se as ideias do grupo faziam sentido para os moradores. Em paralelo, foi planejado estender um grande papel para convidar as crianças para desenhar, estimulando conversas informais sobre o bairro. Sendo assim, organizamos um mapa (Figura 130) destacando os espaços verdes do bairro e colocamos um símbolo desenvolvido para o projeto para identificar.

Durante a tarde, o mapa foi colocado numa vitrine de um estabelecimento comercial fechado, deixando o material para interação ao seu pé, além de fazer um varão para expor os cartões postais e colocar um rolo de papel grande para desenhar. Entretanto essa abordagem teve que ser adaptada, pois muitas pessoas passavam à frente e/ou olhavam o que estava exposto, mas não reagem. Sendo assim, começamos a falar com as pessoas que iam parando, para assim instigar a partilha no mapa suas opiniões sobre as ideias propostas e sobre o Monte Formoso.

Através dessa mudança de aproximação, o mapa foi sendo preenchido, muitas vezes com

91 FEUC = Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.



Figura 134. Co-implantação dos desenhos dos azulejos com as crinaças. ZÁS colectivo, 2023
Figura 135. Co-implantação da placa com morador. ZÁS colectivo, 2023
Figura 136. Co-implantação do baloço com os moradores. ZÁS colectivo, 2023
Figura 137. Testagem do baloço com os moradores. ZÁS colectivo, 2023
Figura 138. Instalação dos bancos. ZÁS colectivo, 2023
Figura 139. Instalação dos azulejos. ZÁS colectivo, 2023

post-it escritos por nós. Isso porque, apesar das pessoas sentirem-se à vontade para expor sua visão de maneira oral, sentiam um desconforto em escrever no papel. Desse diálogos, três questões principais foram relatadas: o bairro se separa em três partes, a direita e a esquerda da Rua Cidade de Poitiers (via que corta a zona) e a parte Sul, que funciona como cidade dormitório, sendo assim, tem menor vivência no local; o parque infantil existente tem pouco uso, apesar de ter muitas crianças no bairro, isso ocorre porque os pais buscam ficar num café enquanto deixam seus filhos brincando no espaço ao lado do estabelecimento; a Mata do Monte Formoso é mais utilizada como espaço de passagem e para passear o cão, às vezes de estar quando utilizam a churrasqueira que há instalada.

No sexto dia, o grupo da ação concreta discutiu várias hipóteses e optou por utilizar na intervenção azulejos desenhados pela comunidade, com a intenção de fazer com que se identifiquem com o bairro e equipamentos para crianças e adultos brincarem, assim como mobiliário urbano para se sentarem. Essas decisões foram moldadas sobretudo levando em consideração que só haveria uma tarde para as executar. Optou-se por intervir em dois EP, a Mata do Monte Formoso e um canteiro subutilizado ao lado do Prado do Monte Formoso. Os dois pontos comunicavam com o corredor verde planeado.

Em relação à estrutura dos bancos e dos baloiço, podemos comentar o baloiço resultou da disponibilidade de pneus, que tinham sido recolhidos no Depósito Municipal de Coimbra, e pela facilidade em comprar cordas. No que diz respeito aos bancos, a base foi construída com blocos de betão, sobre os quais foram colocados tampos de madeira. Escolheu-se a madeira por permitir que as pessoas desenhassem com caneta permanente o que desejassem. Isso com o objetivo de as pessoas sentirem que fizeram parte da construção do equipamento e se identificarem nele.

Buscou-se convidar a comunidade para a instalação desses equipamentos, o que ocorreria às 18h. As que apareceram eram pessoas com quem já tínhamos tido contacto no processo, mas também convidámos moradores que estavam de passagem para interagir com a atividade. É válido destacar dessas interações a ajuda de dois moradores que estavam de passagem para montar o baloiço, outro nos ajudou a montar uma placa com o nome do projeto e a testar o baloiço. Também houve o apoio da Catarina Maia, que ao tomar conhecimento que iríamos intervir no terreno vizinho ao Prado de Monte Formoso, foi ao local limpá-lo. Sendo assim, a implantação teve a colaboração dos residentes. Os desenhos realizados sobre as tábuas e os azulejos foram feitos no café Varanda, porque era onde as crianças estavam a brincar, então foi interagindo e as convidando para se expressarem nas peças. Ademais os participantes também fizeram seus registros nas tampas de madeira. Em relação ao baloiço, o que ficou instalado na Mata do Monte Formoso, recebeu a frase “Regue o seu bairro! Participe!” sugerida por um morador que estava a passear.

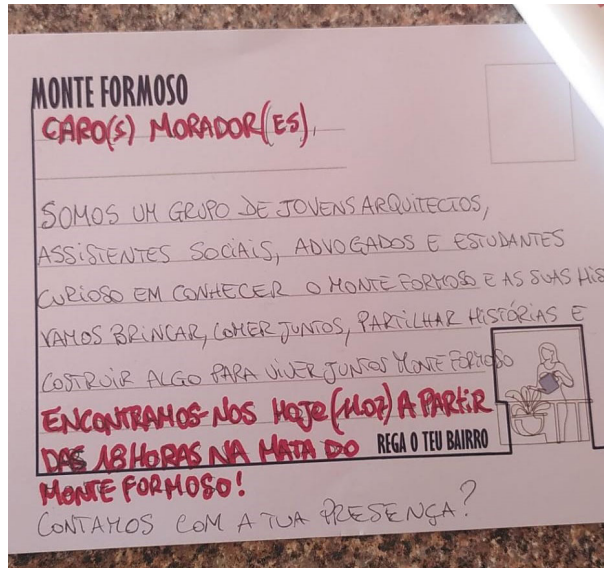


Figura 140. Placa do projeto instalado na Mata de Monte Formoso. ZÁS colectivo, 2023.

Figura 141. Cartão postal convidando os moradores para construção da intervenção. ZÁS colectivo, 2023.

Figura 142. Baloíço montado na Mata de Monte Formoso. ZÁS colectivo, 2023.

Figura 143. Baloíço e banco montado na Mata de Monte Formoso. ZÁS colectivo, 2023.

Figura 144. Baloíço e banco montado no terreno ao lado do Prado de Monte Formoso. ZÁS colectivo, 2023.

Figura 145. Baloíço sendo utilizado no terreno ao lado do Prado de Monte Formoso. ZÁS colectivo, 2023.

No último dia, na manhã, preparou-se o material para apresentação final do projeto que iria ocorrer à tarde. A sessão crítica das propostas finais contou com a participação de Nuno Grande (Darq), Claudino Ferreira (FEUC/CES) e Nathalie Vallet (UA, Bélgica) com a moderação de Martinho Araújo (CASA). Sobre isso é interessante ressaltar que a moradora e membro da Associação de Moradores de Monte Formoso, a Verônica Dankona, também esteve presente.

2.4.5 Situação atual

Alguns dias depois da intervenção, foi registrado o uso por crianças dos novos equipamentos. Ademais, uma das grandes conquistas com a intervenção foi perceber que, ao visitar o sítio após a iniciativa, nós do ZÁS colectivo tínhamos criado laços com os moradores, ou seja, não somos mais pessoas estranhas ao local. Paulo Lobo, presidente da Associação de Moradores de Monte Formoso, apontou que estava satisfeito pela concretização de uma intervenção através do workshop. Comentou que mesmo sendo uma ação de pequena escala e complexidade, ficava uma semente para mais melhorias no espaço. Isso deu abertura para discutir sobre a possibilidade de novas parcerias, dando continuidade ao trabalho já começado com o 'Jardim de Monte Formoso'. Sendo assim, esperamos expandir nossa relação no bairro, já que estão sendo cada vez mais fáceis as interações, porque criamos uma relação de confiança e de cumplicidade entres os vários atores do local e o ZÁS colectivo.

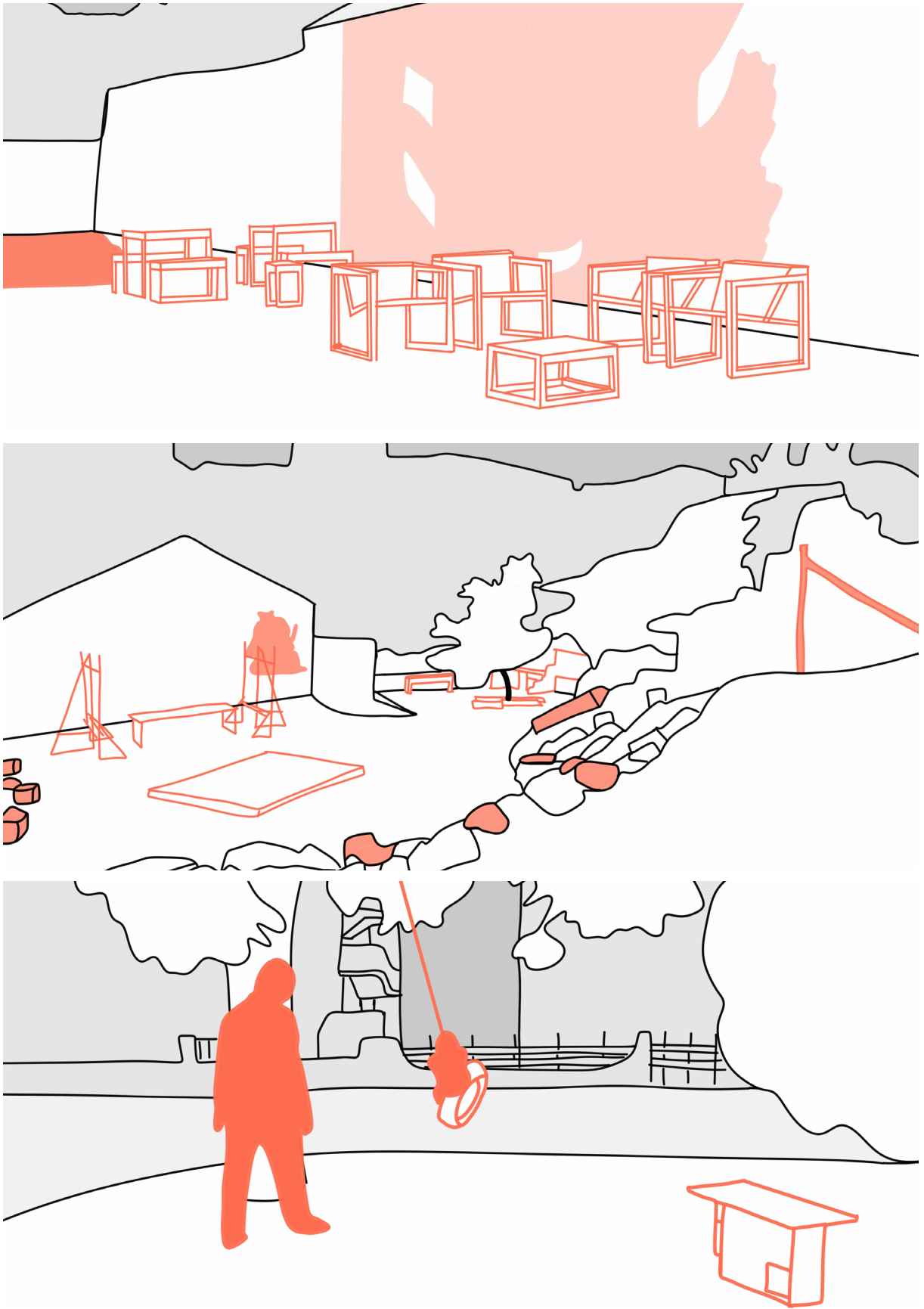


Figura 146.

2.5 ANÁLISE COMPARATIVA

Após apresentar as três ações táticas ‘VivaCidade. Vestir os vazios urbanos’ (VC), ‘Apropriação do Bairro Leal’ (BL) e ‘Rega o teu bairro’ (RB), faz-se oportuno realizar uma análise comparativa entre elas. Isso porque é importante perceber as divergências e as convergências entre as intervenções, bem como entender como o UT pode ter diversas abordagens e ser adaptado aos diferentes contextos de implementação. Compreender a importância do envolvimento das pessoas em todas as ações e perceber o impacto do UT no território intervindo.

Primeiramente, iremos analisar as características⁹² dessas três ações táticas. Sendo assim, o primeiro ponto a observar é o caráter de **baixo custo** dessas ações. A VC e BL foram realizadas com um orçamento de menos de cinco mil euros, e com esse valor requalificaram os espaços sem uso e abandonados, transformando-os em EP, sendo assim fizeram a limpeza e a pintura deles. Como também com esse dinheiro construíram mobiliário urbano para instalar nesse novo sítio. No caso de RB, foi preciso cerca de cem euros para executar a intervenção pontual, isso porque, diferente das outras duas que criaram por completo um novo EP, essa apenas colocou novos equipamento em dois EP existentes. Isso nos permite constatar que as ações táticas conseguem transformar e melhorar um espaço mesmo com baixo orçamento.

A nível do financiamento, as três ações recorreram a diferentes fontes: o BL conseguiu apoio monetário de um programa do poder público e a partir da arrecadação do valor de inscrição do curso em que o projeto estava inserido. Já no caso do VC os recursos foram obtidos através do programa de financiamento de uma fundação de apoio social, além de se ter conseguido apoio de várias entidades comerciais e associações locais para fornecimento de materiais. Por fim, RB obteve o recurso da própria organização do workshop e da recolha de material no Armazém da Câmara Municipal de Coimbra.

Dessa forma, constatamos que as intervenções buscaram apoio financeiro de fundações privadas e / ou públicas para as executar. Destacamos que o VC e o BL recorreram a financiamento público, algo que nos mostra como o envolvimento do poder público nas ações táticas possibilita uma vantagem na obtenção de recursos monetários para executar essas abordagens. No contexto português, essa relação de pequenas ações receberem apoio financeiro do Estado é comum, através de programas como OPAD, DGARTES e BIP/

⁹² Essas características foram explicitadas na secção 1.2.3 dessa dissertação.

CARACTERÍSTICA	VIVACIDADE. VESTIR OS VAZIOS URBANOS	APROPRIAÇÃO DO BAIRRO LEAL	REGA O TEU BAIRRO
Baixo Custo	<5000€	< 5000€	<500€
Curto prazo	18 meses	1 semana	1 semana
Flexibilidade	mobiliário móvel	mobiliário móvel	não
Reversibilidade	sim	sim	sim
Participação	ativa e direta	ativa e direta	ativa e direta
Escala	lote público de cerca de 200m ²	lote privado de cerca de 400m ²	dois lote público de cerca de 30m ²
Legalidade	autorização e formalização oficial	sem autorização	sem autorização
Materialidade	madeira nova e reutilizada, pintura, vegetação	madeira nova, pintura, vegetação	madeira nova, bloco de concreto, pneus usados
Planejamento	longo processo de planejamento	rápido processo de planejamento	rápido processo de planejamento

Figura 147. Tabela comparativa das características das ações estudadas. Elaborada pela autora, 2023.

ZIP⁹³.

No que se refere à característica de **curto prazo** das ações táticas é um dos pontos mais distintos entre as três, porque enquanto o VC levou cerca de um ano e meio para todo o processo de planeamento, de desenvolvimento e de criação da intervenção, o BL e o RB demoraram menos de quatro meses para o planeamento e apenas uma semana para projetar e executar as ações táticas. Mesmo com grande diferença de tempo de progressão do projeto, as três têm o caráter de curto prazo, pois trata-se de intervenções temporárias, apesar de almejarem tornar-se permanentes.

É válido comentar que o VC foi aberto à comunidade em 2015 e ficou ativo até 2022, ou seja, esteve sete anos em uso. Em comparação ao BL, que foi inaugurado em 2021 e está ativo até a atualidade, prevendo-se a continuação dessa ação ainda por muito tempo. Já o RB foi instalado em julho de 2023 e pretende estar ativo por um longo período. Por fim, é importante ressaltar que VC e BL são ações que não previam o seu fim, mas buscavam permanecer através do uso e da manutenção e almejavam uma solução definitiva através da definição formal do espaço. No caso de RB, a intervenção não antevê sua remoção, entretanto busca ser uma instigação à reflexão e à melhoria das zonas instaladas, e não está à espera da sua formalização.

As ações táticas apresentam **flexibilidade** no espaço e nos equipamentos criados. Em relação ao lugar, a flexibilidade aparece, pois a intervenção possibilitou ver o potencial que ele tem de receber uma diferente configuração e uso. No que diz respeito ao mobiliário urbano construído, presente no VC e BL, há tanto a questão de multiuso de alguns elementos, como da sua mobilidade. No caso do VC, os bancos permitem diferentes modos de uso, como também locomobilidade, assim possibilitando diferentes configurações no lote. Já no BL, há uma estrutura de sombreamento que pode ser usada como bancos e para exibir filmes, o que permite também ser movida.

A **reversibilidade** desses projetos está ilustrada na possível remoção dessas intervenções para se tornarem outra ação, numa ideia de melhoria do que há ou de reconfiguração total. Isso é demonstrado no VC quando, após o fim da iniciativa, houve duas ações de manutenção que modificaram algumas características originais. Já no BL e no RB isso não ocorreu ainda, porém há abertura para que venha a acontecer no BL, devido a uma nova oficina prevista

93 Programa BIP/ZIP – Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária de Lisboa visam dinamizar parcerias e pequenas intervenções locais de melhoria dos “habitats” abrangidos, através do apoio a projetos levados a cabo por juntas de freguesia, por associações locais, por coletividades e por organizações não-governamentais, contribuindo para o reforço da coesão socio-territorial no município. (<https://bipzip.lisboa.pt/conhece-os-bipzip/programa-bipzip/index.htm>. Acedido 19 de julho de 2023)

para o local em julho de 2023. Nas três existe a possibilidade de haver uma remoção total da ação, retornando a serem espaços subutilizados.

No que diz respeito à **participação**, é possível afirmar que os três projetos buscaram integrar as pessoas no processo de forma direta, ou seja, elas foram consultadas, ouvidas e/ou integradas na concepção do projeto e na construção dele. Os agentes organizadores dessas intervenções acreditavam ser de extrema relevância ouvir a comunidade para intervir, sendo assim, cada um procurou envolver as pessoas através de diferentes métodos participativos nas atividades realizadas. No caso do VC, os moradores e as pessoas da vizinhança foram envolvidos em todas as etapas, sendo assim, as pessoas não só pensaram sobre o espaço, sobre seus problemas e suas potencialidades, mas também participaram no processo de escolher o que seria feito para melhorar o existente e na sua construção. Essa ideia de envolvimento em todas as etapas também foi adotada no RB, baseando-se no método do URBiNAT para aplicar os conceitos de co-diagnóstico, de co-design, de co-implantação e de co-monitoramento. Já no BL a integração foi menor em comparação às outras duas, isso porque os residentes do bairro foram ouvidos, mas não participaram ativamente no desenvolvimento do projeto em si, nem na construção do mobiliário urbano. Entretanto, após a entrega do novo EP criado, as pessoas tomaram posse do local e fizeram suas próprias transformações.

Tendo em consideração o apresentado, podemos afirmar que é importante haver a participação direta no processo de desenvolvimento do UT, isso porque permite que as pessoas observem de forma crítica sua vizinhança e se sintam empoderadas. Sendo assim, faz com que as pessoas percebam os problemas e as potencialidades do seu bairro, como também que são capazes de mudar e de melhorar a sua cidade com suas próprias mãos. Além disso, inserir um processo participativo numa intervenção rápida trás o benefício de mostrar que o envolvimento no desenvolvimento de um projeto não é em vão, mas pode concretamente ter impacto na comunidade. Dessa forma, estimula a continuação do interesse da população em ser agente ativo na transformação da sua cidade.

As três ações táticas envolveram a comunidade com diferentes métodos participativos. É oportuno apontar os pontos positivos e negativos de cada uma das iniciativas. O VC e o RB escolheram envolver a população em todas as etapas, entretanto, a duração de cada fase foi diferente nas duas ações. O método que o VC utilizou é *micro-scale urban regeneration*, criado pelo 4iS e que segue sete etapas:

1. Mapeamento e diagnóstico dos vazios urbanos;
2. Ativação da comunidade - mobilização das pessoas;
3. Sessão de trabalho participativo (parte 1) - análise dos problemas e das potencialidades,

- e cocriação de um projeto;
4. A comunidade acredita? – fazer um evento público para aprovação da população e das autoridades locais;
 5. Sessão de trabalho participativo (parte 2) – organizar como será implementada a intervenção, recolher material, recrutar especialistas para trabalho específico e prestadores de serviço;
 6. Workshop para transformação urbana – uma série de workshops abertos para construir os elementos da intervenção;
 7. Evento de abertura e plano de manutenção – organizar um evento de inauguração do espaço e apresentar o plano de manutenção criado pela organização e pela comunidade.

No caso do RB, foi executado de acordo com a aplicação do método criado pelo URBiNAT:

1. Co diagnóstico – em conjunto com a comunidade identificar os problemas e as potencialidades do lugar;
2. Cocriação – em conjunto com a comunidade fazer várias iniciativas para desenvolver uma proposta para o espaço ,
3. Co-implantação – construir em conjunto com a comunidade a intervenção
4. Co-monitoramento – em conjunto manter o espaço (essa etapa não chegou a ser realizada)

Como podemos ver, ambas utilizam diferentes abordagens para realizar ações táticas com métodos participativos. Os dois métodos funcionaram bem, porém podemos apontar que o VC em comparação ao RB funcionou melhor, pois foi desenvolvido com maior tempo, dado que o RB implementou esse método em apenas uma semana de workshop . Sobre o BL, apesar de também envolver a comunidade, quando comparado com as outras iniciativas, tem menor presença das pessoas, isso porque essas não participaram no desenvolvimento do projeto e na construção do novo equipamento urbano.

Em relação à **escala**, podemos apontar que VC e BL transformam completamente um lote, e são ações táticas isoladas, ou seja, não fazem parte de uma rede de intervenções do mesmo caráter. O RB instalou equipamentos em EP e não foi uma iniciativa única, pois foram colocados em duas localizações do bairro. Comparando a dimensão dos projetos, podemos afirmar que o BL tem o dobro de área de terreno em relação ao VC, e o RB tem a menor proporção, já que foi a instalação de dois equipamentos num EP.

A dimensão em que mais divergem seria na **legalidade**, pois a VC teve autorização e aprovação

antes da realização da intervenção e o terreno intervencionado foi cedido pela Câmara, como também houve a formalização do espaço como um largo depois da inauguração. Em contraponto, o BL não teve autorização, apesar de ter buscado uma, mas a Câmara realizou a manutenção da vegetação do lote por um período após a implantação do projeto. Não foi uma formalização oficial, mas pode-se dizer que foi, de certa forma, uma aprovação, segundo Tiago Antero, um dos arquitetos envolvido no projeto. No que se refere o RB, esse também não teve autorização da câmara para intervenção, nem buscou ter, tendo em conta que a legalização para equipamentos móveis é algo flexível. E a intenção dessa ação era demonstrar a necessidade de existirem equipamentos voltados para crianças naqueles espaços. Sendo assim, a resposta que se espera do poder público é uma reação de promover melhoria voltada a essas questões na área, não a formalização do que foi montado no local. O que se obteve foi aprovação da associação de moradores antes de pousar os equipamentos .

Tendo em conta essas diferentes relações com a legalidade, podemos apontar que no VC e no BL observam-se as diferentes formas como o poder público pode demonstrar aprovação sobre uma intervenção. O modo como os três projetos interagem com a legalidade permite reafirmar a presença do espectro do UT. Por fim, é válido ressaltar que apesar das ações terem sido bem recebidas pela comunidade, o que permitiu esse longo período em atividade – em relação ao VC e ao BL, pois o RB não esteve ativo por um período que nos permita uma avaliação sobre isso – o fator de terem tido uma boa relação com o poder público também possibilitou isso, dado que esse tinha a autoridade para retirar as intervenções do local.

A respeito da **materialidade**, a VC e o BL são intervenções bem semelhantes, já que ambas optaram por trabalhar com madeira, pintura e vegetação. A distinção entre elas está no tipo de madeira escolhida, pois VC usou madeira nova e reutilizada, já o BL usou apenas nova. Sobre a pintura, variou a intenção do seu uso, o BL buscou ter uma identidade visual utilizando dois tons que fizessem referência ao contexto e através de uma grafiteagem. No VC a pintura foi utilizada para ilustrar a parede que delimitava o lote e para decorar o mobiliário. Por fim, a vegetação no VC era uma horta urbana, e no BL era apenas um limoeiro e um conjunto de outras plantas, sem a intenção da produção de alimento. O RB, por sua vez, distingue-se um pouco das duas, porque utiliza pneus usados, corda, azulejo e bloco de cimento. Entretanto, como as outras duas, também utiliza madeira nova e pintura sobre as peças construídas.

Enfim chegamos à última característica, o **planejamento**. Sobre isso é possível afirmar que as três tiveram uma programação previamente preparada antes de começar as ações e, igualmente, que foi importante para as intervenções terem tido uma organização anterior. Divergem é na distribuição de tempo dedicado para cada fase do projeto, pois no VC a fase preparatória durou quase dezoito meses, enquanto no BL e no RB, levou cerca de quatro meses. No caso da fase produção, o VC levou uma semana, já o BL demorou três dias e o

CARACTERÍSTICA	VIVACIDADE. VESTIR OS VAZIOS URBANOS	APROPRIAÇÃO DO BAIRRO LEAL	REGA O TEU BAIRRO
Perfil de ação tática	Reinvidicação	Reinvidicação	Reinvidicação
Localização	Aveiro	Porto	Coimbra
Escala	Lote público esquina abandonado	Lote privado abandonado	Dois lote públicos em zona comercial
Área	180 m ²	410m ²	30m ² (cada lote)
Duração de cada fase	Preparação = 18 meses Efêmero = 1 semana Temporário = 7 anos	Preparação = 5 dias Efêmero = 3 dias Temporário = até hoje	Preparação = 5 dias Efêmero = 1 dia Temporário = até hoje
Inaugurado	Junho de 2015	Julho de 2021	Julho de 2023
Agentes	ONG, Poder Público, setor privado e comunidade	ONG, Poder público e comunidade	Colectivo de arquitetura, Associação e comunidade
Financiamento	+/- 5000€ Setor privado	+/- 4000€ Recurso público	+/- 100€ Setor privado
Participação	Preparação = troca de ideia, co-criação, co-desing Efêmero = co-construção, convívio	Preparação = troca de ideias Efêmero = convívio	Preparação = troca de ideia, co-criação, co-desing Efêmero = co-construção
Manutenção pós-intervenção	2 vezes pela organização	Não houve	Não houve
Equipamentos	Bancos, mesa, balcão de bar e horta	Mesa, palco, casa para gato, estrutura de multiuso (sombra, exibir filme e banco)	Bancos, baloiço
Inserção no contexto e memória coletiva do sítio	Sim	Sim	Sim
Atualmente	Sem uso	Usado	Usado

Figura 148. Tabela comparativa das características entre as ações táticas estudadas. Elaborada pela autora, 2023.

RB apenas um dia.

Diante desses processos de planejamento seguidos por cada ação tática analisada, podemos declarar que as três optaram por diferentes maneiras de organizar-se em relação ao tempo e às atividades de ativação. Em destaque há o VC, o qual teve uma fase preparatória com longa duração, isso porque o planejamento da ação foi feito em conjunto com a comunidade, sendo assim, buscou fazer os encontros e iniciativas em horários e dias que mais pessoas pudessem estar presentes. Algo distinto do BL e do RB, os quais fizeram a organização interna e depois convidaram a população a se juntar. Esse fator teve impacto na amplitude de pessoas envolvidas em cada um desses projetos, pois o VC, que procurou estruturar a programação com os indivíduos, obteve maior número de participantes em comparação às outras intervenções analisadas.

Após termos visto as diferenças e as semelhanças das características desses projetos, ainda é interessante analisar alguns pontos específicos que foram apontados na descrição dos casos de estudo de forma comparativa ou de maneira a destacar esses traços. Sendo assim, começamos destacando a semelhança no **perfil de ação tática**, já que VC, BL e RB são intervenções de reivindicação. Segundo Silva (2016), isso significa que as três buscaram responder às demandas da comunidade e da vizinhança. É importante ressaltar que a VC escolheu a zona da iniciativa antes de conversar com os moradores, somente depois ouviu as suas necessidades e os anseios que tinham para o lugar. Acerca do BL e do RG, previamente haviam selecionado o bairro que seria intervencionado, enquanto o local e o que seria feito foi decidido após o diálogo com os residentes.

Os **atores** envolvidos nas ações são bastante semelhantes, uma vez que as três tiveram a presença de diferentes participantes no projeto. Envolveram as pessoas residentes das zonas, como moradores e estudantes em VC e residentes em BL e em RB, e permitiram a integração de pessoas interessadas na intervenção, sendo participantes da oficina em BL e em RB e voluntários em VC. Foram integradas as associações de moradores nas três ações, mas na VC também foram envolvidas outras associações e organizações. Ademais, houve a presença de especialistas da área de arquitetura e urbanismo em todos os projetos. A inclusão do setor privado só ocorreu no VC, isso porque recorreram a empresas, a lojas e a cafés para terem apoio na obtenção de material e para terem espaço para realizar os workshops.

Em referência à **localização**, vimos que foram feitas em três cidades distintas, o VC em Aveiro, o BL no Porto e o RB em Coimbra. Entretanto o VC e o BL têm em comum o fato de ambas encontrarem-se em centros urbanos, já o RB fica numa zona afastada do centro da cidade. No caso das duas primeiras ações, há uma diferença na relação estabelecida entre esses espaços com as respectivas cidades: o VC fica localizado em ruas movimentadas e



Figura 149. Projeto 'VivaCidade'. Mural que remete ao boteco. Blog VivaCidade, 2015

paralelas a uma avenida principal, sendo assim, tem muita visibilidade e uso, para além dos moradores locais. Já em relação ao BL, apesar do bairro estar próximo do centro, fica isolado, como uma ilha no meio da cidade do Porto. Com isso, o local escolhido para ação é focado nos residentes, apesar de ser aberto a todos. Observando os lotes selecionados para realizar os projetos, ambos eram zonas abandonadas e sem uso, todavia com diferentes dimensões em área. O RB diverge desse contexto das demais ações táticas, porque fica localizado num bairro longe do centro de Coimbra, dessa maneira são equipamentos para uso dos moradores. Em relação ao seu posicionamento no bairro, podemos apontar que as duas instalações ficam em importantes EP da vizinhança.

Ainda comentando sobre o contexto dos projetos, é interessante destacar a repercussão disso nas três ações táticas. Isso porque, na fase preparatória, foi realizado um enquadramento sobre a história do local e dos residentes, o que demonstra o cuidado que tiveram em compreender a **narrativa do bairro**. Tinham o objetivo de oferecer com o projeto elementos que tenham uma relação com a memória coletiva do lugar e das pessoas, para o enquadramento dos moradores, a fim de promover identidade e reconhecimento do espaço pela comunidade. O VC fez isso através da recolha de depoimentos sobre a história local e das memórias dos indivíduos sobre o espaço. Isso foi transmitido no projeto através da pintura do mural, que remetia à forte presença de botecos na zona (Figura 148).

O BL realizou isso por meio de diálogo com os moradores, o que influenciou a construção dos elementos da intervenção, como o grafite e a casa para gatos devido à importância desse animal para o bairro, e foi feita a evocação à memória de um antigo Eucalipto que havia na zona, uma instalação de uma rede de arame sobre o tronco.

No caso do RB, fez-se a coleta das histórias locais e dos indivíduos a partir da conversa com os residentes, que depois ficaram registradas nos equipamentos realizados através de desenhos e de frases remetendo a essas memórias compartilhadas. Além de as pessoas terem ilustrado as tábuas de madeira e os azulejos com desenhos referentes à história do bairro e aos seus gostos pessoais, com o objetivo de se identificarem com o objeto construído.

Levando em consideração o cuidado colocado em conhecer e em integrar o contexto do sítio e das pessoas nas intervenções, podemos concluir que mesmo sendo ações de curto prazo, há uma valorização da história para intervir nos espaços. O benefício é que permite que as pessoas se reconheçam e sintam-se pertencentes ao lugar, não só porque participaram do seu processo de criação, mas também porque uma parte de sua vivência está ali registrada. Podemos destacar a importância de promover a identidade através da intervenção no RB, pois em diálogo com os residentes pudemos perceber que alguns deles não se viam pertencentes ao bairro, mesmo morando ali por trinta anos. A ação de incentivar a comunidade a ilustrar

as peças ajudou no processo de gerar essa identidade no local.

Outra característica comum aos três projetos, que é importante para a criação de laços da intervenção com a comunidade, é a **construção em sítio** do mobiliário, pois as pessoas iam passando e vendo a obra sendo edificada. No caso do VC e do RB, o workshop de criação foi aberto a todos. Assim como o **evento final de abertura**, algo muito importante para marcar a entrega do projeto à comunidade. O VC e o BL realizaram um convívio com comida e bebida para convidar as pessoas para a cerimônia. É relevante ressaltar que o RB fez esse momento de convívio no momento da co-implantação do projeto.

Observar os **equipamentos** que essas ações táticas produziram também é interessante. No caso de VC e de BL, o mobiliário produzido é semelhante, pois as duas ações usam a tática de criação de praça, buscando criar espaços de estar e de conviver para a população. Dessa forma, as duas oferecem um mobiliário urbano com as mesmas intenções, mas de acordo com as particularidades de seu contexto. O VC disponibiliza mais de um modelo de bancos, cadeiras, mesas e balcão de bar, além de uma zona reservada para uma horta. E o BL oferece um palco, uma mesa, uma estrutura de sombreamento e de banco e uma casa de gato. Já o RB propõe a melhoria de dois EP existentes, com a adição de dois equipamentos: um banco e um baloiço.

Outro ponto interessante é analisar a **manutenção** das intervenções, pois em cada uma das ações táticas discutidas a manutenção foi feita por diferentes agentes. É importante apontar que o RB não será analisado neste parâmetro, pois é uma ação recente e que não apresenta necessidade de manutenção. Em VC foi realizada duas vezes, a primeira vez, após um ano, pelos mesmos atores organizadores da iniciativa original; já a segunda ocorreu dois anos depois, integrada num workshop feito pelos mesmos agentes da anterior e com alguns novos. Mas é importante ressaltar que nos dois atos as pessoas continuaram a ser envolvidas. No caso do BL, a manutenção, durante um período, era feita pela comunidade e pela câmara, na limpeza da grama. E está programado haver uma nova oficina pelos organizadores no mesmo local que a ação original no verão de 2023, pretendendo incluir os moradores no processo. Não sabemos ainda se a intervenção que surgirá desse workshop será uma manutenção ou uma nova ação tática.

Ainda podemos discutir o **impacto da ação tática para o espaço e para a população** dos três locais intervencionados. A recolha de dados acerca dos efeitos das intervenções analisadas foi realizada através de conversas informais com as pessoas envolvidas no processo de desenvolvimento e os frequentadores dos lugares, como também do que foi observado nas visitas aos sítios. As três intervenções modificaram os espaços, permitindo uma nova visão da população sobre a sua potencialidade. No caso do VC, o lote antes abandonado e que servia

às vezes de estacionamento tornou-se num novo espaço de estar do bairro. Em diálogo com as pessoas que usufruem do espaço – universitários, moradores e ex-estudantes da escola próxima – foi possível constatar que diferentes gerações o utilizam de diferentes maneiras. Essa interação entre faixas etárias era um dos objetivos da intervenção: criar um lugar para os moradores e os estudantes conviverem. Para os alunos da escola era um lugar para ficar durante o intervalo ou após as aulas; já para os moradores era um ponto de referência e de encontro ou um espaço para fazer uma pausa antes de seguir caminho; e os universitários conviviam durante a noite no lugar. Podemos afirmar que o espaço foi bem recebido e muito utilizado pela população, mas, infelizmente, atualmente encontra-se desmontado num canto devido às obras no local.

No BL a mudança do terreno foi grande, já que antes era um lote privado subutilizado, encerrado e tomado por vegetação, e após a intervenção virou um novo espaço para conviver do bairro. Os residentes abraçaram o projeto a ponto de adicionarem novos elementos no lugar após o fim da oficina, algo que demonstra a influência que iniciativa teve na população, que por si mesma decidiu agir e melhorar o espaço sem esperar uma ação vinda do poder público. Em conversa com os residentes, notou-se que era bastante utilizado nos períodos de sol para realizar encontros com a comunidade. Infelizmente, durante a visita ao lugar, percebermos que a vegetação estava descuidada e que faltavam zonas de sombreamento.

Por fim, no RB a transformação dos espaços em que foram implementados os equipamentos não foi drástica, mas permitiu adicionar novo mobiliário urbano voltado para as crianças. Podemos apontar que o impacto dessa ação tática proporcionou a melhoria dos lugares para uso infantil, mas principalmente serviu para realizar atividades de interação entre os moradores e permitir que esses se identifiquem com o bairro onde moram. A comunicação posterior com os moradores permitiu constatar que a ação tática instigou a associação de moradores e ativistas locais a refletirem sobre possíveis melhorias futuras do bairro.

Concluimos essa análise comparativa referindo que as três ações táticas ocorreram em três períodos e localizações diferentes, com particularidades devidas ao contexto de cada uma, mas apresentam características semelhantes. Algo que se pode destacar é que os três projetos têm participação da comunidade local, o que explica o fato de serem obras com profunda relação com o espaço e as pessoas. Por fim, é interessante pontuar que todas foram bem recebidas pela população local.

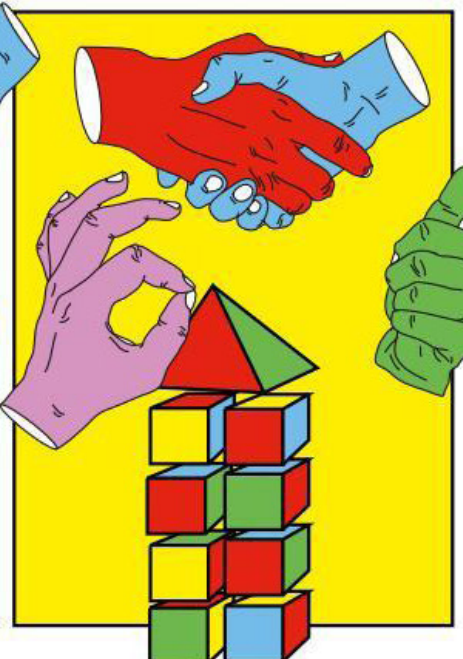
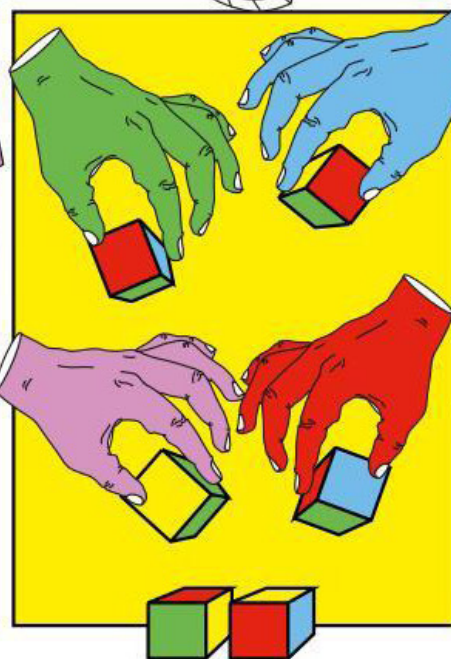
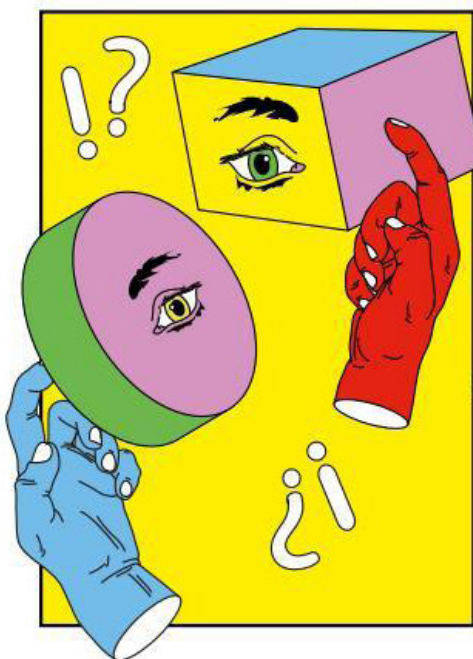
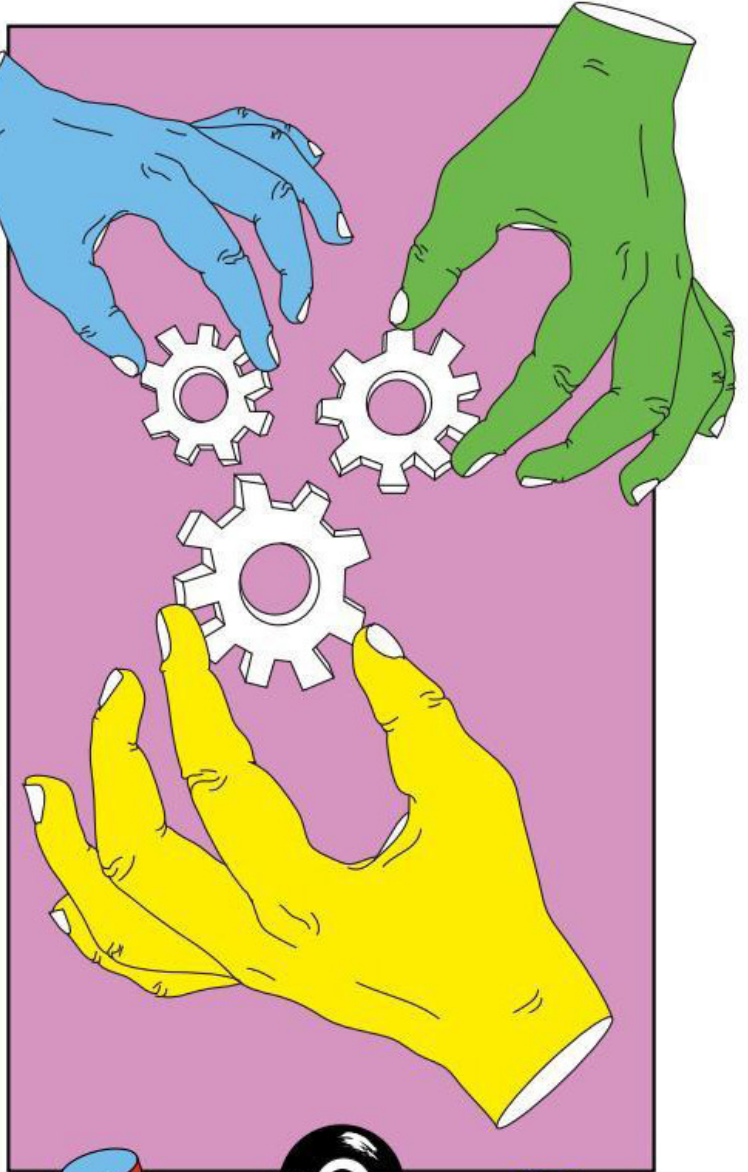
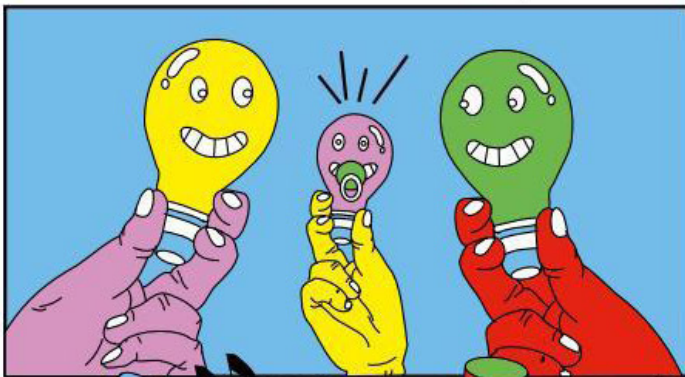
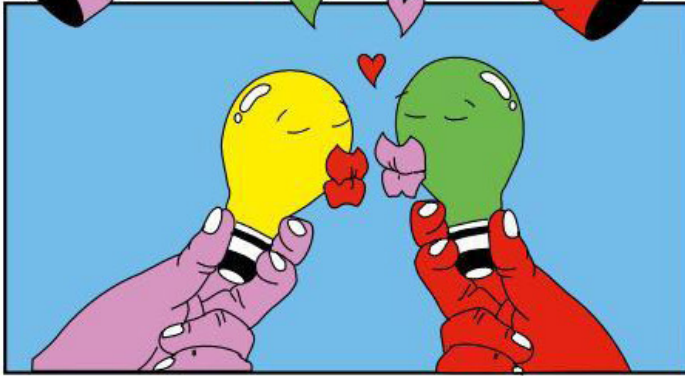
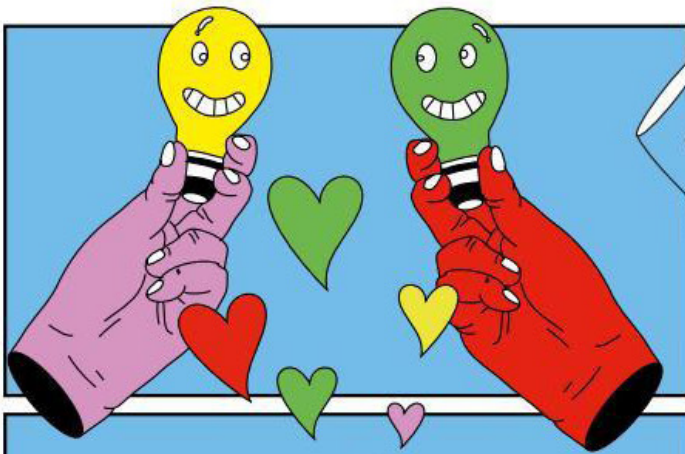


Figura 150. Ilustração que demonstra várias dinâmicas no processo de cocriação , s.n, Ilustrado por Johanna Walderdorff, 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa dissertação realizou-se uma investigação com o objetivo de compreender o impacto do envolvimento da população no processo de criação do espaço público através do Urbanismo Tático. A partir do enquadramento sobre o papel do espaço público na cidade e na vida das pessoas conseguimos averiguar que o EP tem grande influência na vivência das pessoas na cidade. Porque cumpre o papel de promover o contato humano, e é o palco de construção de identidade social e cultural. É um lugar de todos e para todos, sendo assim, a população local deve ser envolvida na sua elaboração.

A partir dessa constatação, se fez oportuno analisar a importância e as consequências da utilização de métodos participativos no desenvolvimento de um projeto, algo que possibilitou constatar que a construção dos EP se enriquece quando envolve as pessoas. Isso porque o envolvimento dos indivíduos cria laços de pertencimento com o espaço. Mas também porque esses métodos empoderam a população a refletir e a agir no espaço que é seu por direito.

A presença de planejamento participativo em Portugal teve início após o 25 de abril, com o projeto SAAL promovido pelo poder público. Até os dias atuais as entidades governamentais continuam a apoiar a realização de iniciativas participativas, como Orçamento Participativo, por exemplo. Algo que foi possível de se averiguar através do estudo das ações táticas em Portugal, das quais a maioria recebia financiamento público.

Uma das principais limitações do planejamento participativo é a dificuldade em envolver as pessoas no seu processo e em realizar uma comunicação clara entre os especialistas e a população. Outra dificuldade é o longo período de realização dos processos participativos clássicos, isso porque a demora para ver o projeto factualmente concretizado faz com que os moradores percam fé na intervenção.

Por fim, com o estudo da definição e das características do Urbanismo Tático, é possível afirmar que essa abordagem é uma prática que está em ascensão, apesar de não ser inovadora em seus métodos. É caracterizada por ações de baixo custo e de curto prazo, mas também apresenta outras características, como: flexibilidade, reversibilidade, participação, escala, legalidade, materialidade e planejamento. Há várias formas de implementação do UT, como é possível constatar pela diversidade de ações táticas apresentadas ao longo dessa dissertação. Podemos também apontar que a presença de envolvimento da comunidade no UT faz com que esse seja um mecanismo de empoderamento dos cidadãos, ou seja, a população local adquire o poder de moldar a sua cidade à sua maneira. No entanto, essa metodologia tem suas limitações, sendo as principais a dificuldade em envolver todos os moradores no processo, a impossibilidade de garantir que o espaço será transformado permanentemente, e a perecibilidade dos materiais utilizados. É válido ressaltar que, apesar de se tratar de soluções temporárias, visam a uma mudança a longo prazo da problemática.

Ademais, analisaram-se três ações táticas realizadas no território português, sendo o ‘VivaCidade. Vestir os vazios urbanos’ (VC), o ‘Apropriação do Bairro Leal’ (BL) e o ‘Rega o teu bairro’ (RG). O contributo de ter estudado VC foi perceber a importância que a ação tática teve na vivência do espaço por um longo período, além de constatar que o longo processo de planeamento possibilitou um maior envolvimento das pessoas. A investigação sobre o BL permitiu averiguar que uma intervenção tática envolvendo a comunidade pode ser feita em uma semana. O BL também permitiu visualizar como essas abordagens podem gerar o empoderamento dos cidadãos, porque os moradores de fato tomaram posse do lugar e colocaram seus contributos após a iniciativa. A experiência de ter realizado o RB possibilitou averiguar em primeira pessoa os benefícios e limitações em fazer uma ação tática na prática.

De maneira geral, através da análise dos casos de estudo apresentados, pode-se apontar que as ações táticas realizadas no território português demonstram um cuidado com o contexto do lugar e das pessoas, trazendo a memória coletiva local para as intervenções. Além de confirmarem a necessidade de envolver as pessoas no processo do Urbanismo Tático de forma direta, apesar de variarem nas metodologias adotadas e no tempo dedicado à participação.

Ademais, foi possível constatar o impacto que o envolvimento da comunidade teve no desenvolvimento dos projetos, e o efeito benéfico de a ter incluído. Isso porque permitiu-se criar um maior laço de cuidado e de pertencimento entre as pessoas e o seu bairro. Ou seja, o Urbanismo Tático e a participação direta da comunidade possibilitam a transformação da visão das pessoas sobre o seu bairro e a sua comunidade.

Em relação às dificuldades experienciadas nessas intervenções, é possível constatar que a inclusão dos indivíduos foi o maior desafio. Isso porque, apesar das ações táticas buscarem envolver a comunidade através de diferentes métodos, muitas vezes não se consegue fazer com que essa participe por completo. Também pode ser difícil conciliar o tempo disponível dos agentes organizadores e dos cidadãos, o que pode dificultar uma resposta que reflita os desejos de todos os moradores do local.

A experiência de ter participado ativamente num projeto de Urbanismo Tático – ‘Rega o seu bairro’ - permitiu viver em primeira mão a dificuldade de engajar as pessoas nos projetos. Não por essas não se interessarem em melhorar seu bairro, mas por não se sentirem confortáveis em expressar as suas opiniões e não terem motivação para tal, pois não pensam que suas ideias teriam influência de fato na intervenção.

Participar na ação tática também permitiu observar de perto o impacto que uma pequena ação feita de forma participativa tem num lugar, isso porque foi possível observar a satisfação

da comunidade ao ver no espaço o produto de uma iniciativa da qual fez parte. Sendo assim, a intervenção fez com que se sentissem agentes ativos na transformação da sua vizinhança e criassem o sentido de pertencimento ao espaço.

Foi possível também perceber a necessidade de planeamento no processo de implementação de uma ação tática, já que não se trata apenas de elaborar uma ideia e agir, mas envolve uma sequência de etapas e de atividades para chegar à sua concretização.

No processo de desenvolvimento das atividades descritas surgiram alguns desafios. Um deles foi o curto período disponível para elaboração dessa dissertação, de apenas seis meses. Apesar de inicialmente ter surgido a vontade de fazer uma listagem mais extensa de exemplos de UT, optou-se por não analisar outros exemplos, de forma a garantir a conclusão da investigação a tempo. A recolha de depoimentos das comunidades envolvidas também se revelou difícil e morosa, tal como o contacto direto com a Câmara Municipal de Aveiro para averiguar o que está a ser planeado para o lote. Por fim, optou-se ainda por não participar no workshop 'LEAL – oficina de autoconstrução', agendado para os dias 20 a 27 de julho de 2023, uma vez que o período de realização da atividade sobrepunha-se ao prazo de conclusão dessa dissertação.

Acreditamos que após a investigação apresentada, é possível concluir que o Urbanismo Tático deve ser uma abordagem mais recorrente visto o seu potencial de promover melhoria ao espaço público com baixo custo e curto prazo, mas também por ser uma maneira de empoderar a população sobre as transformações urbanas. É de interesse que essa dissertação seja um contributo para a criação de um catálogo das ações táticas já realizadas em Portugal, tal como foram produzidos para o UT nos E.U.A. (Lydon et. al., 2011 e 2012), na Itália (Bazzu & Talu, 2016), na Austrália e Nova Zelândia (Budahazy et. al., 2014) e nos países da América Latina (Steffens, 2013).

REFERÊNCIAS

- Anteri, T. (2022, 18 de novembro 2022). *Entrevista com Tiago Antero* [Comunicação pessoal].
- Arnstein, S. R. (1969). A Ladder of Citizen Participation. *Journal of the American Planning Association*, 34(4), 216–224. https://www.researchgate.net/publication/332066297_A_Ladder_of_Citizen_Participation
- A Rua É Sua*. ([s.d.]). MUNICÍPIO de LISBOA. Recuperado 28 de junho de 2023, de <https://www.lisboa.pt/a-rua-e-sua>
- ateliermob. (2014). *Cozinha Comunitária das Terras da Costa*. <https://www.ateliermob.com/projects/cozinha-comunitaria-terras-da-costa>
- Bandeirinha, José António. *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011 [2007].
- Baptaglin, L. A., & Chierentin Santi, V. J. (2018). As intervenções artísticas urbanas no circuito da arte em Roraima e o potencial comunicativo dos saberes artísticos amazônicos. *Revista Observatório*, 4(4), 615–637. <https://doi.org/10.20873/uf.2447-4266.2018v4n4p615>
- Barata, A. F. (2018). *Do micro ao macro. Urbanismo Tático para transformação de espaços públicos* [Dissertação de Mestrado]. Prourb. https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6966888#
- Barata, A. F., & Fontes, A. S. (2016). Urbanismo Tático: Experiências temporárias na ativação urbana. *HABITAR 2016*. https://www.academia.edu/30232145/Urbanismo_t%C3%A1tico_experi%C3%Aancias_tempor%C3%A1rias_na_ativa%C3%A7%C3%A3o_urbana
- Brenner, N. (2016). *Seria o “urbanismo tático” uma alternativa ao urbanismo neoliberal?* http://emetropolis.net/system/artigos/arquivo_pdfs/000/000/201/original/emetropolis27_capa.pdf?1485998522
- Brunet, K. S. (2008). *Mídia locativa, práticas artísticas de intervenção urbana e colaboração*. <https://karlabru.net/site/publicacoes/midia-locativa-praticas-artisticas/>
- CASA, & URBiNAT. (2023). Healthy home: co-creation of a healthy corridor in Coimbra (*Relvinha - Ingote - Monte Formoso - Bolão*). https://www.uc.pt/fctuc/darq/casa/s_synopsis_23_1
- Castro, T. (2022, julho 22). *Entrevista com Tiago Castro* [Comunicação pessoal].
- Centro do Porto passa a ter zonas pedonais temporárias aos fins de semana a partir deste sábado, dia 20*. (2020). <https://www.porto.pt/pt/noticia/centro-do-porto-passa-a-ter-zonas-pedonais-temporarias-aos-fins-de-semana-a-partir-deste-sabado-dia-20>
- Colaboração com a Vivacidade Aveiro. (2015, maio 11). *Repositório de materiais*. <https://repositoriodemateriais.pt/blog-post/colaboracao-com-a-vivacidade-aveiro/>
- Colectivo Febre (@colectivofebre) | Instagram*. (2022). <https://www.instagram.com/p/CgU5s-MMBcT/>
- Colectivo Til. (2018). *Jardim Cívico 1.0*. Colectivo Til. <https://www.otil.pt/jardim-civico-1-0>
- Colectivo Til. (2019). *Jardim Cívico 2.0*. Colectivo Til. <https://www.otil.pt/jardim-civico-2-0>
- Colectivo Til. (2020). *Mapas*. Colectivo Til. <https://www.otil.pt/mapas>
- Colectivo Til. (2021). *Cantinho do Alçada*. Colectivo Til. <https://www.otil.pt/cantinho-do-al%C3%A7ada>
- Colectivo Warehouse. (2013). Play-Lx [Lisboa]. *Colectivo Warehouse*. <http://warehouse.pt/projectos/play-lx-lisboa/?lang=pt-pt>
- Colectivo Warehouse. (2014). Cozinha Comunitária das Terras da Costa [Almada]. *Colectivo Warehouse*. <http://warehouse.pt/projectos/cozinha-comunitaria-das-terras-da-costa-almada/?lang=pt-pt>
- Colectivo Warehouse. (2015, maio 19). Sopa da Pedra [Porto]. *Colectivo Warehouse*. <http://warehouse.pt/projectos/sopa-da-pedra-porto/?lang=pt-pt>
- Colectivo Warehouse. (2019, março 1). LUCity! [Vila Nova de Famalicão]. *Colectivo Warehouse*. <http://warehouse.pt/projectos/lucity-vila-nova-de-famalicao/?lang=pt-pt>
- Coletivo 624. (2023, abril 16). *Coletivo 624 (@coletivo624) • fotos e vídeos do Instagram*. <https://www.instagram.com/coletivo624/>
- Collectif Etc. (2018). *Cinema Trafaria | Collectif Etc, suporte para experimentos*. <http://www.collectifetc.com/>

[realisation/cinemar-trafaria/](#)

- Comunidade cigana “faz magia” no bairro da Anta com a ajuda da UA. (2023, fevereiro 12). *Universidade de Aveiro*. <https://www.ua.pt/pt/noticias/9/79925>
- Construclab. (2013). Casa do Vapor. *Constructlab*. <https://constructlab.net/projects/casa-do-vapor/>
- Construclab. (2016). *Hallo: Plataforma Trafaria*. <https://constructlab.net/projects/hallo-plataforma-trafaria/>
- Creighton, J. L. (2005). *The public participation handbook: Making better decisions through citizen involvement*. Jossey-Bass. <https://smartnet.niua.org/sites/default/files/resources/Public%20Participation%20Handbook.pdf>
- Critical Concrete. (2015). *Cozinha Comunitária das Terras da Costa*. <https://criticalconcrete.com/cozinha-comunitaria-das-terras-da-costa/>
- Critical Concrete. (2022, novembro 9). SUSTAINABLE PUBLIC SPACE TRANSFORMATION: A CASE STUDY IN APÚLIA. *Critical Concrete*. <https://criticalconcrete.com/case-study-in-apulia/>
- Critical Concrete. (2023, abril 18). GUERILLA GARDENING. *Critical Concrete*. <https://criticalconcrete.com/guerilla-gardening/>
- De Carlos, G. (2005). Architecture’s public. Em P. B. Jones, D. Petruscu, & J. Till, *Architecture and Participation*. (p. 3-18). Spon Press.
- De Certeau, Mi. (1998). *A invenção do cotidiano* (3º ed). Editora Vozes.
- Depiné, Á. (2020). Urbanismo DIY: Criatividade e o cidadão maker. *Medium*. <https://agathadepine.medium.com/urbanismo-diy-criatividade-e-o-cidad%C3%A3o-maker-4d70a8e73964>
- DigitalRM. (2023, abril 1). Monte Formoso com concurso “Varandas + Floridas”—Campeão das Províncias. *Campeão das Províncias - Website Campeão das Províncias*. <https://www.campeaoprovincias.pt/noticia/monte-formoso-com-concurso-varandas-floridas>
- Douglas, G. (2018). *The Help-Yourself City: Legitimacy and Inequality in DIY Urbanism*. Oxford University Press.
- DRESSING-UP THE CITY VOID (2014-2021). (2021, fevereiro 4). *Citytoolbox*. <https://www.citytoolbox.net/journal/dressing-up-the-city-void-2014-2021/>
- Duany, A. (2015). Foreword. Em M. Lydon & A. Garcia, *Tactical Urbanism Short-term Action for Long-term* (p. XI–XII). Island Press.
- EDA. (2013). Casa do Vapor. *EDA - Ensaios e Diálogos Associação*. <https://e-da.pt/portfolio/casa-do-vapor/>
- EDA. (2018). CineMar. *EDA - Ensaios e Diálogos Associação*. <https://e-da.pt/portfolio/cinemar/>
- Ellin, N. (1996). *Postmodern Urbanism*. Blackwell Publishers.
- Escobar, V. M. (1999). 1.1. ¿Pensar lo efímero? Em *Arquitectura, art i espai efímer* (1º ed). Santiago Roquetas Matias, Josep M. Fort Mir. <https://pt.scribd.com/document/467130015/Arquitectura-Arte-y-Espai-Efimer#>
- Farias, A. C. C. (2018). *Taxonomia do Urbanismo Tático [manuscrito]: Uma Proposta para Leitura, Compreensão e Articulação das Táticas Urbanas Emergentes* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV). https://issuu.com/sobreurbana/docs/taxonomia_do_urbanismo_t_tico_carol_farias
- Fernandes, F. F., Cláudia. (2016, março 31). Bairro do Leal: Um problema sem fim à vista. *JPN - JornalismoPortoNet*. <https://www.jpn.up.pt/2016/03/31/bairro-do-leal-um-problema-sem-fim-a-vista/>
- Festival dos Canais. ([s.d.]). Sala de eSTAR. *Festival dos Canais*. Recuperado 5 de junho de 2023, de <https://festivaldoscanais.pt/event/sala-de-estar/>
- Finn, D. (2014). DIY urbanism: Implications for cities. *Journal of Urbanism: International Research on Placemaking and Urban Sustainability*, 381–398. <https://doi.org/10.1080/17549175.2014.891149>
- Fontes, A. S., Pedro Lima, J., & Martins de Paiva, L. (2021). *Urbanismo Tático x Ações para transformar cidades*. Editora UFRJ.
- Gausa, M., Guallart, V., Muller, W., Morales, J., Porras, F., & Soriano, F. (2001). *Diccionario metápolis de arquitectura avanzada. Ciudad y tecnología en la sociedad de la información*. Actar. <https://pt.scribd.com/document/351603749/116578912-METAPOLIS-pdf>
- Gehl, J. (2013). *Cidades Para Pessoas*. Perspectiva.

- Gehl, J., & Gemzøe, L. (2000). *Novos espaços urbanos*. Editorial Gustavo Gili.
- Há 48 anos desvio de autocarro fez história no Monte Formoso. (2023, abril 12). Diário de Coimbra. <https://www.diariocoimbra.pt/noticia/98001>
- Hamdi, N. (2004). *Small Change: About the Art of Practice and the Limits of Planning in Cities* (1^o ed). Routledge.
- Hartley, L., Lydon, M., Budahazy, M., Monisse, N., Yee, M., Mengel, A., & Wallace, K. (2014). *Tactical Urbanism: Volume 4*. https://issuu.com/codesignstudio/docs/tacticalurbanismvol4_141020
- Harvey, D. (2014). *Cidades rebeldes: Do direito à cidade à revolução urbana*. Martins Fontes.
- Healey, P. (2003). Collaborative planning in perspective. *Planning Theory*, 2(101), 101–123. https://www.researchgate.net/publication/233869977_Collaborative_Planning_in_Perspective
- Impactplan. ([s.d.]). *O lema é Colorir a vida, levar cor aos espaços cinzentos das cidades e fazer sorrir quem por ali passa!* <https://www.impactplan.pt/pt/umbrella-sky-project/>
- Ingold, T. (2013). *Making Anthropology, Archaeology, Art and Architecture*. Routledge.
- INSTITUTO. (2021a). *Bairros Críticos. Arquitetura e Apropriação do Bairro Leal* [Plano de estudos]. <https://drive.google.com/file/d/13yHrnMY6b96uapSLUjfaQ7Tu1C7rIAc5/view?usp=sharing>
- INSTITUTO. (2023). *LEAL - Oficina de autoconstrução* [Plano de estudos]. https://drive.google.com/file/d/1-jwuj6oo_VX6vl-FnKqRwzQkFSl_Is_m/view
- INSTITUTO. (2021b). Apropriação do Bairro do Leal. *INSTITUTO*. <https://oinstituto.pt/pt/apropriacao-bairro-leal/>
- INSTITUTO. (2021c, setembro 8). (20+) *INSTITUTO - [Crítica Intermédia]* O curso “Bairros Críticos -...” | Facebook. <https://www.facebook.com/oinstituto.pt/posts/364124625439591/>
- Iserhott, H., Murphy, M., Nativ, M., & Rosewall, E. (2015). *The Guide to Depaving*.
- Isidoro, A. C. (2017). Urbanismo tático: desafios ao planeamento do território. Universidade de Aveiro. <http://hdl.handle.net/10773/21687>
- Ivenson, K. (2013). Cities within the City: Do-It-Yourself Urbanism and the Right to the City. *International Journal of Urban and Regional Research*, 37, 941–956. http://200.41.82.27/cite/media/2016/02/Iveson-K_2013_Cities-within-the-city-do-it-yourself-urbanism-and-the-right-to-the-city.pdf
- Jacobs, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*, trad. Carlos Rosa. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- Joice Biazoto, Sara Grossman, Bastian Lange, Ania Rok, Sebastian Schlueter, Agnieszka Surwillo-Hahn, Alicia Trepant-Pont / The Ouishare Team. (2023, fevereiro 16). Actors and the city—On belonging, adapting and re-centering. *Actors of Urban Change 2017-19*, 82–89. https://issuu.com/actorsofurbanchange/docs/act_magazin_digi_einzelseiten_new
- Jones, P. B., Petruscu, D., & Till, J. (2005). *Architecture and Participation*. Spon Press.
- Kronenburg, R. (2007). *Post-it City. Ciudades Ocasionales*. Laurence King Publishing.
- Lefebvre, H. (2016). *O direito à cidade*. Nebli.
- Leite, D. C. (2018). *Arquitetura efêmera—Espaço para eventos*. Faculdade de arquitetura e urbanismo de UNIVAG. <https://www.repositoriodigital.univag.com.br/index.php/arquit/article/download/369/370>
- Levitas, G. (1986). Anthropology and sociology of streets. Em S. Anderson, *On Street* (p. 225–240). The MIT Press.
- Lydon, M., Bartman, D., Garcia, T., Preston, R., & Woudstra, R. (2014). *Urbanismo Tático 2. Street Plans*. https://issuu.com/streetplanscollaborative/docs/tactical_urbanism_vol_2-portuguese
- Lydon, M., & Garcia, A. (2015). *Tactical Urbanism Short-term Action for Long-term* (3^o ed). Depave. https://www.researchgate.net/publication/303728799_Tactical_urbanism_Short-term_action_for_long-term_change
- Lynch, K. (1960). *A imagem da cidade*. Edições 70.
- Lynch, K. (1999). *A Boa Forma da Cidade*. Edições 70.
- Lynch, K. (2006). *Aspectos teóricos de referência no estudo da vida urbana*.
- Machado, J. (2022, novembro 30). *Entrevista com vereador João Machado* [Comunicação pessoal].

- Manifesto Verde. (2013, setembro 25). *Park(ing) Day*. Manifesto verde. <https://ave-ecologia.org/tag/parking-day/>
- Micro-scale Urban Regeneration. ([s.d.]). *Citytoolbox*. Recuperado 16 de fevereiro de 2023, de <https://www.citytoolbox.net/tools/micro-scale-urban-regeneration/>
- Monasterio, C. M. C. T. (2006). *O processo de projeto da arquitetura efêmera vinculada a feiras comerciais*. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo. <https://repositorioslatinoamericanos.uchile.cl/handle/2250/1315145>
- Monteiro, L. B. de F. (2019). *Urbanismo Tático e o Planejamento Urbano: Ações e reações no contexto da cidade contemporânea* [Universidade do Porto]. <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/1253/6011>
- Moreira, G. R. (2020). *Kit a Nossa Rua*. https://opad.cm-aveiro.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=28315&id=151&processoID=41
- Pallamin, V. (2000). *Obras de caráter temporário e permanente*. https://www.academia.edu/11911342/ARTE_URBANA_S%C3%A3o_Paulo_Regi%C3%A3o_Central_1945_1998_Obras_de_car%C3%A1ter_tempor%C3%A1rio_e_permanente
- Paz, D. (2008, novembro). Arquitetura efêmera ou transitória: Esboços de uma caracterização. *Vitruvius*. <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.102/97>
- Perguntas e Respostas*. ([s.d.]). Recuperado 27 de junho de 2023, de <https://hortadabananeira.hotglue.me/>
- Praça, H., Cunha, M. Â., Rosa, J. P., Loureiro, L., & Vinagre Castro, T. (2015). *Projeto VivaCidade. Vestir os Vazios da Cidade*. https://issuu.com/4is-inovsocial/docs/publicacao_vivacidade_web_hr
- Pradifita, F. S., Puspitasari, G., Indratno, I., & Fadhillah, F. (2021). The Application of Tactical Urbanism in Public Space on COVID-19 Transmission Prevention. *IOP Conference Series: Earth and Environmental Science*, 830(1), 012087. <https://doi.org/10.1088/1755-1315/830/1/012087>
- Processo de Participação. (2014, junho 16). *VivaCidade Aveiro*. <https://vivacidadeaveiro.wordpress.com/acoes/Programa>. ([s.d.]). aveiro. Recuperado 28 de junho de 2023, de <https://vivobairro.wixsite.com/aveiro/programa>
- Programming NYC Public Space | Street Lab*. ([s.d.]). Recuperado 19 de junho de 2023, de <https://www.streetlab.org/programming-nyc-public-space/>
- PROSAICO colectivo. (2013, setembro 16). *RU+A 15 de Setembro* [Facebook]. <https://www.facebook.com/prosaico colectivo/photos/a.181236302049440/197497410423329>
- Querrien, A. (2005). How inhabitants can become collective developers: France 1968-2000. Em P. B. Jones, D. Petruscu, & J. Till, *Architecture and Participation*. (p. 111-120). Spon Press.
- Ratti, C., & Claudel, M. (2016). *The City of Tomorrow. Sensors, Networks, Hackers, and The Future of Urban Life*. Yale University Press. https://www.researchgate.net/publication/313400438_The_city_of_tomorrow_Sensors_networks_hackers_and_the_future_of_urban_life
- read0 95, Y. M. A. 3 min. (2016, dezembro 16). *Ciclovía, 42 Años de Bogotánidad*. Voz Real Radio. <https://www.vozreal.com/ciclovía-42-anos-de-bogotánidad/>
- Rita Pereira, A. (2020). *AVEIRO PARKLET - uma micro-praça em cada rua*. https://opad.cm-aveiro.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=28315&id=145&processoID=41
- Rodrigues, D. A. P. de O. M. (2022). *Aprendizagens em Arquitetura: Trabalhar em colectivo(s) Reflexões e investigações em torno da prática e ação*. 277–299. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/145101>
- Sansão Fontes, A. (2011). *Intervenções temporárias, marcas permanentes: A amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades*. UFRJ / FAU. https://www.researchgate.net/publication/275993114_Intervencoes_temporarias_e_marcas_permanentes_na_cidade_contemporanea
- Sassen, S. (2014). Complex and incomplete. Spaces for tactical urbanism. Em P. Gadanho, *Uneven growth: Tactical urbanisms for expanding megacities* (p. 40–47). MoMA. <https://www.moma.org/d/pdfs/>
- Silvano, F. (2017). *Antropoliga do espaço*. Documenta.
- Till, J. (2005). The negotiation of hope. Em P. B. Jones, D. Petruscu, & J. Till, *Architecture and Participation*. (p. 19-41). Spon Press

ÍNDICE DE FIGURAS

- Figura 1.** Ilustração que destaca a presença das pessoas no espaço público. Ilustração pela autora, 2022 p. 18
- Figura 2.** Ilustração que destaca a presença das pessoas no espaço público. Ilustração pela autora, 2022 p. 20
- Figura 3.** Esquema representando o método utilizado a dissertação. Elaborado pela autora, 2023p. 24
- Figura 4.** Ilustração que demonstra várias dinâmicas no processo de cocriação, Ilustração por Johanna Walderdorff, 2019. Retirada de *Actor of Change 2017-19*, de Biazoto, J et al, 2022, MitOst e.v. , p.16, acessado em julho de 2023, em https://issuu.com/actorsofurbanchange/docs/act_magazin_digi_einzelseiten_new p. 29
- Figura 5.** Degraus de envolvimento das pessoas em projeto proposto por Arnstein. Tabela adaptada de “A Ladder of Citizen Participation Arnstein”, por S.R. Arnstein, 1969, *Journal of the American Planning Association*. Elaborado pela autora, 2023.....p. 34
- Figura 6.** Ilustração sobre como aplicar Urbanismo Tático. Ilustração pela autora, 2023.....p. 46
- Figura 7.** Figura 2. Pavilhão do Brasil. Osaka, feito Paulo Mendes da Rocha em 1970. Retirado de Folha de S. Paulo, 2018, acessado em Julho de 2023, em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/10/exposicao-recupera-historia-de-predio-demolido-de-paulo-mendes-da-rocha.shtml>p. 50
- Figura 8.** Palácio de Cristal. Londres, feito por Joseph Paxton em 1851, desenho feito pelos Irmãos Dickinson em 1851. Retirado de Blog da Arquitetura, acessado em Julho de 2023, em <https://blogdaarquitetura.com/joseph-paxton-e-arquitetura-efemera-do-palacio-de-cristal/>p. 50
- Figura 9.** Foto do Umbrella Sky Project em rua de Águeda, Portugal. Retirado de More Sports.More Architecture, acessado em Julho de 2023, em <https://moresports.network/umbrella-sky-project/?lang=en> p . 52
- Figura 10.** Gravura representando Les Bouquinistes antigamente nas ruas de Paris, França, por Marlet, J.H. em 1821. Retirado de Wikipedia, acessado em Julho de 2023, em <https://en.wikipedia.org/wiki/Bouquinistes> p. 54
- Figura 11.** Foto de Les Bouquinistes atualmente nas ruas de Paris, França por Traub, C. Retirado de Paris Unlocked, acessado em Julho de 2023, em <https://www.parisunlocked.com/shopping-in-paris/bouquinistes-paris-traditional-booksellers-on-the-seine/>p. 54
- Figura 12.** Meninos jogando *stickball* em intervenção da *Play Street*. NYPD Collection, NYC Municipal, 1916. Retirado de NYC Department of Records & Informations Services Coleção NYPD, acessado em Julho de 2023, em <https://www.archives.nyc/blog/2018/6/21/summer-in-the-city>p. 56
- Figura 13.** Crianças brincando numa intervenção de *Play Street* nas ruas de Jennings St, Bronx, NY. Street Lab, 2020. Retirado de StreetLab, acessado em Julho de 2023, em <https://www.streetlab.org/circuit/playstreets/> p. 56
- Figura 14.** Inauguração de *la Ciclovía* em Bogotá em 1974. Colômbia, s.a., 1974. Retirado por Marcos O. Costa, acessado em Julho de 2023, em <https://favelissues.com/2014/05/25/the-bicycle-uprising-in-cities/>...p. 56
- Figura 15.** *La Ciclovía* na atualidade em Bogotá, Colômbia. s.a., 2021. Retirado de Mobile Lives Forum, acessado em Julho de 2023, em <https://forumviesmobiles.org/en/project/15582/emblematic-model-car-free-day-bogotas-ciclovíaCritical>.....p. 56
- Figura 16.** Liz Christy numa das iniciativas de *urban guerilla gardening*. Clarity, J., 1970. Retirado de Critical Concrete, acessado em Julho de 2023, em <https://criticalconcrete.com/guerilla-gardening/>.....p. 58
- Figura 17.** Ilustração do Rio de Janeiro com todas as propostas do ‘*Varanda Products*’. Architectos, MAS Urban Design, ETH Zurich, 2014. “Uneven Growth: Tactical Urbanism for Expanding Megacities - Rio de Janeiro”. Retirada de Arquitetura Viva, acessado julho de 2023, em <https://arquiteturaviva.com/works/moma-uneven-growth-rua-architectos-mas-urban-design-eth-zurich-1>p. 60
- Figura 18.** Esquema de ações táticas mais comuns em casa continente (Pradifta et al, 2021). Retirado de “Tactical urbanism issue of concerns on COVID-19 prevention”, de F.S. Pradifta et al, 2021, *IOP Conference Series: Earth and Environmental Science*, p. 8, acessado em julho de 2023, em <https://iopscience.iop.org/article/10.1088/1755-1315/830/1/012087/pdf>p. 60
- Figura 19.** Esquema das características do Urbanismo Tático. Elaborado pela autora, 2023.p. 62
- Figura 20.** ‘Sopa da Pedra’. Oficina aberta para construção do equipamento. Retirado de Sopa da Pedra em *Colectivo Warehouse*, 2015, acessado em julho de 2023, em <http://warehouse.pt/projectos/sopa-da-pedra-porto/?lang=pt-pt>.....p. 64

- Figura 21.** ‘Sopa da Pedra’. As pessoas a conviverem no novo equipamento. Retirado de Sopa da Pedra em *Colectivo Warehouse*, 2015, acessido em julho de 2023, em <http://warehouse.pt/projectos/sopa-da-pedra-porto/?lang=pt-pt>.....p. 64
- Figura 22.** ‘Horta da bananeira’. Encosta do terreno. Fotografia de Nuno Morão, 2010, “Urbano 15518”. Retirada de *Critical Concrete*, s.d, acessido em julho de 2023, em <https://criticalconcrete.com/guerilla-gardening/> p. 64
- Figura 23.** ‘Horta da bananeira’. Horta plantada no terreno. Retirada de *Critical Concrete*, s.d, acessido em julho de 2023, em <https://criticalconcrete.com/guerilla-gardening/>p. 64
- Figura 24.** ‘Kit A Nossa Rua’. A rua fechada para as crianças brincar com o “kit”. s.a, 2021. Retirada da página do Facebook Kit A Nossa Rua, 2021, acessido em julho de 2023, em <https://www.facebook.com/kitanossarua/photos/pb.100046245673546.-2207520000./409788400838191/?type=3>66
- Figura 25.** ‘Kit A Nossa Rua’. As crianças a brincarem o “kit”. s.a., 2021. Retirada da página do Facebook Kit A Nossa Rua, 2021, acessido em julho de 2023, em <https://www.facebook.com/kitanossarua/photos/pb.100046245673546.-2207520000./409788350838196/?type=3>p. 66
- Figura 26.** ‘PLAYStreet’. A rua transformada em espaço de brincar para as crianças. s.a. 2021. Retirado de Lisboa para Pessoas, acessido em Julho de 2023, em <https://lisboaparapessoas.pt/2021/10/03/bricape-playstreet-lisboa-penha-de-franca/>.....p. 68
- Figura 27.** ‘PLAYStreet’. A rua transformada em espaço de brincar para as crianças. s.a. 2021. Retirado de Lisboa para Pessoas, acessido em Julho de 2023, em <https://lisboaparapessoas.pt/2021/10/03/bricape-playstreet-lisboa-penha-de-franca/>.....p. 68
- Figura 28.** ‘Regolfo’. Os equipamentos da intervenção em construção. Vasconcelos, M., 2022. Retirado de Regolfo em *Colectivo Til*, 2022, acessido em julho de 2023, em <https://www.otil.pt/c%C3%B3pia-engenhoca> p. 68
- Figura 29.** ‘Regolfo’. Os equipamentos instalados no rio. Vasconcelos, M., 2022. Retirado de Regolfo em *Colectivo Til*, 2022, acessido em julho de 2023, em <https://www.otil.pt/c%C3%B3pia-engenhocal>p. 68
- Figura 30.** ‘Oficina (in)comum’. Construção em conjunto com a comunidade. Atelier SOMA, 2021. Retirada de Oficina (in)comum em Atelier SOMA, 2021, acessido em julho de 2023, em <https://www.asoma.pt/pro3.html>p. 70
- Figura 31.** ‘Oficina (in)comum’. Um dos equipamentos cosntruídos no bairro. Atelier SOMA, 2021. Retirada de Oficina (in)comum em Atelier SOMA, 2021, acessido em julho de 2023, em <https://www.asoma.pt/pro3.html>p. 70
- Figura 32.** Intervenção na Av. Madame Curie do programa ‘A Rua é Sua’. Espaço antes da intervenção. s.a, s.d. Retirada de Av. Madame Curie em *Lisboa*, s.d, acessido em julho de 2023, em https://www.lisboa.pt/a-rua-e-sua/detalhe?tx_mapageral_pi1%5Baction%5D=show&tx_mapageral_pi1%5Bcontroller%5D=Mapa&tx_mapageral_pi1%5Bmapa%5D=139&cHash=8a40c234cdf6d20d66f00179f1cbafaap. 70
- Figura33.** Intervenção na Av. Madame Curie do programa ‘A Rua é Sua’. Ação instalada no espaço e em uso pelas pessoas. s.a., 2021. Retirada de Av. Madame Curie em Lisboa, s.d, acessido em julho de 2023, em https://www.lisboa.pt/a-rua-e-sua/detalhe?tx_mapageral_pi1%5Baction%5D=show&tx_mapageral_pi1%5Bcontroller%5D=Mapa&tx_mapageral_pi1%5Bmapa%5D=139&cHash=8a40c234cdf6d20d66f00179f1cbafaa p. 70
- Figura 38.** 1ª ação do *Park(ing) Day*. Intervenção feita por Rebar em São Francisco. s.a., 2005. Retirada de a brief history of park(ing) day em *Bloomberg*, 2005, acessido em julho de 2023, em <https://www.bloomberg.com/news/articles/2017-09-15/a-brief-history-of-park-ing-day>p. 72
- Figura 39.** *Park(ing) Day* realizado por Associação Vimaranesse para a Ecologia. Essa intervenção ocorreu em 25 de setembro de 2012. Manifesto Verde, 2012. Retirada de *Manifesto Verde*, acessido em julho de 2023, em <https://ave-ecologia.org/2012/09/25/parking-day-fotos/>.....p. 72
- Figura 40.** ‘Hallo: Plataforma Trafaria’. O equipamento configurado para ver uma exibição de filme, sendo usado como lugar para sentar. s.a., 2016. Retirada de Hallo: Plataforma Trafaria em *Constructlab*, 2016, acessido em julho de 2023, em <https://constructlab.net/projects/hallo-plataforma-trafaria/>.....p. 72
- Figura 41.** ‘Hallo: Plataforma Trafaria’. O equipamento sendo usado como espaço de comer. s.a., 2016. Retirada de Hallo: Plataforma Trafaria em *Constructlab*, 2016, acessido em Julho de 2023, em <https://constructlab.net/projects/hallo-plataforma-trafaria/>.....p. 72
- Figura 42.** ‘Oficina ambulante’. A oficina em movimento pela cidade. colectivofebre, 2022. Retirada da página de Instagram Colectivo Febre (@colectivofebre), 2022, acessido em Julho de 2023, em https://www.instagram.com/p/CgflZzMMC03/?img_index=1p. 72
- Figura 43.** ‘Oficina ambulante’. A oficina estacionada fazendo reparo em objetos. colectivofebre, 2022. Retirada da página de Instagram *Colectivo Febre (@colectivofebre)*, 2022, acessido em Julho de 2023, em <https://>

- www.instagram.com/p/CgflZzMMC03/?img_index=1p. 72
- Figura 44.** ‘MAPAS’. O equipamento estacionado na rua para servir de palco. Francisco, I., 2020. Retirada de “MAPAS” em *Colectivo Til*, 2020, acessado em Julho de 2023, em <https://www.otil.pt/mapas>p. 72
- Figura 45.** ‘MAPAS’. O equipamento estacionado numa praça para servir de palco. Francisco, I., 2020. Retirada de “MAPAS” em *Colectivo Til*, 2020, acessado em Julho de 2023, em <https://www.otil.pt/mapas>p. 72
- Figura 46.** ‘sParqs’. Mostra uma das vagas ocupadas no período da pandemia. CLM, 2021. Retirada de “Parklets e esplanadas pós-covid: em vez de carros, lugar para as pessoas” em *Mensagem de Lisboa*, 2021, acessado em Julho de 2023, em <https://amensagem.pt/2021/06/19/parklets-esplanadas-lugar-carros/>p. 74
- Figura 47.** ‘sParqs’. Mostra um dos novos espaços de estar com pessoas. s.a, 2021. Retirada de “Parklets e esplanadas pós-covid: em vez de carros, lugar para as pessoas” em *Mensagem de Lisboa*, 2021, acessado em Julho de 2023, em <https://amensagem.pt/2021/06/19/parklets-esplanadas-lugar-carros/>p. 74
- Figura 48.** ‘Jardim Cívico 1.0’. Vão entre os dois edifícios com mobiliário de estar. Nunkachov, S., 2018. Retirada de “Jardim Cívico 1.0” em *Colectivo Til*, 2018, acessado em Julho de 2023, em <https://www.otil.pt/jardim-civico-1-0>p. 76
- Figura 49.** ‘Jardim Cívico 2.0’. Vão entre os dois edifícios com mobiliário novos instalados. *Colectivo Til*, 2019. Retirada de “Jardim Cívico 2.0” em *Colectivo Til*, 2018, acessado em Julho de 2023, em <https://www.otil.pt/jardim-civico-2-0>p. 76
- Figura 50.** ‘Cantinho da Alçada’. Espaço contruído. *Colectivo Till*, 2019. Retirada de “Cantinho de Alçada” em *Colectivo Til*, 2019, acessado em Julho de 2023, em <https://www.otil.pt/cantinho-do-al%C3%A7ada?lang=en>p. 78
- Figura 51.** ‘Cantinho da Alçada’. Tática de adventure playground. *Colectivo Till*, 2019. Retirada de “Cantinho de Alçada” em *Colectivo Til*, 2019, acessado em Julho de 2023, em <https://www.otil.pt/cantinho-do-al%C3%A7ada?lang=en>p. 78
- Figura 52.** ‘Play-LX’. Mostra a instalação do baloiço. *Colectivo Warehouse*, 2013. Retirada de “Play-LX” em *Colectivo Warehouse*, 2013, acessado em Julho de 2023, em <http://warehouse.pt/projectos/play-lx-lisboa/?lang=pt-pt>p. 80
- Figura 53.** ‘Play-LX’. Pessoas do bairro a utilizar a mesa de tabuleiro. *Colectivo Warehouse*, 2013. Retirada de “Play-LX” em *Colectivo Warehouse*, 2013, acessado em Julho de 2023, em <http://warehouse.pt/projectos/play-lx-lisboa/?lang=pt-pt>p. 80
- Figura 54.** ‘Escada para o pôr-do-sol’. Mostra a localização da peça no espaço. *Coletivo624*, 2023. Retirada da página do Instagram *Colectivo 624 (@colectivo624)*, 2023, acessado em Julho de 2023, em https://www.instagram.com/p/CrOh303sii6/?img_index=1p. 80
- Figura 55.** ‘Escada para o pôr-do-sol’. A escada em uso. *Coletivo624*, 2023. Retirada da página do Instagram *Colectivo 624 (@colectivo624)*, 2023, acessado em Julho de 2023, em https://www.instagram.com/p/CrOh303sii6/?img_index=1p. 80
- Figura 56.** ‘Isto é uma praça!’. Mostra a localização da peça no espaço. *Isto é uma Praça*, 2012. Retirada página do *Facebook Isto É uma Praça*, 2012, acessado em Julho de 2023, em <https://www.facebook.com/IstoEumaPraça/photos/pb.100068391528429.-2207520000./171435682992883/?type=3>p. 80
- Figura 57.** ‘Isto é uma praça!’. A peça em uso. *Isto é uma Praça*, 2014. Retirada página do *Facebook Isto É uma Praça*, 2012, acessado em Julho de 2023, em <https://www.facebook.com/IstoEumaPraça/photos/pb.100068391528429.-2207520000./417240411745741/?type=3>p. 80
- Figura 58.** ‘Sê bairrista’. Axonometria das intervenções. *Rés do Chão*, 2019. Retirada de *Sê bairrista* em *Rés de Chão*, 2019, acessado em Julho de 2023, em <https://resdochao.org/Parque-Infantil>p. 82
- Figura 59.** ‘Sê bairrista’. Parque infantil. *Rés do Chão*, 2021. Retirada de *Sê bairrista* em *Rés de Chão*, 2019, acessado em Julho de 2023, em <https://resdochao.org/Se-bairrista>p. 82
- Figura 60.** ‘Paragem de autocarro’. Uma das paragens instaladas em uso. *ZÁS Colectivo*, 2022. Retirada do arquivo de fotografia do *ZÁS Colectivo*p. 82
- Figura 61.** ‘Paragem de autocarro’. Mapa dos pontos de intervenção realizado em Coimbra. *ZÁS Colectivo*, 2022. Retirada do arquivo de fotografia do *ZÁS Colectivo*p. 82
- Figura 62.** Esquema do Espectro do Urbanismo Tático. Elaborado pela autora, 2022. (adaptado Lydon, 2012, p. 7)p. 84
- Figura 63.** ‘Guerrilha bike activism’, pista marcada no chão. *BikeSydney*, 2015. Retirada de “Bike activists take guerilla action by painting ‘unsafe cycle lane’ on Sydney roads” em *The Sydney Morning Herald*, 2015, acessado

- em Juho de 2023, em <https://www.smh.com.au/national/nsw/bike-activists-go-guerilla-painting-unsafe-cycle-lane-on-sydney-roads-20150618-ghqtue.html>p. 84
- Figura 64.** ‘Guerrilha bike ativism’, pista marcada no chão em uso. Quick, D., 2015. Retirada de “Bike activists take guerilla action by painting ‘unsafe cycle lane’ on Sydney roads” em *The Sydney Morning Herald*, 2015, acessido em Juho de 2023, em <https://www.smh.com.au/national/nsw/bike-activists-go-guerilla-painting-unsafe-cycle-lane-on-sydney-roads-20150618-ghqtue.html>.....p. 84
- Figura 65.** ‘Depave’ no Oliver Middle School, Portland, OR. O pavimento em concreto da escola. s.a., 2021. Retirada de “Oliver Middle School” em *Depave*, 2021, acessido em Julho de 2023, em <https://depave.org/44370-2/>.....p. 84
- Figura 66.** ‘Depave’ no Oliver Middle School, Portland, OR. O pavimento transformado. s.a., 2021. Retirada de “Oliver Middle School” em *Depave*, 2021, acessido em Julho de 2023, em <https://depave.org/44370-2/p> . p. 84
- Figura 67.** ‘Aveiro Parklet - Uma micro praça em cada Rua’, a parklet instalada. Aveiro Parklet - Uma Micro Praça em cada Rua, 2021. Retirada da página do Facebook *Aveiro Parklet - Uma micro praça em cada Rua*, 2021, acessido em Julho de 2023, em <https://www.facebook.com/AveiroParkletOPAD/photos/pb.100071103843758.-2207520000./355792299571405/?type=3>p. 86
- Figura 68.** ‘Aveiro Parklet - Uma micro praça em cada Rua’, a parklet em uso. Aveiro Parklet - Uma Micro Praça em cada Rua, 2021. Retirada da página do Facebook *Aveiro Parklet - Uma micro praça em cada Rua*, 2021, acessido em Julho de 2023, em <https://www.facebook.com/AveiroParkletOPAD/photos/pb.100071103843758.-2207520000./355792299571405/?type=3>.....p. 86
- Figura 69.** ‘Área Pedonais Temporária’, Torga, M., 2020. Retirada de “Zonas pedonais no centro do Porto regressam este fim de semana com alguns melhoramentos” em Porto., 2020, acessido em Julho de 2023, em <https://www.porto.pt/pt/noticia/zonas-pedonais-no-centro-do-porto-regressam-este-fim-de-semana-com-alguns-melhoramentos>p. 86
- Figura 70.** ‘Área Pedonais Temporária’, Torga, M., 2020. Retirada de “Zonas pedonais no centro do Porto regressam este fim de semana com alguns melhoramentos” em Porto., 2020, acessido em Julho de 2023, em <https://www.porto.pt/pt/noticia/zonas-pedonais-no-centro-do-porto-regressam-este-fim-de-semana-com-alguns-melhoramentos>p. 86
- Figura 71.** Pintura do Muro do Bairro. Pessoas a finalizar a pintura. José Carlos Mota, 2023. Retirada da página do Facebook *Urbanismo Tático*, 2023, acessido em julho de 2023, em <https://www.facebook.com/groups/urbanismotatico/>.....p. 88
- Figura 72.** Pintura do Muro do Bairro. A comunidade em frente o muro pintado. Retirado de “Comunidade cigana ‘faz magia’ no bairro da Anta com a ajuda da UA” em *Universidade de Aveiro Notícias*, 2023, acessido em Julho de 2023, em <https://www.ua.pt/pt/noticias/9/79925>p. 88
- Figura 73.** ‘Sustainable Public Space’. Estrutura 1. s.a., 2022. Retirada de “Sustainable Public Space” em *Critical Concrete*, 2022, acessido em Julho de 2023, em <https://criticalconcrete.com/case-study-in-apulia/>..... p. 90
- Figura 74.** ‘Sustainable Public Space’. Estrutura 2. s.a., 2022. Retirada de “Sustainable Public Space” em *Critical Concrete*, 2022, acessido em Julho de 2023, em <https://criticalconcrete.com/case-study-in-apulia/> p. 90
- Figura 75.** ‘Sustainable Public Space’. Estrutura 3. s.a., 2022. Retirada de “Sustainable Public Space” em *Critical Concrete*, 2022, acessido em Julho de 2023, em <https://criticalconcrete.com/case-study-in-apulia/>..... p. 90
- Figura 76.** ‘Sala de eSTAR’. Pessoas a utilizar o mobiliário urbano. s.a., 2023. Retirado de “Sala de eSTAR” em *Festival dos Canais*, 2023, acessido em Julho de 2023, em <https://festivaldoscanais.pt/event/sala-de-estar/> p. 90
- Figura 77.** ‘Casa do Vapor’. Espaço transformado em uso. Colectivo EDA, 2013. Retirado de “Casa do Vapor” em *Colectivo EDA*, 2013, acessido em Julho de 2023, em <https://e-da.pt/portfolio/casa-do-vapor/>p. 92
- Figura 78.** ‘Casa do Vapor’. Crianças utilizando o espaço intervindo. Colectivo EDA, 2013. Retirado de “Casa do Vapor” em *Colectivo EDA*, 2013, acessido em Julho de 2023, em <https://e-da.pt/portfolio/casa-do-vapor/> p. 92
- Figura 79.** ‘LUCity’. Montagem do projeto. 4iS, 2019. Retirado de “LUCity” em *Colectivo Warehouse*, 2019, acessido em Julho de 2023, em <http://warehouse.pt/projects/lucity-vila-nova-de-famalicao/>p. 92
- Figura 80.** ‘LUCity’. Intervenção durante a noite. 4iS, 2019. Retirado de “LUCity” em *Colectivo Warehouse*, 2019, acessido em Julho de 2023, em <http://warehouse.pt/projects/lucity-vila-nova-de-famalicao/>p. 92
- Figura 81.** ‘Cozinha Comunitária das Terras da Costa’. Guerra, F., 2021. Retirada de “Cozinha Comunitária das Terras da Costa / ateliermob + Colectivo Warehouse” em *Archdaily*, 2021, acessido em Julho de 2023, em <https://www.archdaily.com.br/br/776053/cozinha-comunitaria-das-terras-da-costa-ateliermob-plus-projecto-warehouse>.....p. 94

- Figura 82.** ‘Cozinha Comunitária das Terras da Costa’. Pessoas reunidas utilizando o espaço intervindo. Guerra, F., 2021. Retirada de “Cozinha Comunitária das Terras da Costa / ateliermob + Colectivo Warehouse” em *Archdaily*, 2021, acessado em Julho de 2023, em <https://www.archdaily.com.br/br/776053/cozinha-comunitaria-das-terras-da-costa-ateliermob-plus-projecto-warehouse>..... **p. 94**
- Figura 83.** ‘Vivó Bairro’. Atividades do final de semana da intervenção. Vivó Bairro, 2016. Retirada da página *Facebook Vivó Bairro*, 2016, acessado em Julho de 2023, em <https://www.facebook.com/vivobairro/photos/pb.100068501276235.-2207520000./1725219711099123/?type=3>..... **p. 96**
- Figura 84.** ‘Vivó Bairro’. Espaço utilizado para a intervenção. Vivó Bairro, 2016. Retirada da página *Facebook Vivó Bairro*, 2016, acessado em Julho de 2023, em <https://www.facebook.com/vivobairro/photos/pb.100068501276235.-2207520000./1725222344432193/?type=3>..... **p. 96**
- Figura 85.** ‘Recria!’. Ação realizada na escola com as crianças. Fotografia pela autora, 2023..... **p. 98**
- Figura 86.** ‘Recria!’. Ação realizada na escola com as crianças. Fotografia pela autora, 2023..... **p. 98**
- Figura 87.** Esquema cíclico da implantação do urbanismo tático. Elaborado pela autora, 2022..... **p. 98**
- Figura 88.** Tabela de atores e suas características. Adaptado de *Urbanismo Tático x Ações para transformar cidades* (p.40-41), de Sansão et al, Editora UFRJ. Elaborado pela autora..... **p. 100**
- Figura 89.** Esquema da relação de atores e a classificação de serem ações top-down ou bottom-up. Adaptado de *Tactical Urbanism Short-term Action for Long-term* (p. 11), de Lydon et al, Island Press. Elaborado pela autora. **p. 102**
- Figura 90.** Tabela dos perfis táticos. Adaptado de “Tactical urbanism: Towards an evolutionary cities’ approach?”, de P. Silva, em *Environment and Planning B: Planning and Design*, (p. 1046). Elaborado pela autora **p. 104**
- Figura 91.** Ilustração que demonstra várias dinâmicas no processo de cocriação, s.n, Ilustrado por Johanna Walderdorff, 2019. Retirada de *Actor of Change 2017-19*, de Biazoto, J et al, 2022, MitOst e.v. , p. 81, acessado em julho de 2023, em https://issuu.com/actorsofurbanchange/docs/act_magazin_digi_einzelseiten_new **p. 111**
- Figura 92.** Esquema de análise do processo de implantação e participação. Elaborado pela autora, 2023 **p. 114**
- Figura 93.** Evento de abertura do espaço. s.a., 2015. Retirada de “Pimp the void” de *City Tool Box*, 2018, acessado em Julho de 2023, em <https://www.citytoolbox.net/lab/pimp-the-void/> **p. 118**
- Figura 94.** Mapa a escala do país apontado em laranja o distrito de Aveiro. Elaborado pela autora, 2023.**p. 119**
- Figura 95.** Mapa aproximado e marcado de laranja o lote intervindo. Printscreen Google Earth Pro, 2023, modificado pela autora..... **p. 119**
- Figura 96.** Moradores com diferente faixa etárias a montar um equipamento no workshop. Veselko, R., 2015. Retirada de “intervenção” em *VivaCidade Aveiro*, 2015, acessado em Julho de 2023, em <https://vivacidadeaveiro.wordpress.com/intervencao/>..... **p. 120**
- Figura 97.** Fotografia do pré-existente. Gallo, G., s.d. Retirado de “Proposta de intervenção” em *VivaCidade Aveiro*, 2014, acessado em Julho de 2023, em <https://vivacidadeaveiro.wordpress.com/proposta-de-intervencao/>..... **p. 120**
- Figura 98.** Equipe realizadora do projeto. Castro, T., 2018. Retirada de “Pimp the void” em *City Tool Box*, 2018, acessado em Julho de 2023, em <https://www.citytoolbox.net/lab/pimp-the-void/> **p. 122**
- Figura 99.** Esquema de análise do processo de implantação e participação do VivaCidade. Elaborado pela autora, 2023..... **p. 124**
- Figura 100.** Conversa com a comunidade num café próximo ao local do projeto. Gallo, G., 2014. Retirado de “Dressing-up the city void” em *City Tool Box*, 2014, acessado em Julho de 2023, em <https://www.citytoolbox.net/journal/dressing-up-the-city-void-2014-2021/> **p. 126**
- Figura 101.** Pré-produção do projeto. Macedo, E., 2014. Retirada de “Dressing-up the city void” em *City Tool Box*, 2014, acessado em Julho de 2023, em <https://www.citytoolbox.net/journal/dressing-up-the-city-void-2014-2021/> **p. 126**
- Figura 102.** Espaço após a 1ª manutenção. Caldera, R., 2015. Retirado de “Intervenção” em *VivaCidade Aveiro*, 2014, acessado em Julho de 2023, em <https://vivacidadeaveiro.wordpress.com/intervencao/> **p. 128**
- Figura 103.** Espaço após a 2ª manutenção. Pereira, S., 2018. Retirada de “Dressing-up the city void” em *City Tool Box*, 2014, acessado em Julho de 2023, em <https://www.citytoolbox.net/journal/dressing-up-the-city-void-2014-2021/> **p. 128**

Figura 104. Situação atual do espaço intervencionado. Fotografia da autora, 2022.....	p. 130
Figura 105. Espaço intervencionada mesmo desconfigurado em uso. Fotografia da autora, 2022.....	p. 130
Figura 106. Evento de inauguração. s.a., 2021. Retirada de “Apropriação do Bairro Leal” em <i>INSTITUTO</i> , 2021, acedido em Julho de 2023, em https://oinstituto.pt/pt/apropriacao-bairro-leal/	p. 132
Figura 107. Mapa a escala do país apontado em laranja o distrito do Porto. Elaborado pela aluna, 2023	p. 133
Figura 108. Mapa aproximada e marcado de laranja o lote intervido. Printscreen Google Earth Pro, 2023, modificado pela autora.....	p.133
Figura 109. Visita ao local de intervenção. Paulo Moreira Architecture, 2021. Retirada de “Bairro do Leal Appropriation” em <i>Paulo Moreira Architecture</i> , 2021, acedido em Julho de 2023, em https://paulomoreira.net/research/bairro-do-leal-appropriation/	p. 134
Figura 110. Fotografia da antiga comunidade do Bairro Leal. ATA Atelier, s.d. Retirada de “Bairro do Leal Appropriation” em <i>ATA Atelier</i> , 2021, acedido em Julho de 2023, em https://ata-atelier.com/wp-content/uploads/2022/03/BAIRRO_DO_LEAL_photo_by_INSTITUTO_2reduzida-1536x1024.jpg	p. 136
Figura 111. Fotografia da atual comunidade do Bairro Leal. INSTITUTO, 2021. Retirada de “Apropriação do Bairro Leal” em <i>INSTITUTO</i> , 2021, acedido em Julho de 2023, em https://oinstituto.pt/pt/apropriacao-bairro-leal	p. 136
Figura 112. Esquema de análise do processo de implantação e participação do Bairro Leal. Elaborado pela autora, 2023.....	p. 138
Figura 113. Processo de desenvolvimento da intervenção no Bairro Leal. INSTITUTO, 2021. Retirada de “Apropriação do Bairro Leal” em <i>INSTITUTO</i> , 2021, acedido em Julho de 2023, em https://oinstituto.pt/pt/apropriacao-bairro-leal	p. 140
Figura 114. Intervenção final no Bairro Leal. INSTITUTO, 2021. Retirada de “Apropriação do Bairro Leal” em <i>INSTITUTO</i> , 2021, acedido em Julho de 2023, em https://oinstituto.pt/pt/apropriacao-bairro-leal p. 140	
Figura 115. Situação atual do Bairro Leal. Fotografia da autora, 2023.....	p. 142
Figura 116. Novos equipamentos instalados pela comunidade. Paulo Moreira Architecture, 2021. Retirada de “Bairro do Leal Appropriation” em <i>Paulo Moreira Architecture</i> , 2021, acedido em Julho de 2023, em https://paulomoreira.net/research/bairro-do-leal-appropriation/	p. 142
Figura 117. Plantação feita pela comunidade. Atelier ATA, 2021. Retirada de “Bairro do Leal Appropriation” em <i>ATA Atelier</i> , 2021, acedido em Julho de 2023, em https://ata-atelier.com/wp-content/uploads/2022/03/BAIRRO_LEAL_0400-17-1-1536x381-1.png	p. 142
Figura 118. Cartaz do novo workshop ‘LEAL’ que irá ocorrer no mesmo sítio da intervenção original. Espaço de arquitetura, 2023. Retirada de “LEAL - Oficina de autoconstrução” em <i>Espaço da arquitetura</i> , 2023, acedido em Julho de 2023, em https://espacodearquitetura.com/formacoes/leal-oficina-de-autoconstrucao/ p. 144	
Figura 119. Fotografia da montagem do baloiço. ZÁS Colectivo. 2023	p. 146
Figura 120. Mapa a escala do país apontado em laranja o distrito de Coimbra. Elaborado pela autora, 2023.	p. 147
Figura 121. Mapa mais aproximado e marcado de laranja os lotes intervidos. Printscreen Google Earth Pro, 2023, modificado pela autora.	p. 147
Figura 122. Mapa das zonas trabalhadas no workshop. URBiNAT, 2023. Retirada de “HEALTHY HOME Summer School Coimbra” em <i>URBiNAT</i> (p. 5), 2023, acedido em Julho de 2023, em https://urbinat.eu/wp-content/uploads/2023/07/s_synopsis_23_1.pdf	p. 148
Figura 123. Fotografia de um jornal publicado há 48 anos atrás em Coimbra. s.a, 2023. Retirado de “Há 48 anos desvio de autocarro fez história no Monte Formoso” em <i>Diário de Coimbra</i> , 2023, acedido em Julho de 2023, em https://www.diariocoimbra.pt/noticia/98001	p. 150
Figura 124. Fotografia sobre o concurso ‘Varanda + Florida’. Fotografia de Canelas, M, 2022. Retirada de “Monte Formoso: boas ideias para semear e colher” em <i>Coimbra Colectiva</i> , 2022, acedido em Julho de 2023, em https://coimbracolectiva.pt/historias/temas/ambiente/monte-formoso-boas-ideias-para-semear-e-colher/?doing_wp_cron=1690760585.2745940685272216796875	p. 152
Figura 125. Conversa entre tutores e participantes. Fotografia da autora, 2023.....	p. 152
Figura 126. Esquema de análise do processo de implantação e participação do Rega o teu bairro, elaborado	

pela autora, 2023.	p. 154
Figura 127. Primeira caminha, ZÁS Colectivo. 2023.	p. 156
Figura 128. Caminhada exploratória. Fotografia de B. Araújo, 2023.....	p. 156
Figura 129. Caminhada exploratória. Fotografia de B. Araújo, 2023.....	p. 156
Figura 130. Mapa produzido de co-diagnóstico. ZÁS colectivo, 2023.....	p. 158
Figura 131. Co-diagnóstico com mapeamento em Monte Formos. ZÁS Colectivo, 2023	p. 158
Figura 132. Co-diagnóstico com mapeamento em Monte Formos. ZÁS Colectivo, 2023	p. 158
Figura 133. Co-diagnóstico com as crinaças em Monte Formos. ZÁS Colectivo, 2023	p. 158
Figura 134. Co-implantação dos desenhos dos azulejos com as crinaças. ZÁS colectivo, 2023.....	p. 160
Figura 135. Co-implantação da placa com morador. ZÁS colectivo, 2023	p. 160
Figura 136. Co-implantação do baloiço com os moradores. ZÁS colectivo, 2023	p. 160
Figura 137. Testagem do baloiço com os moradores. ZÁS colectivo, 2023.....	p. 160
Figura 138. Instalação dos bancos. ZÁS colectivo, 2023.....	p. 160
Figura 139. Instalação dos azulejos. ZÁS colectivo, 2023.....	p. 160
Figura 140. Placa do projeto instalado na Mata de Monte Formoso. ZÁS colectivo, 2023.....	p. 162
Figura 141. Cartão postal convidando os moradores para construção da intervenção. ZÁS colectivo, 2023. p. 162	
Figura 142. Baloiço montado na Mata de Monte Formoso. ZÁS colectivo, 2023.	p. 162
Figura 143. Baloiço e banco montado na Mata de Monte Formoso. ZÁS colectivo, 2023.	p. 162
Figura 144. Baloiço e banco montado no terreno ao lado do Prado de Monte Formoso. ZÁS colectivo, 2023. p. 162	
Figura 145. Baloiço sendo utilizado no terreno ao lado do Prado de Monte Formoso. ZÁS colectivo, 2023. p. 162	
Figura 146. Ilustração do ‘VivaCidade. Vestir os vazios urbanos’ destacando em laranja a intervenção. Elaborado pela autora, 2023.	p. 164
Figura 147. Ilustração da ‘Apropriação do Bairro Leal’ destacando em laranja a intervenção. Elaborado pela autora, 2023.....	p. 164
Figura 148. Ilustração do ‘Rega o teu bairro’ destacando em laranja a intervenção. Elaborado pela autora, 2023.....	p. 164
Figura 149. Tabela comparativa das características das ações estudadas. Elaborada pela autora, 2023.	p. 166
Figura 150. Tabela comparativa das característyicas entre as ações táticas estudadas. Elaborada pela autora, 2023.	p. 174
Figura 151. Projeto ‘VicaCidade’. Mural que remete ao boteco. Blog VivaCidade, 2015. Retirada de “Manutenção 1 ano depois” em <i>VivaCidade Aveiro</i> , acedido em Julho de 2023, em https://vivacidadeaveiro.wordpress.com/ manutencao-1-ano-depois/	p. 176
Figura 152. Ilustração que demonstra várias dinâmicas no processo de cocriação , s.n, Ilustrado por Johanna Walderdorff, 2019. Retirada de <i>Actor of Change 2017-19</i> , de Biazoto, J et al, 2022, MitOst e.v. , p. 81, acedido em julho de 2023, em https://issuu.com/actorsofurbanchange/docs/act_magazin_digi_einzelsei- ten_new	p. 183

ANEXOS

ANEXO 1

Entrevista com Tiago Castro sobre o projeto VivaCidade e LUCity. Realizada 13 de julho de 2022

Fernanda Catão = Por que utilizar o método participativo em intervenções temporárias no espaço urbano?

Tiago Castro = Desde o início, quisemos envolver as comunidades locais. Nós percebemos que a maioria da comunidade universitária local não vivia a cidade da mesma maneira, ou não se interessava por ela. A maior parte dos estudantes vinham estudar, depois iam embora e usavam quase exclusivamente algumas áreas da vida noturna da cidade. E, no dia a dia, as áreas de restauração, alguns espaços e pouco mais. A ideia em si era cativar a comunidade local, pois [os moradores] também viam os estudantes como um grupo à parte, do qual se beneficiavam com o arrendamento de quartos e [com] o comércio local. Mas, ao mesmo tempo, que eram um problema, por fazerem barulhos à noite. A ideia era, de fato, trazer as duas comunidades juntas.

Nós sempre tivemos uma preocupação com o espaço público, porque era onde a gente gostava de estar. Isso também se aliou com o fato de nós virmos da área do teatro e já fazermos trabalhos de rua. E, ao mesmo tempo, eu já estava envolvido, pois fiz um mestrado de planejamento urbano e, naturalmente, com as questões da regeneração urbana. Através da cultura, o espaço público é um espaço privilegiado para mobilizar a comunidade, para apresentar à comunidade diferentes formas artísticas e culturais. E o espaço comum é o espaço de todos. O privado é o privado, é a casa de cada um, e aqui esse espaço é de todos, é onde a gente pode de fato considerar o ponto de encontro de socialização, o ponto de reivindicação coletivo.

Obviamente, com a componente artística e cultural que já trazíamos, e como gostaríamos também de transformar esses espaços que já havíamos cruzado, esses espaços abandonados, iríamos de fato instigar a comunidade em conjunto com artistas locais e nacionais para a sua transformação. É nessa ideia que nasce o projeto. Já estamos envolvidos no projeto *Density Universities*, um projeto da cidade campus universitário em que estávamos a colaborar com a Câmara. E depois na Câmara falamos dessa oportunidade de fazer as candidaturas ao *Acts Urban Change*, e aí nós já tínhamos previamente identificado vazios urbanos. Nós já vínhamos com essa ideia de fazer uma instalação temporária, por que na altura, em 2012, se começava a fazer isso. Nós também ficamos inspirados com a Capital Europeia da Cultura, em Guimarães,

onde também se transformou uma praça com essas formas de transformação¹. Ao mesmo tempo, começamos a ver alguns projetos em outras cidades europeias e fora da Europa. Foi uma coisa mais ou menos orgânica, natural, à medida que nós fomos indo de encontro às coisas e vimos que também gostaríamos de fazer esse tipo de coisas.

A importância de envolver a comunidade nisso é que nós nunca imaginamos uma coisa. Quando alguém conversaria com um artista para fazer uma instalação? E ele o faz? Outra coisa é quando envolve essa comunidade. E na comunidade, primeiro, vai escutar para ver quais são suas necessidades e as expectativas das pessoas em relação à zona que elas vivem, seja bairro, seja a rua, seja a cidade, seja aldeia. Depois ajudam-te a identificar quais são os pontos negros das cidades, dos sítios que estão mais em desuso, que são mais perigosos, que necessitam de fato, onde as pessoas não gostam de ir. Tenham receio de ir para esses sítios ou não os utilizam ou fazem deles uma lixeira.

Nós achamos que envolver as pessoas é a melhor forma delas passarem a sentir que aquele espaço é mais delas. Há uma lógica de apropriação e de sentimento de pertença a esse espaço, mas também é uma questão de respeito a partir do momento que participa dessa transformação. Vai criar uma relação muito mais próxima e muito mais profunda com esse mesmo espaço e, ao mesmo tempo, torna-se mais seguro até do ponto de vista de degradação, porque depois as pessoas vão dizer, “fomos nós que construímos isso coletivamente, portanto não vamos deixar isso degradar-se”. Portanto são essas coisas todas ligadas. Mais uma vez, o teatro é inspirador, porque é um trabalho de equipa, é uma construção coletiva e cada um tem seu papel, não isoladamente. E depois de tudo, é construído coletivamente. É o ideal que vivíamos na base do teatro amador e universitário, onde toda a gente fazia tudo e é nesse sentido que a gente transporta essa forma de ser e de estar também para as práticas colaborativas muito ligadas ao coletivismo.

FC = Vocês já utilizaram métodos participativos em intervenções temporárias? Acham que há diferença entre fazer um processo participativo num projeto a longo prazo e numa intervenção temporária?

TC = Nós, até agora, só tínhamos trabalhado precisamente em processos de participação de curto ou médio prazo. Mais recentemente, o caso do Vivacidade foi um processo mais longo, foi um projeto de duração de um ano e meio e depois se estendeu por mais um ano e meio. Mas, ao mesmo tempo, houve ali alguns hiatos de vários meses, por questões políticas e burocráticas, que nos ultrapassavam e que fizeram com que a gestão das expectativas dos

¹ Está a fazer referência ao projeto ‘Isto é uma praça!’ mencionado na página 83 deste trabalho.

participantes fosse muito difícil. Após quatro meses em silêncio, muitas pessoas desistem ou perdem à vontade, pois estão a fazer outras coisas. Mas, conseguimos sempre ir mobilizando pessoas aqui e acolá para ir fazendo as várias atividades. O importante também era a transformação do espaço, que depois passava a ser utilizado até por pessoas que nem sequer participaram. Mas foram observando que, no final, toda a gente estava satisfeita com o espaço transformado. O Vivacidade foi uma coisa mais completa, porque nós transformamos um vazio urbano num espaço público. Não foi só uma instalação artística, combinou um mural, combinou uma loja *pop-up*. E se fez mais longo, mas na prática o processo de participação teve uma série de sessões com a comunidade e que depois resultou no conjunto de oficinas para a construção. Mas isso acabou tudo por decorrer ao longo de um ano com alguns espaços.

Ultimamente, por uma questão também do nível de produção, nós temos feito processos de participação mais reduzidos, em que fazemos uma sessão de apresentação que também é, de certa forma, de mobilização da comunidade local. Novamente, por intermédio ou de uma organização cultural local parceira, ou através do próprio município, pois temos trabalhado com alguns municípios e eles mobilizam as associações culturais e essas mobilizam seus elementos. Depois, aplicamos a nossa metodologia de diagnóstico, que é um mapeamento inicial, normalmente de um dia de atividade, que depois segue-se uma sessão de *co-design* da instalação, com base nas ideias.

FC = Essa parte de diagnóstico também foi feita com a comunidade?

TC = Sim. Fazemos depois uma sessão de *co-design* entre os elementos da comunidade que podem ter feito ou não essa mesma sessão de mapeamento emocional com os artistas convidados, em que há uma troca de ideias, e depois eles vão expressando e apresentam uma proposta final em linha com o que foi recolhido na sessão diagnóstico. Depois disso, há uma oficina, ou oficinas, que são abertas à comunidade. Normalmente os artistas estão a trabalhar durante o dia todo, mas a oficina está aberta durante a parte da tarde e, ao final da tarde, que é quando as pessoas têm mais disponibilidade. Porque não tem aulas ou porque não estão a trabalhar e podem participar. Claro que é sempre uma lógica de oficina aberta, porque as pessoas não são obrigadas a trabalhar lá.

As pessoas aparecem e nós não as forçamos, às vezes temos mais participantes que em outras vezes. Tentamos sempre envolver através de identificação prévia por parte das autoridades locais. Tentamos envolver sempre, por exemplo, os jovens em situação em que não estudam e nem trabalham, porque é uma forma de desenvolverem novas competências. Nesse caso, fundamentalmente na área da construção em madeira, carpintaria e em metal, assim como algumas formações de componente mais artística.

O nosso processo funciona dessa forma, nós percebemos que era muito difícil fazer um diagnóstico muito profundo e chegamos à conclusão que quando fazíamos recolhíamos muitas informações que não eram necessárias depois na prática para a construção dessa instalação. O mais importante, de fato, era ativar e envolver as pessoas. Por isso é que depois desenvolvemos essa ferramenta de um mapeamento emocional, num formato que fosse muito simples de implementar e que fosse muito fácil de explicar. Que pudesse ser entendido por qualquer pessoa, com qualquer nível de escolaridade, em qualquer contexto social econômico.

Nós no Vivacidade, por exemplo, começamos com recolha de memórias e depois percebemos que nos centrávamos muito nas pessoas mais velhas. Já nos projetos a seguir a ideia era que conseguíamos ter uma recolha de contributos e de testemunhos de qualquer geração e que não tinham necessariamente que ser só de pessoas residentes no bairro ou na rua. Podiam ser também turistas, podiam ser pessoas de fora, e assim nesse formato, qualquer pessoa que passa por essa zona, a zona em questão, pode ter a sua opinião e todos os testemunhos são válidos. Basicamente é o que a gente diz, um turista pode ter uma percepção negativa ou positiva de um espaço da mesma maneira que o cidadão que vive nessa mesma zona pode ter também uma percepção positiva ou negativa de um dado espaço. Todas essas recolhas depois funcionam por camadas, ou seja, nós fomos os testemunhos todos juntos, uns em cima dos outros, e tentamos perceber se há padrões. Se há padrões de identificação de um espaço bom, de um espaço mal ou vários. Qual é o maior problema? Se o maior problema é insegurança, se o maior problema é sujidade, se o maior problema é falta de sombra ou excesso de estacionamento, por aí fora. Em função disso, depois há uma inspiração também para trabalhar uma dada instalação artística que tem sempre um componente de imobiliário urbano, porque a ideia é precisamente fazer com que o espaço público passe a ser atrativo para as pessoas ficarem e utilizarem esse espaço.

FC = Trabalhando aqui, em território português, você sente que é bem recebido essas ações? A comunidade estranha de primeira ou abraça? Ou vai variando de acordo com a comunidade? Como é que se coloca esse método aqui em Portugal?

TC = Houve sempre grande receptividade em todos os projetos que fizemos. As pessoas ficaram sempre muito gratas pela transformação. Como trabalhamos sempre em espaços que são, de partida, mal vistos pelas pessoas por estarem abandonados, sujos, degradados, e como há uma limpeza desse espaço e há um arranjo, e há um embelezamento também, depois passa a ter uma função, ao mesmo tempo.

Portanto, há sempre uma melhoria e nesse sentido há sempre uma grande receptividade. Tomara nós que pudéssemos estar a fazer isso muitas vezes e até em outras escalas, mas

pronto. Isso também parte muito dos municípios e das organizações, porque são eles que têm o poder de decisão sobre o espaço público e todo o enquadramento legal de utilização. A utilização do espaço público é gerida pelos municípios, por isso, mesmo que estejamos a trabalhar para uma outra organização temos sempre que pedir autorização.

A questão de serem intervenções temporárias tem dois propósitos. A intervenção temporária facilita-nos, porque a obra pesada de projeto implica muito tempo e nós queremos fazer uma coisa rápida, que envolva a comunidade. Normalmente, a obra pesada nunca envolve a comunidade e segue uma série de parâmetros e regras de regulamentos urbanísticos muito difíceis de ultrapassar. A legislação é pesada. A legislação é muito fechada, as próprias câmaras não têm como contornar isso.

Depois, a intervenção temporária também tem um carácter de protótipo. A ideia é experimentar um tipo de mobiliário diferente, ou mesmo convencional, aquilo que a gente conhece e que normalmente é colocado no espaço público. Isto permite-nos essa plasticidade. Esta flexibilidade nos permite fazer muitas coisas, ao ponto de se houver uma instalação artística que não vá de encontro do que o executivo camarário pretendia, ou que até a população depois conteste, é facilmente removida.

E outra coisa, acaba por ser temporária, numa lógica de que [a instalação] termina. Isso quer dizer que estamos a retirar, ao mesmo tempo, a responsabilidade de um município de intervir nesse mesmo espaço de outra forma. Aquilo é, no fundo, demonstrar que aquele espaço pode ser muito melhor e uma forma de acionar uma comunidade para transformar esse espaço. Ao mesmo tempo, criando um bocadinho de consciencialização sobre as questões urbanas e sobre o espaço público e as envolvendo ao mesmo tempo, sempre discutindo soluções, porque depois, em conversa, acabam sempre a ver parte das pessoas dizerem: “Ah! mas aqui era importante era fazermos o Jardim? É sério, devia ter sombra, devia ter água para os miúdos, devia ter um parque infantil, devia ter também estacionamento para as pessoas com mobilidade reduzida, devia ter uma ciclovia”. Ou seja, há uma imensidão de coisas que as pessoas querem, mas que, muitas das vezes, os decisores políticos, não.

E nesse sentido é que nós optamos também pelas instalações temporárias, até porque, é o que a gente consegue fazer. É o que a gente consegue mobilizar num curto espaço de tempo e, obviamente, porque também há muitos mais artistas a trabalhar com esses materiais do que propriamente com betão ou com materiais mais pesados, que também exigiriam outra logística, uma outra escala de produção, inclusivamente de licenças e de projeto de pormenores que implicavam assinatura e a aprovação do município, essas coisas todas.

No caso do Vivacidade isso aconteceu, pois houve uma mudança pesada de alteração de

pavimento e a colocação de iluminação e, de fato isso atrasou muito o processo, e isso dificultou um bocadinho nossa gestão de expectativas e da energia dos participantes.

FC = Em relação ao LUCity, de Santa Maria da Feira e do Parque da Ribeira. Você comentou que antigamente vocês olhavam mais para as pessoas idosas e agora estão tentando envolver mais a comunidade jovem. No caso destes dois projetos, foi realmente a comunidade mais idosa que participou mais, que foi mais envolvida, ou vocês já tentaram aplicar essa ideia de envolver os jovens, de integrar várias faixas etárias?

TS = Já usamos. Tanto é que, quer num, quer no outro envolvemos. Por norma, os jovens e os mais velhos são os grupos mais fáceis de trabalhar, porque são os que têm mais disponibilidade, porque às vezes à tarde não tem aulas, os mais velhos já estão reformados e tem muito mais tempo. A partir daí, serão os preferenciais para trabalhar durante mais tempo. As pessoas que trabalham durante a semana saem ao fim do dia ou temos algumas sessões ao final do dia ou ao fim de semana. Depois, não podemos encher demasiado nem fazer muitas vezes, porque as pessoas também têm suas prioridades sociais, vida familiar e seus afazeres, portanto, temos sempre que gerir muito isso.

Mas já no caso do LUCity, nós já envolvemos sim, através de uma escola conseguimos envolver alunos tanto nesse da Maria da Feira, como em Famalicão, conseguimos envolver alunos das escolas locais, falando com alguns professores de algumas turmas e até depois das aulas eles foram às oficinas e participaram. Depois, pós aula, também alguns apareceram mais para tomar conta, para ter conhecimento e participarem. Alguns participaram também no processo de diagnóstico, porque estavam muito interessados naquilo. Alguns, principalmente os alunos da área artística e cultural, ficaram curiosos do processo de um apanhamento cultural através do mapeamento emocional e depois do próprio contato com artistas, principalmente no espaço comum. Mais em Famalicão, que era de uma freguesia nos arredores de Famalicão, em que há muito menos contato com artistas. Então ali se mobilizou alguns jovens, não muitos, porque também não há muitos, mas mobilizou alguns jovens.

Em Santa Maria da Feira, como já foi no centro da cidade, no mercado, foi mais fácil de mobilizar uma turma inteira a participar de um workshop específico que foi na finalização dos candelabros, dos candeeiros, num workshop dado por uma das artistas.

Por isso sim. E temos agora, também, este último que fizemos agora, o segundo projeto em Famalicão. Também conseguimos mobilizar desde miúdos, que participaram numa atividade muito específica, desde pessoas mais velhas, e ainda conseguimos mobilizar cerca de 40 pessoas no dia da inauguração.

FC = Então daria para dizer, por exemplo, que todas as faixas etárias foram incluídas, mas variou o modo como elas foram envolvidas, de acordo com a etapa?

TC = Sim, porque nós tentamos sempre. Como nós vínhamos de fora, temos sempre que ter um apoio local, portanto a responsabilidade de mobilizar os grupos participantes, a partida será sempre dos agentes locais. Às vezes não acontece tão bem e nós temos que depois safar a situação e às vezes até indo ao café local perguntar às pessoas. Como são locais pequenos, as pessoas começam a perguntar e a falar e dizem “Tens que falar com aquele” e alguém, de um dia para o outro, mobiliza um grupo de pessoas. Nem sempre é muito regular, mas nós também gostamos dessa forma meio de boca a boca para chamar pessoas para mobilizar. No caso do Vivacidade, por exemplo, foi muito mais prático, porque nós vivíamos em Aveiro, então facilmente estávamos vários dias no bairro, todas as semanas estávamos no bairro, íamos de porta em porta, íamos para os cafés.

Quando a gente vem de fora ou quando estamos a trabalhar num município que é fora da nossa zona, somos mais limitados, mas nós já percebemos que temos sempre que fazer sessão de rua, sempre que andar a calcorrear por um ou dois dias a zona em que vamos trabalhar e conversar abertamente com as pessoas, nos cafés, nas lojas, na rua. Envolver mais também as comunidades. Às vezes não funciona tão bem, quando estamos a trabalhar com a Junta da Freguesia, com a Câmara, por causa dos canais de comunicação, o modo de se comunicar. Muitas vezes as Câmaras se comunicam por e-mail ou por telefone e nós sentimos que aqui, para haver uma mobilização de maior sucesso tem que ser quase com contatos de cara a cara com as pessoas.

FC = Utilizam também redes sociais e cartazes?

TC = Usamos, mas nesse último, por exemplo, não usamos porque a comunicação estava toda nas mãos do Município e isso também foi outra coisa que notamos que nós queremos, futuramente, voltar a ser nossa, deter o poder da comunicação para mobilizar. Mas nem sempre é fácil, mesmo com esses meios, isto acontecer. Porque como viemos de fora, as pessoas locais não nos conhecem. Então vamos sempre com essa lógica de tentativa e erro. A ideia é mobilizar, principalmente se conseguirmos utilizar cinco a dez jovens e que eles comecem a partilhar no Instagram, no Tik Tok ou no que seja. O projeto facilmente se divulga entre eles, os amigos e os colegas. Divulgam muito rapidamente. Isso é uma coisa que nós ainda estamos a tentar fazê-lo de uma forma mais ágil, mas com tudo o que temos nem sempre é fácil. Mas agora também vamos ter mais elementos na equipe, a partir daí será mais fácil futuramente.

FC = No caso do LUCity foram só pessoas do espaço da cidade que fizeram parte da

intervenção? Ou também, foram incluídas pessoas visitantes no processo?

TC = Só trabalhamos com pessoas locais. Mas nós já tivemos duas situações em que fomos apresentar a nossa metodologia em outros sítios em que fizemos sessões de mapeamento emocional, ou seja, de diagnóstico com pessoas de fora, com estrangeiros ou com pessoas que não eram da cidade. Inclusive, também já fizemos isso no estrangeiro para comprovar que isso era de fato possível e de que todos os contributos são úteis. Nós podíamos fazer várias sessões de diagnóstico e ter mais e mais conteúdo, mas, como te digo, nós começamos com uma estrutura pequena do ponto de vista de implementação e de produção. Temos uma capacidade muito limitada.

Então, por isso, acabou por fazer apenas uma sessão onde, no fundo, trabalhamos apenas com uma amostra da comunidade. Nunca podemos trabalhar com toda a gente e depois não podemos obrigar as pessoas a participar, mas também podemos fazer uma sessão com duas pessoas ou com doze ou com quinze, mais do que isso já é muito. Claro que idealmente nós queremos sempre trabalhar com mais pessoas, dentro do que são os nossos limites, mesmo que muitas vezes nem sempre é possível. Nós já tivemos oficina abarrotada de gente, também tivemos oficinas em que não estava ninguém. Os artistas acabaram por trabalhar sozinhos. Mas, curiosamente, há sempre o processo de participação de certa forma linear, sendo que a participação nem sempre é linear, é mais ou menos pontual em alguns momentos, depende da situação da comunidade.

FC = Em questão de sustentabilidade nas escolhas dos materiais, por exemplo, você comentou de não utilizar materiais pesados, pois demora muito tempo. Mas a escolha de materiais é feita com algum pensamento por trás? Depois da intervenção, o que é feito com esses mobiliários? Falando do caso do LUCity.

TC = Nós conseguimos. No caso do LUCity, trabalhamos quase exclusivamente com madeira e depois alguns elementos. No caso de Famalicão, usaram-se os objetos de rolos de plástico alusivos à indústria têxtil, porque era uma instalação luminosa. E, em Santa Maria da Feira, tínhamos os candeeiros, também feitos basicamente de madeira e depois como uma espécie de um fólio prateado e dourado, que criava os elementos e a refração da luz. Os materiais foram escolhidos pelos artistas. Nós sempre dizemos que a base do material primordial é a madeira, no nosso caso. A ideia é que depois haja uma reutilização, sempre que possível, dos materiais.

Por exemplo, os candeeiros, quando foram removidos do mercado de Santa Maria da Feira, foram encaminhados para uma instituição que dá apoio a pessoas portadoras de deficiência em que, através de um conjunto de oficinas artísticas, esses candeeiros foram novamente

trabalhados por essas pessoas. Esses candeeiros, ainda hoje estão na instituição e são candeeiros que estão a ser utilizados.

No caso de Vila Nova de Famalicão, como era mobiliário urbano, eram umas cadeiras grandes, quase espreguiçadeiras. Eles gostaram tanto da instalação que eles depois levaram aquelas instalações para outras freguesias do conselho. Ou seja, imagina, a instalação esteve um mês num sítio, depois desmontaram e montaram, durante outro mês, num outro sítio. Ainda assim, eu tenho uma ideia de que algumas peças ficaram para algumas associações culturais, mas não tenho a certeza.

Mas, curiosamente, estamos agora a desenvolver um novo projeto com outros parceiros. Um projeto europeu que precisamente têm debatido a questão da sustentabilidade ambiental e da utilização de materiais e da reutilização. Ou seja, porque eles próprios davam por si a produzir demasiado, tudo o que eles produziam tornava-se lixo, então como é que eles podem reutilizar essas coisas? Até nós vamos ter essa atenção. Ou seja, a ideia é que depois a parte do mobiliário urbano é sempre reutilizável. Em Aveiro, no espaço do Vivacidade, no Largo de São Sebastião, ainda lá estão as cadeiras, ainda estão lá as mesas, ainda está o balcão e ainda são utilizados pela população. Nós deixamos de fazer a manutenção. E mais ninguém fez a manutenção e as coisas, obviamente, vão se degradando, mas isso aí a gente já não controla.

A ideia é precisamente essa, que esse material seja suficientemente robusto, mas que se ele for mantido, dure muito tempo. E a ideia é sempre essa de reutilização. Aliás isso já era o que a gente fazia no teatro, também por falta de dinheiro a gente inventava dos cenários anteriores e fazíamos cenários novos.

FC = Quais mudanças vocês perceberem no espaço durante e depois do processo? Normalmente são zonas que as pessoas não utilizam. Então no processo, quais foram os benefícios para o espaço? E, depois da intervenção, o que lá ficou? O que modificou? Virou um espaço utilizado ou ficou inativo novamente?

TC = Temos de tudo. Temos espaços que ainda hoje são utilizados e passaram a ser um ponto de encontro e de convivência e as pessoas o utilizam.

No caso do LUCity, as peças não ficaram muito tempo. Depois não houve uma nova intervenção nesse espaço. Ou seja, o propósito da instalação temporária é ser um mote para uma reflexão daquele espaço, [mas] uma renovação não aconteceu. Isso para nós é triste, porque era um dos propósitos, mas os propósitos muitas das vezes não são, não resulta nisso.

O nosso mais recente caso foi na Ecovia ciclável de pedestres de Famalicão, em que construímos uma oficina para bicicletas num viaduto que estava degradado e sujo. [Para que], a partir daí, possa ser utilizado por qualquer ciclista para reparar ou para pousar a bicicleta lá e simplesmente descansar, voltar a encher pneus, arranjar uma corrente solta ou qualquer coisa. Foi estreada há coisa de um mês, essencialmente, e ainda é muito curto para percebermos.

O espaço efetivamente, por excelência, que ainda é utilizado é o Largo de São Sebastião, criado durante o Vivacidade.

FC = O Largo de São Sebastião foi inaugurado há quanto tempo?

TC = Foi em julho de 2015. Há um [arquivo publicado] que fala do processo “DRESSING UP THE CITY VOICE” 2014/2021, isso foi pedido pelos nossos colegas que estão a gerir a plataforma. É falado um bocadinho mais do que aconteceu após. Houve uma sucessão de transformações e há fotografias mais recentes.

Havia umas pessoas mais velhas que estavam muito reticentes ao fato de estarmos a investir tanto tempo e tanta energia a reabilitar um espaço, porque eles diziam que os estudantes quando iam para a noite destruíam tudo e viravam contentores. Havia ali um porta-mupis e, semana sim semana não, partiam os vidros. Curiosamente, desde que nós fizemos a intervenção, nunca mais partiram o vidro. E não fomos nós que identificamos, foram os próprios moradores que identificaram isso. Ou seja, ao remodelar um espaço, ao limpar, ao transformá-lo não só afetou os moradores, mas as pessoas que passavam por ali, passavam a ver um espaço diferente e que de certa forma, respeitavam.

ANEXO 2

Entrevista com Tiago Antero sobre o projeto Apropriação do Bairro Leal. Realizada 11 de novembro de 2022

Fernanda Catão = Por que utilizar o método participativo em intervenções temporárias no espaço urbano?

Tiago Antero = Eu acho que é muito difícil ignorar as pessoas que estão lá no bairro quando estamos fazendo a intervenção. Quando estás a fazer esse tipo de intervenção, tem sempre uma relação com o lugar fortíssima. Não é só o espaço físico, tem que envolver as pessoas, acima de tudo. Então não consegues separar isso. Desde o início adotamos a premissa, que assumimos como importante, que é falar com as pessoas sobre o que fazia falta no bairro. Disseram-nos várias coisas, desde uma associação de moradores, um espaço de convívio para as crianças brincarem. Disseram-nos também, coisas que nós não achamos muito interessante, mas ouvimos que poderíamos transformar aquilo num parque de estacionamento. Mas escutar é sempre importante. Tinha também a questão dos gatos, por exemplo, que disseram muito que os gatos eram importantes por causa da higiene, pois acabam por evitar a proliferação de ratos e doenças. Então, no fundo, os moradores foram dando várias pistas, e sem eles nós nunca conseguiríamos fazer aquilo que fizemos. Poderíamos ter feito outras coisas, mas seriam sempre coisas menos importantes, acho que menos robustas e menos consubstanciadas, não teria tanto conteúdo.

FC = E, também, se as pessoas olharem para aquilo ali e disserem: “Imagina, isso aqui não tem nada a ver com o que eu vivo”, então ignorariam. Se um programa não fizer sentido com o local, as pessoas simplesmente não vão utilizar e vai por água abaixo o projeto.

TA = Exatamente, é um pouco isso que tu dizes, e o programa tem a ver não só com criares alguma coisa.

É essencial as pessoas se sentirem confortáveis e se sentirem bem vindas por fazer parte do projeto. Significa que o espaço fazia [de fato] parte do bairro. Estes elementos que nós utilizamos pontuavam a intervenção do bairro, como a casa dos gatos que encontramos ou o eucalipto, que crescia à medida que crescia a liberdade e que foi plantado no 25 de Abril. Mas nós poderíamos ter quase ignorado aquilo ao abrirmos o terreno. Retirarmos

aquela rede e protegemos o tronco da árvore. Ou seja, todos esses elementos estão ligados à história do bairro e eu acho que isso é bonito.

FC = Sobre a história do eucalipto, vocês já sabiam desse eucalipto ou foi a comunidade que disse?

TA = Foi a comunidade que disse. Foi um senhor, que chegou a ser presidente da associação dos moradores do bairro, na altura de 74. Ele tem uma relação muito boa com o Sr. Fernandez [arquiteto Sérgio Fernandez] e acompanhou muito do processo do projeto do bairro, que também foi um projeto participativo. Então essa questão dessa intervenção ser participativa, quer dizer, tendo em conta que estamos a lidar com um bairro cujo projeto já foi participativo, não fazia sentido também isso não acontecer. Nós temos aqui alguns eventos que organizamos no workshop, que não foi só a análise do terreno, o projeto e o evento final, teve também duas conferências associadas. A da Elisa Silva que fez um trabalho muito interessante numa favela de Caracas, e a do Alberto Pottenghi que trabalha com o Francis Kéré. [Ele] mostrou projetos de arquitetura efêmera que, no fundo, têm intenção de revitalizar bairros mais críticos. Também tivemos duas visitas, uma delas foi com o *The Worst Tours*, que fazem um tour pelo Porto e explicam como são estes tipos de habitações do período industrial do Porto [as ilhas], e como evoluíram em pleno século XX. Também tivemos uma visita do Sérgio Fernandez. Ou seja, voltando ao início da questão, convidamos Fernandez e ele fala-nos de um projeto participativo. Como nós poderíamos ignorar isso? É impossível, e nem eu acho que seja uma coisa muito produtiva ignorarmos isso, porque é uma coisa natural.

FC = Na sua opinião, quando você inclui as pessoas no processo de uma ação rápida, em que as pessoas vão vendo esses eventos acontecendo, é mais ou menos bem recebido do que outras intervenções que são mais longas e que também envolvem participações? A comunidade estranhou num primeiro momento ou logo abraçou o projeto quando foi iniciado?

TA = Difícil dar uma opinião. É difícil ter uma percepção generalizada, porque a minha experiência também é limitada. Por exemplo, antes de dizer aqui o que é a minha experiência, digo que nós fomos, eu e o Paulo Moreira, e tivemos cinco conversas no Bairro do Pinheiro Torres, que é um bairro com uma alta taxa de criminalidade ali na zona ocidental do Porto. Fomos convidados pela equipe Parágrafo, que também fez uma intervenção lá. O trabalho que eles tiveram para se integrar no bairro foi uma das ações mais difíceis que já tiveram, mesmo com muitos problemas, e chegaram a ser ameaçados. Ou seja, é uma coisa difícil. Entrar num bairro desses é capaz de ser mais complicado.

Aqui foi fácil, não existe criminalidade, na realidade, é um bairro seguro. As pessoas são muito afáveis. Existe desconfiança, porque as pessoas não sabem o que é que está a acontecer. Mas foi muito fácil. Essa questão de ser fácil ou difícil tem a ver com a criminalidade no sítio, que gera mais desconfiança e mais resistência a uma ação nova. Quando não existe [desconfiança e resistência], as pessoas também partem logo do princípio de que estais de boa-fé, que vais agir bem. Ou seja, quando você já confia, é mais facilmente conquistado, nos outros casos é mais difícil.

FC = Esse foi o primeiro projeto envolvendo a comunidade que você participou? E, se não, as outras participações também foram nesse gênero de intervenções rápidas ou eram de outras tipologias?

TA = Acho que sim, é capaz de ter sido o único. Minha tese foi sobre tipologias [de habitação] que vinham do período industrial do Porto no século XIX, especialmente, e como entravam em decadência no século XX. Peguei em três exemplos de tipologias. Analisei as três um pouco e uma delas era a Ilha, a outra a Casa Portuguesa e o Palacete. Como elas coexistiam e como elas estavam desajustadas. Ao fazer esse tipo de identificação, naquela altura, para a tese, eu falei com várias pessoas e andei a fazer um trabalho de campo nas ilhas. [Fiz um] levantamento fotográfico, falei com algumas pessoas: biógrafos, antropólogos [etc.]. Falei com muita gente e andei em muitas ilhas, não foi um trabalho de ação, foi mais de investigação. Participei de um workshop que era do LAB Social, que é um laboratório de habitação básica e social. Eles organizaram esse workshop e lá fui tutor também, o que vem muito na sequência do meu processo de investigação. Eu acho que este workshop acaba está muito ligado a essa parte. Eu diria que nunca fiz uma ação tão forte, mas o tema, o modo e os problemas habitacionais que estão aqui presentes é algo que já vou estudando há algum tempo.

FC = Na primeira fase, foi realizada uma apresentação durante uma visita ao local, e os moradores também estavam envolvidos nesse momento. Quantos moradores participaram dessa apresentação? E como foi feito o contato com eles?

TA = A apresentação foi feita de uma forma muito informal, ou seja, marcamos uma hora e fomos falando com os moradores. Alguns estiveram presentes, não foram muitos, mas também não há tantos moradores, são em número relativamente pequeno. Mas sete ou oito estiveram presentes, já não me lembro exatamente. Fizemos uma coisa informal. Uma das pessoas importantes era o Sr. Aurélio, que foi o presidente da associação do bairro, em 74, e sabe muitas histórias. Ele também acabou por ser o nosso contacto. Eu falava e marcava com ele, e dizia “vai dizendo aí aos seus amigos”. Acabaram por estar algumas pessoas, mas não muitas, e fizemos uma apresentação daquilo que estávamos a

pensar fazer, mas ainda sem uma ideia concreta.

FC = Primeiro foi o contado com o Sr. Aurélio, que, depois, chama as pessoas e junto com as pessoas participam do workshop.

TA= Não foi só o Sr. Aurélio, porque na verdade, tem aqui uma coisa interessante, eu já tinha conhecido muitos moradores do bairro antes do workshop. Porque eu vivo aqui perto e eu estaciono o carro numa garagem em que o senhor que toma conta é um antigo morador do bairro. Então a garagem é o ponto de encontro.

FC = De as todas as pessoas?

TA = Não é de todas as pessoas, mas de um grupo deles. É um grupo de senhores dentro dos seus 60 a 80 anos e que se encontram na garagem para tomar uma cerveja. Já fizeram até uma festa de aniversário. Eles estão quase todos os dias a falar na porta da garagem. Então, no início, aquilo começou com apenas um bom dia, depois foi a contar a história dele na guerra Colonial, em África, de mais mil e uma coisas, e acabamos por criar uma relação muito boa, e o senhor Aníbal é um deles. Então, havia umas seis ou sete homens, os tais senhores estavam sempre na garagem ou a porta da garagem. Então os fui conhecendo.

Fui falando com as pessoas, algumas através do Sr. Aurélio, e marquei com outras diretamente. Também falei com o atual presidente da associação de moradores.

FC = Foram essas pessoas que participaram na parte da apresentação?

TA = Sim, foram essas e, ao longo do workshop, apareceram não só essas, mas todas. Porque o bairro é pequeno, então é difícil não ter contato com toda gente. Nem que seja por curiosidade, as pessoas iam ver o que estava lá a passar. Acabamos por falar com todos. Havia uma coisa interessante também. Dos participantes, quase todos eram de arquitetura, ou estudantes ou arquitetos, mas havia uma rapariga de escultura que tinha uma abordagem muito interessante. Porque em vez de olhar para o espaço e tentar agir nele, ela pegou um gravador e andou a fazer várias entrevistas, por iniciativa própria. Depois ouvimos as gravações também, pois tinha gravação de todas as pessoas.

FC = A escolha do local de intervenção foi feita durante a caminhada junto com o *The Worst Tour* ou foi feita com outras pessoas?

TA = Não.

FC = E na escolha, teve um envolvimento também das pessoas para escolher aquele espaço?

TA = Teve, mas não foi nessa caminhada do *The Worst Tour*.

FC = No programa estava descrito que após o tour seria escolhido o espaço.

TA = Já não me lembro mais, não, mas a escolha não foi nessa caminhada do *The Worst Tour*. Essa caminhada começou no bairro e explicou a história do bairro aquela questão de ter sido o Bairro Leal, que era o senhor dono da fábrica Social, e que ali viviam os operários da fábrica. Esse tour foi mais para explicar o contexto da cidade naquela zona, como ela cresceu, o desenvolvimento urbano da cidade. A escolha do terreno foi uma coisa feita em conjunto, mas foi feita em conjunto entre tutores e participantes. Reunimos muitas vezes. O INSTITUTO também é aqui perto, ir e vir todo dia era natural. Começamos a [conversar] sobre isso. Foi decidida, [mas] não nessa tour.

FC = Então o espaço foi escolhido entre as pessoas que participaram do workshop, e os moradores só opinaram depois?

TA = Sim. Os moradores na verdade não disseram, que eu me lembre, para usar aquele espaço, mas deram a entender que precisavam de algum espaço e que havia espaços desperdiçados, incluindo aquele. Mas não disseram para usar aquele espaço mesmo. Foi uma decisão nossa.

FC = Intervir nesse espaço, que estava abandonado, foi uma ocupação de uma área privada ou pública? Passaram por algum processo burocrático para intervir nele?

TA = Foi um processo em que nós tentamos ter o apoio da Câmara e contactarmos com a intenção de intervir naquele espaço. Mas, na verdade, nunca conseguimos ter grande resposta da Câmara. O interessante disto é que nós abrimos aquela rede que limitava espaço de uma forma completamente ilegal, digamos assim. Ilegal é uma palavra forte, mas foi sem ser consentido. E o interessante é que a Câmara, depois do workshop, acabou por ir limpando o terreno. Então, quase que houve uma aprovação tácita da Câmara sem nunca nos ter comunicado isso diretamente.

FC = As aulas foram só para as pessoas que estavam participando do workshop ou também foram feitas em alguma zona do espaço? As pessoas também assistiram?

TA = Houve duas conferências, [que] foram dentro do INSTITUTO. Uma delas foi presencialmente, o Alberto Pottenghi estava no INSTITUTO a dar conferência e, depois, visitou o bairro. Foi interessante porque teve contato com o bairro também, Elisa deu a conferência on-line, mas transmitiu as experiências dela. E quanto ao Alberto, ele esteve presente também durante processo do projeto e no evento final.

FC = Nas discussões sobre o projeto, os moradores também foram envolvidos? E se sim, como observadores ou como integrantes? Eles participaram das discussões mais tarde, quando já havia maquete e elementos visuais?

TA = Participaram. O workshop se estruturou da seguinte forma. Nós tivemos, numa fase inicial, visitas, para perceber o contexto, e não só entre nós e participantes, como com o Sérgio Fernandez e com o *The Worst Tour*. Depois, fizemos um trabalho de campo para falar com as pessoas. Mas associado com um trabalho do projeto no INSTITUTO. Desenhamos, fizemos uma maquete, com discussões internas. Depois, teve uma sessão que foi feita já no Bairro Leal, em que fizemos uma apresentação dos projetos e das ideias que tínhamos. É uma espécie de ponto de situação intermédio. [Dos] convidados, um foi João Gomes, arquiteto, e a Maria Trabulo, que é uma artista que tem um trabalho sobre a comunidade e sobre questões de identidade coletiva. Também acho que é interessante não ter sempre só arquitetos nessas coisas, porque se conseguem ter outros tipos de abordagem na análise dos problemas. O próprio Sérgio Fernandez também esteve presente num ponto de situação. Ou seja, esta crítica intermédia acabou por anteceder à construção e culminar na fase de projeto. Depois, iniciou-se a construção e eu acho que mais ou menos na altura em que tivemos as duas conferências também. O evento foi o remate final. É a última coisa.

FC = Mas nessas discussões, além dos convidados, também estavam lá presentes os moradores do Bairro Leal?

TA = Estavam, nessa sessão intermédia também estavam. Mas, claro que as pessoas também têm alguma inércia. Nós tínhamos que fazer um grande esforço para puxar as pessoas, porque elas muito pouco se interessam, se calhar, por ser uma comunidade muito envelhecida. Não sei se isso também torna as pessoas menos interessadas, mas não têm vontade de estar presentes. Dizem “Ok, está tudo bem, façam o que quiserem, mas eu estou aqui no meu canto”. Por isso sim, estiveram presentes, mas foi uma sessão de algumas horas e estiveram, se calhar, uns 15 minutos.

FC = Foram lá, ouviram, mas depois foram embora.

TA = Exato, depois de ouvir foram à sua vida e nós ficamos a debater as ideias.

FC = E essas pessoas de que falou, foram as mesmas que estavam na primeira parte, quando se fez a caminhada e a apresentação?

TA = Sim, o Sr. Aurélio, aquela pessoa com mais idade. É incrível a jovialidade que ele tem, porque ele é mesmo uma pessoa com um sorriso de orelha a orelha, super feliz e com uma vontade de ajudar, de falar e de contar histórias. Por isso ele estava sempre presente.

FC = Sobre a apropriação do terreno, quando as pessoas foram envolvidas? Na limpeza? Na construção? Ou vocês fizeram a limpeza e a construção e apenas depois as pessoas utilizaram o espaço?

TA = Não, as pessoas não participaram do processo de trabalho, só utilizaram o espaço. Participaram a falar, mas não a trabalhar.

FC = Interagiram com vocês quando estavam a construir?

TA = Sim. Quem construía éramos nós, os participantes. Tivemos o apoio de um senhor que foi atrás de uma construtora que, durante três ou quatro dias, esteve a dar-lhes algum apoio, porque algumas ferramentas de construção podem ser perigosas e não devem serem manejadas por quem não está habituado. Então havia ali um apoio de uma pessoa técnica especializada nisso.

FC = Mas isso foram vocês que trouxeram?

TA = Sim.

FC = No convívio e na apresentação do projeto final, como as pessoas foram chamadas e envolvidas?

TA = Uma das coisas que nós fizemos foi desenhar um convite, entregar o convite em todas as caixas de correios das pessoas e falar com elas pessoalmente, como obviamente tentamos, mas isto era quase um gesto simbólico. Criamos esse evento, onde sabíamos que se juntasse 100 pessoas teríamos que dar comida e bebida, não é? Por isso tivemos que arranjar comida e bebida e convidar as pessoas a dizer, “olha vai haver uma churrascada, tem ali umas cervejas para beber”, e toda a gente gosta disso. Então, depois associamos a uma intervenção com um grafiteiro, que é do México e que fez uma homenagem aos gatos. Depois também gravamos um filme. Foi um evento que permitia estar ali as

pessoas, conhecendo umas às outras, os moradores em sociedade. As pessoas estavam muito felizes nesse evento. É daquelas coisas que fiquei com marcas, foi muito bom.

FC = Depois do projeto, quantas pessoas continuaram a utilizar o espaço e a fazer a sua manutenção?

TA = Logo a seguir foi interessante ver que as pessoas começaram a dar seguimento e continuidade ao projeto, porque começaram a limpar algumas zonas que não tinha ficado totalmente limpas. Inclusive descobriram uma zona de pavimento de azulejo e criaram uma espécie de um *lounge*, puseram lá umas paletes. Plantaram também algumas árvores e plantas. Uma laranjeira, por exemplo. Fizeram também alguns arranjos para poder colocar umas pedras a volta de algumas plantas e por baixo do palco, que pintaram também com vermelho, ligeiramente diferente. Quase dando continuidade àquela ideia de pintura que foi mais uma das ações do projeto, que pretendia tratar aquele espaço como uma estação do bairro, e eles continuaram esta ação, como uma cor ligeiramente diferente, o que é engraçado. Percebe-se bem qual a intervenção do nosso workshop e qual a dos moradores. Ou seja, logo a seguir houve uma continuidade dos moradores. O problema é que, com o tempo, tudo se vai deteriorando se não houver uma manutenção. Essa questão da manutenção é essencial e por isso é que os trabalhos no Bairro Leal nunca vão terminar. Durante algum tempo os próprios moradores deram manutenção, depois começou a perder esse segmento e agora está precisando de uma nova operação da nossa parte, que vai acontecer.

FC- = O projeto foi financiado pela arrecadação do workshop ou teve outras fontes de financiamento?

TA = Teve financiamento também do DGArtes.

FC = Qual o valor do financiamento?

TA = O máximo é de 5.000 euros, na altura acho que foi 3.000 euros. Também, quanto mais tu pedes, mais difícil é. Então, na altura, acho que foi 3.000 euros, Não me lembro exatamente, mas o financiamento é muito baixo, não é? Também os participantes pagaram por algo muito pequeno, não lembro exatamente quanto foi, mas foi cerca de 80 euros. Por doze participante não dava para pagar aquela quantidade de material.

FC = Então foi a junção dos dois.

TA = Foi mais de um financiamento.

FC = No financiamento, vocês já entraram com um concurso ou vocês só apresentaram a proposta e eles aceitaram?

TA = Quem tratou foi o Paulo e eu entrei depois. Tens de apresentar uma proposta, uma ideia do que queres fazer. É engraçado que a proposta que inicialmente o Paulo tinha pensado, foi muito diferente daquilo que aconteceu, portanto depois começamos a falar e começamos a pensar nos moldes e no próprio workshop, também, as coisas foram evoluindo um bocado. Então, inicialmente nem éramos para construir nada, era uma coisa diferente, mas depois teve que ser também atualizado na própria DGArtes.

FC = Na proposta.

TA = Sim. Exatamente, na proposta. A proposta após ter o financiamento aprovado, tu podes adaptar ligeiramente, mas tens que justificar, tens que fazer submeter uma alteração exatamente ao programa que a gente tem, é bem isso.

ANEXO 3

Cartaz de divulgação da caminhada exploratória realizada em Monte Formoso.

07.07.23 | 7H DA TARDE

MATA DO MONTE FORMOSO

O CONVIDAMOS
A TRAZER FOTOS
NO BAIRRO PARA
UMA PARTILHA
DE MEMÓRIAS



CAMINHADA EXPLORATÓRIA

CAMINHADA PELO BAIRRO + MAPEAMENTO COLETIVO + CONVÍVIO



DARQ

UNURBINAT

CASA

JARDIM
FORMOSO

